

BRUNO BERTOCCO

CRISTIANISMO REDIVIVO

EDIGRAF



EL
GARDIM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Págs.

O que é a verdade	9	
Introdução	15	
As manifestações espirituais	29	
A Interpretação religiosa do fenômeno psíquico		35
A Bíblia, um "todo-sagrado de origem divina"	41	
A Bíblia, o "código da palavra de Deus"	47	
O cristianismo sectário	51	
A salvação pelo sangue derramado na cruz....	57	
As doutrinas de demônios e os espíritos enganadores		63
Os últimos tempos	67	
Os espíritos enganadores	71	
As doutrinas de demônios	77	
As condenações bíblicas das comunicações espirituais		83
Analisando a Bíblia	89	
O Deus antropomorfo da Bíblia	95	
O Deus guerreiro das histórias bíblicas	101	
O Deus destruidor que as escrituras sagradas apresentam .	105	
As fraquezas e as paixões do Deus dos hebreus	111	
As injustiças e os feitos fantásticos que eram atribuídos a Deus Jeová	117	
As incoerências e as contradições bíblicas a respeito de Deus	121	
Os anjos e os demônios bíblicos	125	
A proibição das práticas espirituais que consta na Bíblia .	129	
O medunismo dos profetas hebreus.....	135	
A atuação dos espíritos no cristianismo primitivo	145	
O tempo do esclarecimento dos fenômenos psíquicos		155
A lei da reencarnação	163	

O QUE É A VERDADE?

Pilatos perguntou a Jesus o que era a verdade e Jesus não respondeu. Muita gente se apoia nesse fato para negar a possibilidade de definirmos a verdade. Mas acontece que, segundo vemos no Eclesiastes, Deus fez tempo para tudo. Não era aquele, evidentemente, o momento propício a explicações filosóficas. Seria tolice pensar que Jesus não soubesse definir a verdade. Havia pelo menos dois motivos bastante fortes para o seu silêncio: a inoportunidade da pergunta e a incapacidade de Pilatos para compreender a resposta.

A Ciência, a Filosofia, a Religião, a Arte são formas de busca da verdade. Todos os que se servem dessas formas poderiam ser considerados loucos, ou pelo menos

visionários, se não tivessem uma ideia do que seja a verdade. Mas, por outro lado, seria absurdo pensarmos que todos eles sabem de antemão *qual é* a verdade que estão buscando.

Costuma-se dizer que a verdade é uma só. Não existem duas verdades. E isso está certo no plano do absoluto, mas acontece que somos seres relativos e vivemos condicionados no plano do relativo. Define-se hoje a verdade, filosófica e psicologicamente, como a relação exata do pensamento com a realidade. Se vemos uma cadeira e dizemos: "Ali está uma cadeira'*", isso é verdade; mas se dissermos que é um sofá estaremos enganados ou mentindo.

Essa definição da verdade é relativa. Há os que propõem definições pretensamente absolutas, como esta: "A verdade é Deus." Hoje, nem mesmo a Teologia, que é uma pretensão de conhecimento absoluto, pode aceitar essa definição. Os teólogos foram de tal maneira confundidos por Deus que já chegaram a criar a moderna e sofisticada *Teologia Radical da Morte de Deus*, da qual extraíram esta contradição religiosa: o *Ateísmo Cristão*. Os cristãos ateus aceitam o Cristo histórico mas rejeitam o Deus absoluto. (Ver, entre outros livros, "A Morte de Deus", de Thomas Altizer e William Hamilton, edição Paz e Terra, **1967**, tradução de Maria Luisa César.)

Vemos assim que há pelo menos duas verdades que podem coexistir: a verdade absoluta e a verdade relativa. Mas a verdade relativa pode também dividir-se em várias verdades menores. Dizemos, por exemplo: "O menino feriu-se no dedo" e alguém nos replica: "Isso é mentira, ele feriu-se no braço." Ficamos indignados e sustentamos a *nossa verdade*, mas o nosso adversário também sustenta a sua. Vamos esclarecer o fato e vemos que cada um de nós estava apenas com uma parte da verdade, pois o menino se havia ferido no dedo e no braço. Quanto à verdade absoluta os nossos enganos são muito mais lamentáveis. Basta ver o que aconteceu com os teólogos, que acabaram *matando* Deus.

Este livro de Bruno Bertocco — um paciente garimpeiro da verdade — é uma tentativa de atingir a verdade absoluta através da verdade relativa. Pode parecer uma tentativa temerária, mas não é. Porque o método de Bertocco é o indutivo, o método baconiano e cartesiano da Ciência, hoje dominante em todo o pensamento especulativo. Depois da crítica da razão, feita por Kant, o agnosticismo se fez moda e abriu caminho ao pragmatismo do século. Kant negou a nossa possibilidade de conhecer o absoluto, pois a razão é relativa. Mas Kardec, fazendo a crítica da fé, mostrou que podemos chegar ao absoluto pelo relativo. Assim, restabeleceu a unidade do Conhecimento, que havia se dividido em regiões antípodas.

Hoje a própria Ciência indutiva e realista, que se tomou adversária da Religião dedutiva e idealista, comprovou a verdade kardeciana. Partindo da verdade relativa da estrutura da matéria ela conseguiu pôr os pés no limiar da verdade absoluta do espírito, descobrindo a antimatéria e até mesmo o corpo espiritual do homem, que sobrevive à morte. A tese kardeciana da unidade do Conhecimento está hoje

plenamente vitoriosa. Ciência, Filosofia, Religião e Arte não apenas podem, mas devem, e mais do que isso, *têm* de entrosar-se num esquema geral do pensamento.

Bertocco, imbuído desse novo espírito, preocupa-se neste livro com a posição ilusória das seitas religiosas que se apegam a trechos isolados das Escrituras Sagradas do Judaísmo e do Cristianismo para se arrogarem a posse da verdade absoluta. O importante é que ele mesmo viveu essa posição ilusória e por isso nos propõe o problema firmado em sua experiência pessoal. Claro que nem todos os *crentes* estarão em condições de compreender a exposição de Bertocco, pois a *fé cega* não tem olhos de ver, nada enxerga fora de si mesma. Os crentes de olhos fechados continuarão onde estão. Mas aqueles que já conseguiram abrir uma frestazinha nas pálpebras serão grandemente auxiliados por este livro de paciência e de lógica.

Estamos na Era do Espírito, na fase apocalíptica em que um novo Céu e uma nova Terra nascem ao nosso redor. As mentes se abrem para novas dimensões da realidade, facilitando o acesso ao absoluto através do relativo. Temos diante de nós a escada de Jacob, com anjos descendo e subindo no trânsito do infinito. Paralelamente a essa escada invisível temos a escalada visível do Céu pelos astronautas. O mundo se alarga e o Céu se abre em caminhos siderais diante de todos nós. Inútil continuar a supor que certas passagens isoladas do Velho e do Novo Testamento podem constituir toda a verdade que os nossos espíritos buscam neste mundo e no outro.

Livros como este chegam hoje a nos desconsolar. Vemos Bertocco esmiuçar como um velho rabino judeu de há dois ou três mil anos, metido na fuma de uma sinagoga, pequenas passagens das Escrituras numa Jerusalém pastoril. Lembramo-nos do rabino Ákiba, tão minucioso que conseguia tirar, de uma simples vírgula da Torá, nada menos de dez sentenças. Essa exegese microscópica nos dá arrepios. Não estamos mais no tempo sem pressa das civilizações agrárias, mas no tempo acelerado da civilização tecnológica. E chegamos a pensar que Bertocco perde inutilmente o seu precioso tempo.

Mas é preciso lembrar que o nosso mundo não é homogêneo, não é um bloco de pedra atirado no espaço. Pelo contrário, o nosso mundo é um organismo vivo, como os gregos já haviam percebido antes de Cristo, um organismo constituído de elementos físicos e dos reinos vivos que hoje conhecemos muito bem. E mais do que isso, que o último desses reinos, o hominal ou humano, divide-se em várias faixas ou planos evolutivos. Enquanto a faixa mais adiantada trata de conquistar o espaço sideral, a faixa mais atrasada — que é a maior, constituindo imensa maioria — insiste em conquistar o Céu através de preceitos mágicos, de princípios dogmáticos há muito superados.

Bertocco se esforça por ajudar essa gente que vem se arrastando atrás do carro do progresso. Desce como um anjo bíblico extemporâneo até o chão do religiosismo obscurantista, de Escrituras em punho, falando a língua do passado

para ensinar com muito jeito a língua do futuro. É um abnegado. E realiza um trabalho que é de importância vital neste momento, sacudindo o pó dos espíritos para que eles se integrem na realidade nova do planeta. Quem já acordou está na obrigação de acordar os que ainda dormem, pois o tempo avança rápido e quem continuar dormindo pode perder o horário da última nave espacial.

As igrejas — todas elas — estão superadas mas ainda são necessárias. Desde o momento em que o Espiritismo levantou de maneira científica o véu dos antigos mistérios, todos os formalismos religiosos caíram no passado. Hoje sabemos sem sombra de dúvida que morrer no aquém é renascer imediatamente no além, e que nascer aqui é morrer no além. Morte e nascimento são duas faces da moeda da vida. As igrejas em geral contestam isso e se apegam aos seus dogmas absurdos. Mas enquanto a Ciência avança, confirmando dia a dia a realidade incontestável da visão nova que o Espiritismo oferece, a ignorância desse processo e o apego medroso aos dogmas retêm a maioria das criaturas nas brumas do passado. Entretanto as próprias Escrituras Sagradas, em cuja letra que mata os teólogos se suicidaram, trazem no seu espírito que vivifica — segundo a bela expressão do apóstolo Paulo — as mais evidentes confirmações da realidade espírita.

Seria, pois, falta de humanidade e até de caridade esquecer esses elementos vitais das Escrituras, que devem ser postos em evidência para que os crentes de todos os cultos possam participar da verdade dos novos tempos. O que Bertocco faz neste livro, com inegável mestria, é colocar esses elementos vitais ao alcance de todos os espíritos de boa vontade.

Os crentes que lerem este livro verão que não precisam desprezar as Escrituras Sagradas, não precisam negar os fundamentos de suas religiões para adquirirem a cidadania da nova era. Não precisam fazer nada disso porque a Sabedoria Divina falou aos homens, nos tempos heróicos das grandes revelações, usando a linguagem dupla do presente e do futuro. O que ontem foi entendido de maneira literal, hoje pode e deve ser compreendido de maneira espiritual. Essa a grande lição deste livro, que é um gesto de amor e de solidariedade humana.

J. HERCULANO PIRES

São Paulo, Setembro de 1972

INTRODUÇÃO

Vivendo ainda sob a influência da atmosfera interpretativa do sectarismo cristão, depois de ter-me afastado da igreja evangélica "Casa de Oração", onde permaneci de 1937 a 1938, atendendo à sábia recomendação do amado Mestre Jesus, iniciei a jornada da minha libertação espiritual.

Logo depois, por volta de 1940, quando já havia dado alguns passos no caminho que leva aos reais conhecimentos espirituais, que é encontrado somente por aqueles que já se despiram dos preconceitos religiosos, das formalidades e

prevenções humanas, naturalmente já na condição de aprendiz, reconsiderando as interpretações literais dos textos bíblicos que são feitas pelas seitas cristãs, e pensando nos que continuaram presos à "letra", senti a vontade de fazer algo por eles.

Embora ainda sem os devidos conhecimentos da Doutrina Espírita, fui inspirado a escrever algumas linhas dirigidas aos que se encontravam na condição em que me encontrava com o propósito de esclarecer o real sentido de uma advertência que o apóstolo Paulo faz a Timóteo, quando lhe escreveu a sua primeira epístola, a qual muito impressiona os crentes das igrejas evangélicas. E com o esforço de quem ainda não estava em condições para tal trabalho, mas ajudado espiritualmente, consegui redigir um pequeno artigo, procurando elucidar que o seu aparente sentido era devido à coincidência de termos que eram usuais na época.

Minúsculo trabalho, aliás o primeiro, que foi impresso somente alguns anos depois na forma de um folheto de **17** páginas, cujo contexto vai abaixo transcrito na sua forma original.

“A DOCTRINA DE DEMÔNIOS E OS ESPÍRITOS ENGANADORES”

Antes de tudo, devo dizer que este humilde opúsculo é fruto da intenção sincera de esclarecer, à luz da verdade, o real significado de um dos versículos da primeira Epístola de Paulo a Timóteo, que, pela aparência da forma literal, é interpretado erroneamente.

Ainda que de forma sucinta e singela, estas poucas linhas que seguem darão uma ideia da razão desta modesta explicação.

Sedento de conhecimentos espirituais, aspirando ardentemente encontrar algo que me conduzisse às veredas da verdade, e nutrindo a esperança de que uma réstoa de luz iluminasse meu entendimento, para me aclarar a obscura perspectiva do panorama da Espiritualidade, formada pelas ideologias humanas, em torno do Criador e das manifestações supraterras, um dia tomei-me membro de uma das congregações evangélicas que estão disseminadas por toda a parte.

Passado algum tempo, depois de ter-me familiarizado com o ambiente e ter já analisado e estudado o corpo de doutrina em que estava fundamentada a igreja, comecei a notar falta daquela harmonia que se me afigurou inicialmente. Constatei que havia desentendimento entre as próprias seitas do evangelismo cristão, portanto, distinguindo-se entre si, com denominações diferentes.

Por essa causa e por outras que foram surgindo a respeito da doutrina e sua filosofia, assunto esse que não se enquadra nos propósitos deste pequeno comentário, sentia-me contrariado, dimanando do âmago de meu ser rogos ao Alto para ajudar-me a discernir a caótica perspectiva que me apresentava o panorama religioso.

Embora congregado ainda, consegui romper os laços do preconceito sectário, e inicialmente procurei analisar e estudar o porquê da existência de tantas seitas evangélicas, todas elas baseadas no Novo Testamento de Jesus Cristo, com exceção de algumas que estão baseadas também em alguns textos do Velho Testamento.

Depois de alguma inquirição, feita diretamente aos pastores de cada igreja, verifiquei que cada uma delas estava fundamentada na forma de interpretação de capítulos e versículos dos livros do Velho Testamento, dos Evangelhos de Cristo e das Epístolas dos Apóstolos.

Por fim, cheguei à conclusão de que o protestantismo de Lutero se foi multiplicando à medida que havia divergência entre os dirigentes das igrejas, na interpretação de algum ponto fundamental do corpo de doutrina.

Da dissensão surgia o afastamento de alguém, que sempre era acompanhado por certo número de prosélitos, redundando, praticamente, na fundação de uma nova seita.

Uma vez concluído o exame de como se havia originado a multiplicidade de congregações evangélicas, e verificado que cada uma, de per si, considera-se como a única seguidora dos verdadeiros ensinamentos de Jesus, portanto, a que está no caminho certo, e julga que todas as demais não estão seguindo, verdadeiramente, o Mestre, consideradas, então, fora do caminho certo, determinei afastar-me da congregação a que pertencia, a fim de poder livremente examinar tudo e colher o que é bom (The. **5;21**), em busca da verdade, a verdade que me faria livre (João — **8;32**).

Procurei, então, dedicar-me ao estudo, ainda que superficial, de certas filosofias espiritualistas e do esoterismo, e inteirar-me da parte experimental, que na teosofia e no esoterismo tratam especialmente do desenvolvimento do "Eu" e seus respectivos "dons", e na prática espírita, consiste essencialmente na comunicação dos espíritos, que se processa de múltiplas formas, através das várias faculdades mediúnicas que certas pessoas possuem, e que são também desenvolvidas na prática experimental.

Deixava-me confuso a discordância que certos textos da Bíblia apresentam com relação à fenomenologia espiritual

Preocupado com essas coisas, meditava, sequioso de explicação, como podia a letra de certos textos da Bíblia, discordar tanto da fenomenologia espiritual, já comprovada como autêntica, e reconhecida pelos seus frutos, como sendo procedente do bem. (Mat. — **7; 16**).

Absorto em pensamentos sobre esse intrincado problema, focalizei um dos textos que quando congregado já me preocupava bastante, e que continuou a preocupar-me, e, num relance, foi-me dado vislumbrar a significação desse versículo, que depois se mostrou explicitamente em toda a sua extensão.

Trata-se do **19** versículo do capítulo **49** da primeira Epístola do apóstolo Paulo a Timóteo, versículo esse que na sua concatenação estrutural da elocução, a interpretação

segundo a letra, apresenta um sentido que parece predizer o advento do Espiritismo.

Somente os que conhecem o ambiente das congregações evangélicas é que sabem o que representa aos crentes, esta advertência que Paulo faz a Timóteo.

Portanto, conhecedor dessas particularidades sectárias, a vontade de transmitir a interpretação da advertência que Paulo fez a Timóteo, tal qual pude conceber, a todos os que a interpretam da forma que eu também a interpretava, animou-me na elaboração deste pequeno trabalho.

Eis a predição que, na sua forma aparente, é uma verdadeira cadeia que ata milhares de criaturas a uma falsa prevenção: "Mas o espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios" (I Tim. — Cap. **4:1**).

Esta é a predição que, segundo a interpretação dos evangelistas, faz aperceber a tralha, com seus astuciosos engodos, ardilosamente armada por satanás. Pois grande é o número de crentes, principalmente os que pertencem às seitas cristãs, que vêm através desse prisma, com escrupuloso temor, o que se diz hoje Espiritismo.

Quantos não há que ouvem falar do fenômeno da manifestação espiritual, que se difunde por todos os cantos da Terra, testificando a existência do espírito, esclarecendo assim, com perfulgente luz, exceto aos lúcfugos, a pugnada questão da subsistência da criatura humana! Quantos não há que se cientificam de casos fenomenais que levam ao pasmo as criaturas, e de maravilhosas curas, que fazem lembrar o amado Mestre Jesus, comprovando a manifestação de Espíritos bons! Quantos não há que vislumbram esta bendita luz que vem dissipar a bruma que envolve a Humanidade, fazendo-a perceber o quanto está longe a nossa compreensão de tudo quanto nos rodeia e fazendo-a entender que há outros planos além desta vida escolástica, e quanto há para galgar na infinita espiral da evolução! Mas, se conservam à distância, recusando de se aproximarem para averiguar o de que se trata. Não procuram examinar a causa de tais fenômenos, porque cuidam que estão bem prevenidos, e porque têm plena convicção de que ali está a operação do erro que havia de vir ao mundo: A doutrina de demônios presidida por satanás, (n The. **2;11**).

Com efeito, segundo a expressão de Paulo, ou seja, a elocução dos tradutores das cópias da Bíblia, que nos são apresentadas, este versículo dá a impressão de uma previsão que recai na Doutrina Espírita, praticada em nossos dias.

Mas nem sempre a verossimilhança é verdadeira. Interpretar assim é um puro engano, porque este texto não passa de uma simples estrutura de termos coincidentes.

Observando a elocução expressiva das epístolas de Paulo, ou melhor, de todos os livros das escrituras bíblicas, perceber-se-á, então, o quanto fica longe o Cap. **49** da **19** Epístola de Paulo a Timóteo de atingir o Espiritismo. Portanto, ficando claramente demonstrado que essa estrutura de termos é aos crentes, que a observam com relação ao Espiritismo, um simples espantalho.

Não será necessário muito para demonstrar que, de fato, é assim. Bastará

colher apenas alguns textos referentes para ficar licitamente provado que, realmente, isso não é mais que uma pura aparência.

Não será isso torcer as escrituras, segundo a expressão dos evangelistas, nem menos por pantalhas, servindo-se de uns versículos para indumentar outros, a fim de lhes transformar o sentido, mas apenas desnudar a verdade para que ela se apresente nua e pura.

Do texto referido são dois os trechos que parecem referir-se ao Espiritismo:

19) Os espíritos enganadores. 29) As doutrinas de demônios.

19) OS ESPÍRITOS ENGANADORES

Quando o apóstolo Paulo diz: "darão ouvidos a espíritos enganadores", não se está referindo aos espíritos enganadores das doutrinas de demônios, pois está bem claro que a advertência é feita com referência aos crentes que apostatariam, dando ouvidos aos que professavam as doutrinas de demônios.

19) Não seriam os crentes desviados da fé pelo ressurgimento de uma nova doutrina formada por demônios, mas, pelos falsos obreiros e falsos profetas de outras doutrinas e outros credos já existentes.

Advertências sobre os falsos obreiros, enganadores, corruptores e falsos profetas, são feitas por Paulo em todas as suas epístolas, e também pelos demais apóstolos.

Em sua segunda Epístola, no capítulo 39, o apóstolo Paulo toma a advertir Timóteo, dizendo que "haveria nos últimos tempos os apóstatas, os herejes e os falsos profetas". Escrevendo aos Coríntios, Cap. 11; 13, Paulo fala dos "falsos apóstolos e obreiros fraudulentos". Também em sua segunda Epístola aos Tessalonicenses, Cap. 2:3 e 4, ele previne sobre os tais falsos obreiros, dizendo claramente que viria a apostasia e que seria o homem do erro, isto é, o homem ignorante, que na sua falta de conhecimentos, alardearia grandes coisas, a ponto de querer assemelhar-se a Deus.

Na segunda Epístola Universal do apóstolo Pedro, Cap. 2:1, encontra-se a mesma advertência, citando também os falsos profetas. Expressa-se de tal forma que deixa claramente entendida a razão de todas as prevenções feitas pelos apóstolos sobre os enganadores. Ele se exprime, declarando que sempre houve falsos profetas, e naturalmente eles haveriam de surgir entre os cristãos.

Com esta predição, percebe-se explicitamente o que em outras partes é feito de forma ambígua, que não se trata do advento de uma falsa doutrina, mas do ressurgimento de falsos obreiros e de corruptores, já nos primórdios da esclarecedora e reveladora doutrina do excelso Mestre Jesus.

Um pormenor que vem provar, também, a inautenticidade do texto que parece predizer o ressurgimento de uma doutrina de demônios em nossos dias, é computar a cronologia dos tempos que se encontra nas próprias epístolas.

Paulo, em sua segunda Epístola a Timóteo, Cap. 3:1, diz: "Sabe, porém, isto: que nos

últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos, porque haverá avarentos, presunçosos, etc.". Pedro, também, em sua segunda Epístola Universal, cap. **3;3**, diz: "que nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo as suas próprias conclusões, etc.". O apóstolo Judas em sua Epístola Universal, vers. **17**, exorta os crentes a trabalharem pela fé contra os pretidos, então já no mundo, dizendo: "Mas vós amados, lembrai-vos das palavras que vos foram preditas pelos apóstolos de Nosso Senhor Jesus Cristo, os quais vos diziam que nos últimos tempos haveria escarnecedores que andariam segundo suas ímpias concupiscências.*' E o apóstolo João, em sua primeira Epístola Universal, cap.

2; 18, afirma que já se encontravam entre os apóstatas, dizendo: "Filhinhos, é já a última hora, e como ouvistes que vem o anti-Cristo, também agora muitos se têm feito anti-Cristo. Por onde sabemos que é já a última hora.*'

Fica demonstrado, por esses textos, a época que abrange os últimos tempos que são citados nas epístolas apostólicas, os quais, segundo a interpretação da maioria dos leitores da Bíblia, se estendem até aos nossos dias, dando a entender que as previsões e advertências dos apóstolos são dirigidas aos crentes de hoje. Se bem que as boas advertências e admoestações sejam extensivas a todos em qualquer época.

Assim, fica explicado, sem deixar dúvidas, que tanto a advertência do cap. **4;1**, da primeira Epístola de Paulo a Timóteo, que parece referir-se ao Espiritismo de nossos tempos, bem como as demais predições sobre os escarnecedores, os enganadores e os falsos profetas, eram consideradas, como afirmam as próprias escrituras das epístolas dos apóstolos, como foi visto, já consumadas entre os cristãos primitivos.

Embora tenha ficado esclarecido a que época se referem os últimos tempos que são citados nas epístolas apostólicas, e que os enganadores e os falsos profetas já se encontravam entre os cristãos, desde os primórdios do Cristianismo, não quer dizer que os tais enganadores e os falsos profetas não existam em nossos dias, mas pensamos que se terão propagado consideravelmente.

Em seguida observaremos que se é o espírito que expressamente diz, advertindo que apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, isto é, que muitos crentes dariam ouvidos, através de falsos profetas, a espíritos enganadores, claro que os cristãos primitivos já se comunicavam com os espíritos.

Mas, com certeza, contestará o crente evangelista, dizendo que o espírito que se comunicava com os cristãos no início do Cristianismo, era o Espírito Santo, segundo a promessa, e que toda e qualquer outra manifestação espiritual é obra do maligno e provém de satanás.

De acordo com a interpretação do Protestantismo evangélico e suas ramificações, e de quase todas as religiões que estão baseadas no Cristianismo, está certo este modo de redarguir. Está certo também que os apóstolos, principalmente Paulo, falam muito na manifestação do Espírito Santo. Mas, é verdade também que encontramos por toda a Bíblia, desde o Velho Testamento, passagens e citações referentes a esse ponto com

perspectivas diferentes, que fornecem luz suficiente para explicar esta fundamental e dogmática questão do Espírito Santo.

Basta compulsar o Novo Testamento, e alguns dos trechos referentes demonstrarão claramente que os apóstolos, algumas vezes, dão a entender que havia comunicação de espíritos e não de um único Espírito Santo.

Em Lucas, cap. **2;25, 26, 27**, encontramos uma passagem muito interessante, que é a seguinte:

“Havia em Jerusalém um homem, cujo nome era Simeão, e este homem era justo e temente a Deus, e esperava a consolação de Israel, e o Espírito Santo estava com ele.” “E fora-lhe revelado pelo Espírito Santo que ele não morreria antes de ter visto o Cristo do Senhor, etc.”

Nota-se que esse homem justo e temente a Deus, profetizava pelo Espírito Santo. Mas, deve-se observar que o Espírito Santo ainda não tinha sido dado, pois trata-se de uma promessa que deveria cumprir-se posteriormente à glorificação de Jesus. Como esclarece João em seu Evangelho, cap. **7:39**, que diz: “E isto disse ele do Espírito Santo que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espírito Santo ainda não fora dado, por Jesus não ter sido glorificado”.

Este texto deixa demonstrado, sem nenhuma dúvida, que o Espírito Santo (espírito bom) que se manifestava em Simeão não era o Espírito Santo da promessa, que teve a sua manifestação inicial no dia do Pentecostes, quando cumpriu-se a promessa, conforme está em Atos dos Apóstolos, cap. **2: 1, 2, 3, 4**.

Como foi visto, Simeão profetizava por meio de um Espírito Santo, que não era o Espírito Santo da promessa.

Outro trecho também interessante encontramos em Atos, cap. **16: 16**, que é o seguinte: “E aconteceu que, indo nós à oração, nos saiu ao encontro uma jovem que tinha um espírito de adivinhação, a qual adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores”. Aqui está mais um espírito que se manifestava, fazendo a jovem adivinhar, sem ser o Espírito Santo da promessa, e que também não era um demônio pertencente “às falanges de satanás”, pois a escritura diz ser um espírito de adivinhação, sem aludir mais nada, como o faz quando se trata de um espírito mau (espírito sofredor), que ora é taxado de demônio, ora de espírito imundo.

O apóstolo Paulo na sua primeira Epístola aos Coríntios, cap. **14:32**, embora em outro lugar diga que muitos eram os dons, mas que só um era o espírito, expressa-se, dizendo: “E os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas, porque Deus não é Deus de confusão senão de paz”. Assim ele se expressou num ponto de sua epístola, quando falava acerca dos dons espirituais, e da ordem que havia de ser mantida na igreja.

Conforme já foi dito, não obstante, o apóstolo Paulo fale da unidade do Espírito Santo, referindo-se aos dons espirituais dos crentes, ele fala nos espíritos dos profetas que se manifestavam nos que tinham o dom da profecia.

O apóstolo João, em sua primeira Epístola Universal, cap. **4:1**, advertindo os crentes sobre os falsos obreiros e os falsos profetas, expressa-se, dizendo:

"Amados, não creiais a todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus."

Esta recomendação do apóstolo João deixa bem explicado que os crentes recebiam mejisagens (tinham assistência) de vários espíritos. Com efeito, João não recomenda provar se o espírito era de Deus, mas se os espíritos eram de Deus. Tornando-se evidente, sem dúvida alguma, que era mais de um espírito que se comunicava com os crentes. Portanto, conforme a expressão de João, eram espíritos de Deus os que se manifestavam, dando testemunho do Cristo, e eram espírito do anti- - Cristo os que não o fizessem. (João — Cap. 4:2, 3).

Embora se encontrem por toda a Bíblia muitos textos referentes a este ponto, os que foram apresentados são suficientes para deixar demonstrado que a advertência que o apóstolo Paulo faz a Timóteo, através do espírito que a ele se manifestava, não se refere ao Espiritismo de nossos tempos, e sim aos últimos tempos que se cumpriram nos primórdios do Cristianismo, como nos testifica o apóstolo João na sua primeira Espístola Universal, já vista anteriormente.

Portanto, podemos concluir a explanação da primeira parte, apreciando o quanto a advertência de João esclarece a interpretação do versículo 19 do cap. 49 da primeira Epístola de Paulo a Timóteo.

O apóstolo Paulo adverte a Timóteo sobre os espíritos enganadores, e o apóstolo João também adverte os crentes sobre os espíritos enganadores, recomendando para não crerem em todos os espíritos, mas para provarem se os espíritos eram de Deus. Ora, pela correlação destas duas advertências, fica elucidado que os espíritos enganadores já se manifestavam no seio do Cristianismo apostólico. De mais a mais, é claro e compreensível que se o apóstolo João adverte aos crentes para não crerem em todos os espíritos, provado fica que em alguns poderiam crer, e, ao mesmo tempo, patenteia-se também que não era um único espírito que se manifestava, porém vários; santos (bons) e enganadores e anti-Cristo (maus). Daí a necessidade de prevenir para não se crer em todos. Conseqüentemente, "o espírito expressamente diz" em Paulo a Timóteo, era um dos que se podia crer.

Por fim, não é demais reconsiderar o inestimável valor de certas frases que os apóstolos expressaram em suas epístolas, as quais tinham a finalidade de admoestar, advertir e transmitir alguns ensinamentos aos crentes. E é de suma importância o sentido que certos trechos traduzem, esclarecendo alguns pontos da doutrina no início do Cristianismo.

Esses textos que se colhem aqui e acolá nos livros da Bíblia, são verdadeiras revelações, pois deixam entrever pontos essenciais que dão a entender particularidades doutrinárias, discutidas ainda hoje.

Mau grado dos dogmáticos e dos sustentadores do preconceito sectário, é incontestável e inegável que as citadas expressões dos apóstolos demonstram clara e indubitavelmente que havia prática espiritual, isto é, manifestação de espíritos no seio da profissão de fé do Cristianismo, e que foram estes que

desceram em forma de línguas de fogo, fazendo os apóstolos falarem línguas estranhas, produzindo sinais e maravilhas, e fazendo "miraculosas" curas em nome do ILUMINADO MESTRE JESUS. Sim, foi o cumprimento da promessa, a descida do Espírito Santo (espíritos bons, os anjos do Senhor).

Efetivamente, a citação do apóstolo Paulo "e os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas", a sua advertência, "o espírito expressamente diz", são fanais que jorram suficiente luz para esclarecer que a doutrina da manifestação dos espíritos já era professada pelos próprios apóstolos e discípulos.

29) AS DOCTRINAS DE DEMÔNIOS

As doutrinas de demônios citadas pelo apóstolo Paulo em suas epístolas, que segundo a letra parece referirem-se à doutrina de demônios, têm um sentido diferente, e nada têm que ver com doutrinas baseadas na comunicação de espíritos.

Quando Paulo menciona a apostasia, diz que alguns crentes seriam pervertidos por doutrinas de demônios, é claro que se está referindo a várias doutrinas. Ele não está visando a uma única doutrina, porém a mais de uma, derivadas de outros credos.

O que o apóstolo Paulo diz pertencer a demônios é particularmente à idolatria que se está referindo, como ficará demonstrado a seguir.

Esta interpretação parecerá ser viciosa, mas não se pensará assim desde que se saiba que o denominar doutrina de demônios ao culto de imagens, já era usado por Moisés e os profetas (Lev. 17 ;7 — Deut. 32; 17 e Salmos — 106;36 e 37).

Tanto Moisés como os profetas, quando admoestavam os israelitas para se absterem dos ídolos, expressavam-se dizendo que os cultos e os sacrifícios oferecidos aos deuses estranhos, que é a idolatria, eram oferecidos a diabos e demônios e não ao Deus vivo.

Portanto, não é de estranhar que Paulo, sendo judeu israelita (Rom. 11 :1), observador da lei e dos profetas, se expressasse da mesma forma.

Uma das suas advertências referentes a essa interpretação, e que com toda clareza confirma a sua exatidão, é a que Paulo faz aos Coríntios. Em sua primeira Epístola, cap. 10; 19 e 20, ele os adverte da seguinte forma: "Mas que digo? Que o ídolo é alguma coisa? Ou o sacrifício é alguma coisa? Antes digo que as coisas que os gentios sacrificam, as sacrificam aos demônios e não a Deus".

Esse trecho, sem dúvida, fornece uma ideia formal, deixando explicado a que se refere a citação de "doutrina de demônios" e acusa distintamente qual a sua significação, ficando assim esclarecido que a doutrina de demônios, mencionada por Paulo na sua Epístola a Timóteo, refere-se à idolatria.

É evidente que, se o apóstolo Paulo em sua Epístola aos Coríntios taxa de culto

de demônios à idolatria, logicamente a sua advertência feita a Timóteo terá o mesmo sentido.

Todavia, não se deve pensar que estariam os gentios, verdadeiramente, em comunicação com demônios. Certamente não, pois sabe-se que os gentios eram simplesmente idólatras, e, induzidos pelas credências e superstições, eram levados a prestar culto, a sacrificar aos ídolos.

E se Moisés, os profetas e o apóstolo Paulo se expressavam dessa forma com referência à idolatria, naturalmente seria para melhor esclarecer aos israelitas e cristãos quanto à diferença que havia entre a idolatria (culto aos deuses mortos) e o culto ao Deus vivo, o verdadeiro DEUS.

Finalizando, espero que o comentário apresentado, que representa um exame sincero, destituído de preconceito, do texto que na estrutura da elocução pode ser interpretado diferentemente do real sentido que lhe corresponde, tenha demonstrado a que o apóstolo Paulo quer aludir, quando escrevendo a Timóteo, diz: "Que, nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios".

Como esse versículo que foi exposto, quantos não há que dão lugar a várias interpretações, causando assim, divergências doutrinárias! Quantos não há que, tomados ao pé da letra, traduzem sentido diferente!

Mas, acima de tudo está o que é singular em si; o que é indúctil; o que não se pode faccionar, e que muito menos admite indúvias: A VERDADE!

Esse modesto panfleto, que bem retrata a carência de conhecimentos doutrinários e a falta de aptidão literária do seu autor, portanto, eivado de erros e lacunas, e sem nenhuma profundidade filosófica, na ocasião representou uma singela contribuição de quem, pelo honesto anseio de fazer algo pelos seus irmãos em Cristo, num todo-esforço, fez o que pôde da melhor forma possível.

Agora, depois de muitos anos, revendo as coisas do passado, num breve exame do que fora feito naquela época, recordando as razões que me levaram a objetivá-lo, senti novamente o mesmo problema, porém, desta feita, de forma diferente, e creio que por inspiração do Alto tive a ideia de desenvolvê-lo, transformando-o em um livro.

Concretizada a ideia, então procurei verificar de que modo seria ele desdobrado e, como não podia ser diferente, concluí que deveria ser com base na própria Bíblia.

Assim, compulsando os livros que estão enfeixados nas escrituras bíblicas, do "Gênesis" ao "Apocalipse", colhi tudo quanto me pareceu interessante para ser argumentado sobre os fenômenos espirituais e suas errôneas interpretações que são feitas pelos antigos e hodiernos sectários religiosos, e a respeito do Poder Absoluto, da Indefectível Justiça e do Supremo Amor de Deus, que as criaturas daquela época, pela falta de condição evolutiva, confundiam com a falível justiça, com o relativo poder e com o elementar amor do ser humano, embora elevado ao

expoente máximo da sua compreensão, bem como sobre tudo quanto, hoje, contraria a razão e a lógica contemporânea, e está em desarmonia com o progresso da ciência, que se apresentam como absurdos e incoerências.

Relatos de acontecimentos, citações de fatos ocorridos, detalhes históricos do povo hebreu, descrições de fenômenos espirituais, etc., que foram classificados de acordo com a natureza da matéria a ser tratada, respectivamente, em cada capítulo deste despretensioso trabalho.

Apesar do longo tempo decorrido de quando surgiu o artigo que deu origem a esta modesta produção, em quase nada as coisas mudaram com referência ao meu desenvolvimento nos conhecimentos espirituais e ao meu progresso de beletrista, contudo, sinto a mesma satisfação íntima de, sem ter quase nada avançado nos conhecimentos do Espiritismo e não ter adquirido a capacidade de quem escreve, ter podido, com a ajuda do Plano Espiritual, acrescentar algumas páginas mais às poucas do folheto inicial. E mesmo porque são elas nascidas da aspiração de quem procura, honestamente e sem nenhuma paixão, reconhecer unicamente a verdade das coisas e dos fatos, e também porque elas representam uma expressão sincera de quem, embora sem muito possuir, fraternalmente dá o pouco que tem de boa vontade.

O AUTOR

CAPITULO I AS MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS

Presentemente a Humanidade ainda se encontra dividida sobre a questão da vida espiritual.

A maioria dos seres humanos crê que existe uma alma ou espírito que sobrevive à morte do corpo material, e uma minoria persiste ainda na descrença da sua realidade. Mas, entre essa grande maioria que admite a existência de uma essência extrafísica, é somente uma pequena parte que tem conhecimento esclarecido de que a pessoa que vive aqui na Terra é, de fato, apenas uma organização material, temporariamente animada por um indivíduo espírito que já existia anteriormente à sua incorporação neste mundo e que continuará vivendo no Mundo Espiritual, depois do abandono da forma física que lhe serve de roupagem neste plano de vida. E os demais aceitam a teoria da existência do espírito como simples crença, sem as luzes de uma positiva filosofia, fundamentada na comprovação científica do fato. Aprenderam, pelo que é administrado pelas religiões, que a criatura humana tem uma alma que Deus a criou por ocasião do seu nascimento e, quando chega a morte, ela vai, conforme a crença, para o Céu ou para o purgatório, ou para o inferno, ou

para o reino dos escolhidos, etc. E foi-lhes ensinado também que há o Céu, onde está Deus com os seus anjos, arcanjos e serafins; e o inferno, onde está o diabo e os seus demônios.

Como sabemos, as religiões que estão fundadas no Cristianismo baseiam-se, como o Judaísmo, na Bíblia. E a Bíblia, como o seu próprio nome indica, é uma reunião de livros escritos por diversos autores em várias épocas, a começar pelos de Moisés, seguindo-se todos os demais que estão enfeixados no Velho Testamento, e mais os Evangelhos, Atos dos Apóstolos, as Epístolas dos Apóstolos e o Apocalipse, que foram juntados posteriormente como Novo Testamento.

No Velho Testamento está a história da formação do mundo, a história do povo judeu, o corpo de sua doutrina religiosa, as profecias, etc. E o Novo Testamento é a documentária que registra, nos Evangelhos, o nascimento, missão, e obra do Iluminado Mestre Jesus e, em Atos dos Apóstolos e suas Epístolas, a história do Cristianismo primitivo.

Quando a maioria dos povos estava ainda presa à idolatria do politeísmo, o povo israelita já rendia culto ao Deus vivo, único Senhor dos céus e da Terra.

Segundo a história bíblica, Jeová, o verdadeiro Deus, se comunicava com o seu povo dileto daquela época, que era a raça judaica. O povo de Israel era orientado por Deus que, na maioria das vezes, lhe falava "pessoalmente", através dos mentores e dos profetas, ditando-lhes o que deveriam fazer para andarem segundo a Sua Vontade, dizendo-lhes o que não era do Seu agrado, proibindo-os de fazerem o que o contrariava, prevenindo-os das coisas que vinham prejudicá-los, etc. E quando se fazia necessário intervinha "diretamente em favor dos seus escolhidos". Mas, também castigava-os duramente, quando desobedeciam as Suas ordens, e, até mesmo, destruía-os, quando transgrediam o que era proibido.

Encontramos também na Bíblia muitas referências a respeito da idolatria professada por outros povos, dos adivinhadores, dos magos, dos necromantes, etc. E pode-se fazer uma ideia da situação dos povos daquelas afastadas épocas. As inclinações da materialidade prevaleciam em todos os sentidos. De sorte que, as manifestações psíquicas que se produziam espontaneamente em certas criaturas, as que tinham as correspondentes faculdades mediúnicas desenvolvidas, eram usadas quase que exclusivamente para fins de interesses terrenos.

Práticas de comunicações espirituais que, em nome de Deus, Moisés proibia, por serem consideradas como oriundas das evocações dos maus espíritos dos mortos, que eram feitas pelos necromantes, pelas pitonisas, pelos feiticeiros, pelas sibilas, etc. Comunicações espirituais condenadas e rejeitadas, em virtude de serem usadas com o propósito de resolver os problemas materiais e de satisfazer os ainda grosseiros apetites da animalidade. Aliás, exercícios de práticas espirituais que se estendem até nossos dias, cujos protagonistas atuais são os adeptos da quimbanda, da magia negra e de todas as linhas negativas do plano espiritual.

Temos conhecimento hoje de que as atuações espirituais se processam por

afinidade. **1** um fenômeno que se produz independente da vontade humana. E sendo um fenômeno que está sujeito às leis naturais, o espírito é atraído, segundo a lei de semelhança, em estado de atraso ou de elevação, salvo exceções quando, pela boa vontade e humilde submissão do médium, um Espírito superior dele se serve para nos iluminar com ensinamentos mais altos, ou quando um espírito necessitado, já disposto a melhorar a sua situação de sofrimento, aproxima-se dos encarnados que têm condição de beneficiário.

De forma que, as manifestações dos espíritos que, pelo seu baixo nível evolutivo, ainda estão presos a crosta terrestre, alimentando os mesmos apetites e levados pelas mesmas inclinações de quando encarnados neste plano de vida, ou em outro ainda inferior, portanto, voltados às grosseiras satisfações materiais, e à prática do mal, eram tidas pelos nossos antepassados como coisas do diabo e dos demônios.

Assim pensavam os antigos preeminentes do pensamento religioso e igualmente pensam, no presente, os orientadores das religiões que herdaram o patrimônio bíblico. Eram levados pelo sentido que traduzem as letras do Velho Testamento, os rabinos do Judaísmo e, da mesma forma, são levados os pastores, os sacerdotes, os pontífices das religiões de hoje, que estão, literalmente, baseadas na Bíblia.

Os adeptos das seitas que procuram seguir os ensinamentos do Cristo, influenciados pelo que ditam as escrituras do Velho Testamento e pelo que se contêm nas epístolas apostólicas, principalmente as de Paulo, que trazia a bagagem do Velho Judaísmo, vêem em todas as manifestações espirituais, mesmo as que revelam procedência superior, a presença do diabo.

A observância do que "está escrito", pelos rabinos e pelos escribas, os intérpretes das "escrituras sagradas", que representavam a orientação espiritual do povo judeu, era de tal forma a provocar a cegueira do entendimento pois que, ao assistirem os maravilhosos sinais produzidos e as prodigiosas curas praticadas pelo Divino Mestre, disseram que Ele tinha belzebu.

A vigilância dos religiosos hodiernos contra os "assaltos do maligno" é tão rigorosa que não admitem, em seus meios, manifestações espirituais de nenhuma espécie. Mesmo que um espírito se manifeste, dando glórias a Deus, enaltecendo a obra do Mestre Jesus, falando do amor, da justiça, da caridade e da fraternidade, dando testemunho do Divino Evangelho, será ele encarado como um disfarçado demônio, que vem "para enganar os escolhidos".

Isto porque o apóstolo Paulo quando admoestava os crentes sobre os falsos apóstolos, em sua Epístola aos Coríntios, disse: "E não é maravilha, porque o próprio satanás se transfigura em anjo de luz" (II Cor. — Cap. **11;14**).

Essa absurda advertência do apóstolo Paulo, que acabava de sair do Judaísmo, portanto, ainda influenciado pelas "letras", na qual afirma a contraditória possibilidade de um espírito das trevas transformar-se em espírito de luz, faz os crentes esquecerem os sábios ensinamentos do Divino Mestre que, a respeito dos

falsos profetas e dos espíritos enganadores, deixou importantes instruções para ser possível reconhecê-los inequivocamente. Falando sobre os falsos obreiros e os mistificadores, preveniu Jesus, "que vinham vestidos como ovelhas, mas interiormente eram lobos devoradores". Mas, "Por seus frutos os reconheceréis". "Porventura colherão-se uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?" (Mat. — Cap. **7; 15 e 16**).

Esse sábio ensinamento de Jesus deixa perfeitamente esclarecido que podem os falsos profetas e os embusteiros usarem os disfarces da superioridade, da humildade, etc., mas, será somente com a aparência exterior, pois, intimamente, deixarão transparecer a sua legítima identidade, porque não é possível "uma má árvore dar bons frutos" (Mat. — Cap. **7; 18**).

Sabemos que o charlatão poderá iludir os incautos mas, não os que têm noção do assunto em questão. E poderá o embusteiro simular conhecimentos de determinada ciência, ou habilidade sobre certa arte, diante dos que desconhecem o que lhes está sendo impingido mas, não acontece o mesmo com os que têm conhecimento de causa.

Também os "falsos profetas", os "falsos cristos" e os "falsos obreiros", poderão enganar com a palavra da mentira e ludibriar com os feitos fraudulentos os desprevenidos neófitos, porém, perante os já esclarecidos, não irão longe com os seus intentos dolosos, pois logo acabarão por se revelarem o que realmente são, porque não é possível fraudar a verdade com os simulacros da mentira.

E quanto às comunicações dos espíritos, que se processam através das criaturas encarnadas com as correspondentes faculdades desenvolvidas, será facilmente reconhecida a sua boa ou má intenção. Quando um espírito se apresenta, trazendo edificantes mensagens, iluminadas revelações, importantes ensinamentos do Evangelho, ou para assistir um enfermo e aconselhar o bom caminho ao desorientado, é inconfundível, pelos frutos produzidos, que estamos diante de um bom espírito, de um "espírito santo"; e quando um espírito se apresenta zombando dos sentimentos elevados, revelando que ainda sente o prazer de fazer o mal e causar sofrimentos, que a sua intenção é de gerar a desarmonia e desviar o vacilante do bom caminho, não resta a menor dúvida que, pelos seus frutos, é identificado como um espírito das trevas, um "diabo ou um demônio".

Porém, para reconhecer os "espíritos enganadores" e os "espíritos de Deus", é preciso examiná-los, como recomendou o apóstolo João em sua Epístola Universal.

Jamais chegaremos à conclusão do que quer que seja, se nos mantivermos à distância, renunciando de nos aproximar de tal fato para estudá-lo. E nunca chegaremos à realidade das coisas, se nos negamos de reconhecê-las.

Disse o iluminado Mestre Jesus: "Procurai a verdade e ela vos fará livres" (João — Cap. **8; 32**).

CAPITULO II A INTERPRETAÇÃO RELIGIOSA DO FENÔMENO PSÍQUICO

Procurando' o fator-causa do modo do Judaísmo e das religiões cristãs interpretarem os fenômenos psíquicos, é evidente que chegaremos ao que é citado, a respeito, na Bíblia.

A Bíblia, como sabemos, é a base fundamental das estruturas religiosas do povo judeu e das ramificações do Cristianismo sectário.

As escrituras sagradas do Velho e do Novo Testamento contêm muitas citações referentes às manifestações espirituais, expressas de forma que constituem, para os que se prendem ao seu sentido literal, uma advertência que faz com que as atuações espirituais sejam encaradas com prevenção e interpretadas indevidamente.

Encontramos na Bíblia muitas citações sobre as comunicações espirituais, que poderemos enumerá-las na ordem seguinte:

Em primeiro plano estão aquelas que dizem que "Deus falava" com Moisés e com outros mentores ou profetas; depois vêm as que são atribuídas ao Espírito Santo, seguindo-se as que compreendem as mensagens dos anjos enviados de Deus e, por fim, de um modo geral, encontramos as que se referem aos espíritos dos mortos, aos demônios, ao diabo, a satanás, a belzebu, etc.

Assim eram qualificadas as manifestações espirituais pelo povo judeu, quando ainda não tinha, pode-se dizer, nenhum esclarecimento acerca da fenomenologia psíquica.

Remota época a que se refere a documentária bíblica, em que a Humanidade desconhecia a maioria das coisas que hoje conhece. Naquele afastado passado, os homens ainda não conheciam toda a extensão do seu mundo-Terra e, muito menos, a sua verdadeira natureza e condição de um planeta do nosso sistema solar. Pouco ou nada sabiam a respeito dos fenômenos físicos, químicos e astronômicos. Para eles, as causas de tais aparentes mistérios ainda se ocultavam na densa névoa do desconhecido. Todas as coisas que hoje são perfeitamente explicadas e todos os fenômenos que têm as suas causas cientificamente reconhecidas e comprovadas, eram interpretados, segundo o que se lhes afiguravam ser, sem nenhum conhecimento de causa, portanto, sem nenhum fundamento.

É se os seus conhecimentos eram, ainda, relativamente elementares a respeito das coisas e dos fenômenos físicos, por que devemos pensar que eles tinham plenos

conhecimentos dos assuntos espirituais? E por que os religiosos aceitam tudo o que está escrito na Bíblia ao pé da letra? É porque tudo o que é narrado na Bíblia é de origem divina?

Embora ressalte com toda evidência que muito do que está na Bíblia é produto do homem, contudo, quem, com sua palavra autorizada, resolve esta questão, de forma incontestável, é o Mestre Jesus.

Se tudo que consta na Bíblia deve ser mantido como um "todo-sagrado", porque tudo o que nela está escrito é produto de "homens santos" que foram devidamente inspirados por Deus, como se explica que Jesus, não obstante declarar que não tinha vindo para destruir ou abrogar a Lei e os Profetas, com os seus elevados ensinamentos de fraternidade e amor, acabou causando sensíveis, até mesmo radicais alterações no velho Judaísmo?

Que pensarão os religiosos a respeito de tão séria questão? Que o Cristo tinha autoridade para tudo e que, se trouxe novos ensinamentos aos homens, foi porque era chegado o seu tempo? Claro que sim. Porém, com sua doutrina de tolerância e perdão, Jesus modificou os mandamentos de Deus. Pois o que "Deus havia ordenado" a Moisés que estabelecesse como lei, para o seu "povo escolhido", era olho por olho, dente por dente, queimadura por queimadura, ferida por ferida, golpe por golpe, enfim, vida por vida e até, se um boi escorresse alguém, causando-lhe a morte, esse boi deveria ser apedrejado até morrer.

Diferentemente ensinou Jesus, quando disse: "Não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra"; "E ao que quiser pleitear contigo e tirar-te o vestido, larga-lhe também a capa"; "Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem, etc." (Mat. — Cap. **5:39, 40, 41, 44**). E quando os escribas e fariseus o interrogaram a respeito da mulher que foi apanhada adulterando, pois queriam a sua opinião para apanhá-lo em contradição sobre a Lei de Moisés que mandava que fosse apedrejada, respondeu dizendo: "Aquele que dentre vós está sem pecado, seja o primeiro que atire pedra contra ela" (João — Cap. **8:7**).

E se "Deus mandou" Moisés anotar as "suas palavras" como um código divino, para ser observado pelo povo judeu, como poderia ser modificado por Jesus? É exatamente o que intrigava os doutores da Lei judaica.

Mesmo considerando que Jesus era o "unigénito filho de Deus", portanto, com autoridade para fazer e desfazer, jamais pensaria em modificar as Leis e os Mandamentos estabelecidos pelo seu Deus-Pai, pois sabia, perfeitamente, que com Onisciência, Ele, absolutamente, tudo governa com impecável harmonia e indefectível ordem.

Portanto, é absolutamente impossível que aquilo que provém de Deus, a Suprema Inteligência, que é Perfeição Imutável, esteja sujeito às correções da evolução. A verdade, porém, com relação ao que está escrito na Bíblia como

"palavras de Deus", que nos leva a verificar desarmonia na ordem dos superiores Princípios Divinos, é que aquilo que não se harmoniza perfeitamente com as Leis do Criador é produto do homem.

Entendemos hoje que Moisés, que realmente foi um dos grandes guias da Humanidade antiga, para impressionar os israelitas e imprimir-lhes o temor, única forma de fazer com que aceitassem a sua palavra e obedecessem as suas ordens, dizia que era Deus que lhe ordenava que lhes falasse o que deveria ser observado como lei. Assim, pensavam que a rigorosa pena de talião, que vigorava entre eles, era imposta por Deus, que para eles era justo e bom mas, também, intolerante, implacável e vingativo. Drástica e severa lei, que teve a sua aplicação para a mentalidade daquela época. Adequada forma, que exercia poderosa influência nos ânimos das criaturas, evitando que fizessem o que lhes era proibido. A ameaça de um Deus impiedoso e destruidor, era um eficiente freio para conter as investidas do atraso espiritual daquelas criaturas que caminhavam na estrada evolutiva.

É evidente que o Deus extremamente amoroso, soberanamente Justo e Bom, apresentado por Jesus, se era o mesmo Deus que "falava ao povo de Israel" por intermédio de Moisés, não poderia aplicar duros castigos às pobres criaturas que, por não terem ainda consciência esclarecida das coisas, cometiam erros e, muito menos, exigir a morte de alguém que, por ignorar ainda que deveria desejar aos seus semelhantes o que queria para si, tivesse cometido uma falta grave.

E nos dias em que vivemos, já mais adultos no entendimento, sabemos perfeitamente que Deus, concebido como um Pai, Todo Amor, Todo Bondade, Todo Justiça, em tempo algum perseguiu alguém com vinganças por várias gerações; exigiu que alguém fosse exterminado por transgredir o que era "por Ele" proibido; ordenou que uma nação fosse atacada, destruída e saqueada, como consta no Velho Testamento.

Em todos os tempos, em nome dos deuses e de Deus, também foram cometidos muitos crimes e muitas injustiças.

Como foi dito anteriormente, Moisés servia-se do nome de Deus para ser obedecido. E até mesmo quando pretendia tomar as cidades de outros povos, dizia que era Deus que ordenava que deveriam passar pela espada todos os seus habitantes, que tudo fosse destruído, menos as donzelas, que seriam trazidas como escravas, juntamente com o ouro e as demais riquezas existentes.

O mesmo aconteceu com a prática do mediunismo. Moisés proibiu que fossem consultados os que evocavam os espíritos dos mortos, os adivinhos, as pitonisas de outros povos, sob a pena de morte. E em nome de Deus foram assassinadas muitas e muitas criaturas que possuíam faculdades extrafísicas.

E os seguidores das escrituras bíblicas, ainda hoje, não querem ouvir falar em comunicações de espíritos, porque continuam pensando que é coisa proibida por Deus.

Ora, se porque está escrito na Bíblia, é verdade que foi Deus que proibiu a comunicação com os espíritos dos mortos, proibição tão rigorosa que determinou

que quem a violasse deveria morrer, então, também é verdade que Deus, impiedosamente, mandou matar, destruir, despojar, segundo consta na Bíblia.

Os que insistem em manter inalterado tudo quanto está escrito na Bíblia, porque cuidam que ela encerra um todo-sagrado de origem divina, não entendem, ou não querem entender que isso, ao invés de enaltecer a superioridade do Poder e da Justiça de Deus, detrai a Sua inalterável Perfeição Absoluta, reduzindo-O a um Deus humano, imperfeito, falível, caprichoso, vingativo, etc.

Já temos suficiente entendimento para discernir o que provém de Deus e o que é produto dos homens. Tudo quanto não se harmoniza com os elevados e perfeitos predicados de Deus, formulados, superlativamente, pela nossa concepção, não é de Sua procedência.

Pensar que Deus, antigamente, fez certas coisas para provar a Sua Existência e demonstrar o Seu Poder aos homens, é uma incoerência que já não se ajusta à lógica contemporânea.

A transformação do passado para o presente, que se verifica na forma de Deus agir nos feitos e de co- municar-Se com os homens, está baseada na evolução da mentalidade humana, única coisa que, realmente, assinala tais transformações no decorrer do tempo.

Enfim, presentemente, temos plena certeza de que tudo quanto temos conhecimento esclarecido a respeito das sábias Leis que governam os seres e as coisas, da perfeita harmonia dos processos da Criação, do absoluto Poder do Criador, da impecável Justiça Divina, do soberano e sublime Amor do nosso Deus-Pai, assim o é, sem nenhuma possibilidade de mudança ou variação, desde a Sua Eterna Origem e assim o será por toda eternidade.

CAPITULO III A BÍBLIA, UM “TODO-SAGRADO DE ORIGEM DIVINA”

É uma crença muito antiga, baseada nas próprias escrituras, que os livros que estão reunidos na Bíblia foram escritos por homens santos, inspirados por Deus.

O Velho Testamento é o livro sagrado do Judaísmo. Os textos em que se baseiam os rabinos da religião judaica são documentos históricos do povo hebreu, relatos de profecias, registros de crônicas, compilação de salmos e provérbios, etc. E a Bíblia que é usada pelas religiões cristãs é acrescida no Novo Testamento, que é a base do Cristianismo.

Na história do povo judeu, encontramos narrações de feitos extraordinários, produzidos, na sua maioria, “diretamente por Deus”. Um deles, foi a forma pela qual foram transmitidos os Dez Mandamentos que, segundo a história, Deus os

esculpiu com fogo no monte Sinai, sob assombroso alarido de trovões e enceguedor coriscar de relâmpagos, deixando, como está escrito, o monte fumegante porque "Deus ali descera".

Embora os Dez Mandamentos representem, ainda hoje, uma divina orientação para a moral humana, contudo não é mais possível admitir que Deus tenha "descido" no monte Sinai para entregar, "pessoalmente", a Sua Lei a Moisés.

Mesmo admitindo que quando Moisés recebeu o decálogo, realmente, houve tal extraordinário fenômeno, para impressionar o povo de Israel, a fim de que recebessem os mandamentos como uma ordem divina, então seria obra dos espíritos que estavam incumbidos de orientar e guiar os israelitas no caminho do bem.

Há outros fatos sucedidos com o povo judeu que são fabulosamente extraordinários e que hoje são objetos de sérios estudos com pareceres diversos.

A passagem pelo Mar Vermelho, no Êxodo do povo de Israel, é um feito cuja veracidade continua sendo muito estudada.

Particularmente, os espíritos não dizem que é impossível, pois sabem, perfeitamente, que para Deus nada é impossível. O que observam é a incoerência da razão de tal acontecimento.

A história desse importante acontecimento, está baseada na saída do povo judeu do Egito, onde permaneceu, por muitos anos, por "castigo de Deus", como escravo. E quando "Deus entendeu" de livrar o "seu povo" daquela infame e deprimente condição, então serviu-Se de Moisés, dando-lhe poderes extraordinários para guiar os israelitas, bem como para castigar duramente o povo egípcio com horríveis e destruidoras pragas, que culminou com a destruição dos seus exércitos em pleno mar, quando perseguiam o povo hebreu, pois que, por ordem de Moisés, as águas recuaram para os lados, abrindo-se uma estrada para os judeus passarem, cujas águas retornavam à medida que eles passavam, tragando assim, os soldados egípcios que vinham no seu encalço.

Essa história é muito interessante para os que admitem que Deus tinha o seu povo escolhido e dileto. E, com emoção, aprovam essa "reação divina", aqueles que ainda adoram e temem o Deus antropomorfo. Porém, para os que já chegaram à compreensão do Deus Absoluto, Criador de todos os seres e de todas as coisas, Pai, igualmente, de todas as criaturas, sem nenhuma distinção, essa história de Deus ter escolhido um Seu povo dileto e a todos os demais tratá-los como se fossem Seus inimigos, não tem cabimento por ser de origem humana, nascida do preconceito de raça.

Ora, atualmente já sabemos que Deus, Onipotente, Onipresente, Onisciente, é nosso Pai, Todo Amor, Todo Bondade e Todo Justiça. Portanto, não podemos mais admitir que Deus, que é hoje o que era nas remotas épocas, pois é Imutável, perseguisse um povo em defesa de outro.

No passado os seres humanos acreditavam piamente nas versões das histórias bíblicas, nas quais Deus Se encolerizava, perseguia, castigava e matava as pessoas

e os povos e lutava ao lado do "Seu povo", mas, hoje, não se concebe mais tais absurdos. Ao nosso atual entendimento ressalta, com evidente lógica, que tudo quanto se refere a parcialidades, a paixões e a crimes, atribuídos a Deus nas histórias bíblicas, é de autoria dos homens.

O Deus dos hebreus, Jeová, o Senhor dos exércitos, já considerado como único Deus, Criador dos céus e da Terra, era justo e bom mas, também implacável e vingativo, quando o deixavam irado. Galardoava os obedientes e os bons e perseguia, castigava e, até mesmo, matava os desobedientes e os maus. Embora adorado e temido como único Deus vivo, contudo tinha muito dos deuses mortos dos outros povos, que quando enfurecidos, precisavam ser acalmados com orações, oferendas e holocaustos. O que toma claro que atribuíam a Deus o que era dos homens, ou dos espíritos, quando havia manifestações espirituais. Espíritos de diversas categorias de elevação pois que um espírito elevado não recomendaria fossem feitos holocaustos para agradar e acalmar Deus e um espírito atrasado não diria, em nome de Deus, que o que importava era o arrependimento sincero das faltas cometidas e não o holocausto.

Analisando a Bíblia e fazendo um estudo geral dos seus textos, encontraremos ensinamentos, orientações e mandamentos que, embora não tenham sido transmitidos, "pessoalmente", por Deus, mas, certamente, por via mediúnica, não resta a menor dúvida que procedem do Alto. Mas também encontraremos muito que está em completa desarmonia com o que hoje entendemos por divino.

Estabelecendo uma relação de como compreenderemos um homem santo e como compreendiam os antigos, concluiremos que aqueles que eram considerados como homens santos, nos tempos em que foram escritos os livros da Bíblia, em nossos dias seriam julgados grandes pecadores.

Sem a intenção de julgar ninguém, mas com a de elucidar os fatos, tomemos apenas um exemplo, o de Salomão.

Como sabemos, Salomão viveu cercado de caprichosas pompas e extravagante luxúria, possuiu muitas mulheres (algumas casadas) e cometeu muitas faltas, algumas graves, pois mandou matar o próprio irmão.

Atualmente, um homem vivendo nessas condições, jamais seria considerado um santo, mas um grande pecador.

E como Salomão, há outros que cometeram muitas injustiças e graves faltas com seus semelhantes e, contudo, são considerados, pelos seguidores das letras mortas da Bíblia, homens santos que foram inspirados e guiados por Deus.

Salomão era um espírito inteligente e muito bem inspirado. Governou o seu povo com muita sabedoria e fez muitas coisas que merecem nossa admiração. Os livros Provérbios, Eclesiastes e Cânticos da Bíblia são considerados de sua autoria.

Em Provérbios, Salomão demonstra a sabedoria de homem vivido, de aguçada percepção, revelando valores adquiridos na escola da vida. Mas, não encontramos,

nos seus interessantes e sábios provérbios, nenhuma mensagem que assinale revelação de profundidade da vida espiritual. Já em *Eclesiastes*, Salomão confessa as suas desilusões da vida terrena, que não deixa, também, de ser interessante, pois são experiências que servem de lições e orientação para os que ainda não passaram por tais provas. Mas, juntamente com essa parte edificante, ele expõe suas dúvidas e incertezas a respeito do profundo significado da vida espiritual. E chega a negar a razão da vida eterna.

Quanto ao reconhecimento do valor fictício das coisas terrenas, percebe-se que Salomão, por experiência própria da vida que levou, menciona os desenganos da vida, causados pelos desregramentos da vaidade, da volúpia dos desejos, da ambição desmedida, do amor ao poder terreno, etc. E quanto à continuação da vida depois da morte no plano material, ele revela, também, o seu estado de espírito vacilante, pois, nas suas conjecturas, chega a pensar que a vida termina na sepultura.

E alguns dos que têm a Bíblia como um "todo-sa- grado", apegando-se a tudo que está escrito sem o menor exame de raciocínio, chegaram ao absurdo de estabelecer como um dos argumentos básicos da filosofia de suas doutrinas sectárias, o que Salomão escreveu em *Eclesiastes* a respeito da vida depois da morte, que é uma opinião puramente pessoal que revela a falta de conhecimentos espirituais.

O que Salomão, já cansado e com a sua fé enfraquecida, contemplando a vida, expõe sobre o destino daquele que baixa à sepultura, são as suas próprias ideias a respeito da então desconhecida razão da existência e sobrevivência do espírito, que ainda se lhe apresentava como indevassável.

Confusa e negativa a conceituação de Salomão a respeito da eternidade da vida, que a maioria das seitas evangélicas não aceita e discorda dos que a aceitam literalmente.

Embora haja perfeita concordância, com referência à crença da original "pureza divina" de tudo quanto está escrito na Bíblia, contudo, não reina harmonia na interpretação filosófica dos seus textos.

O desencontro de interpretação que se verifica no texto de *Eclesiastes*, é um dos pontos de desentendimento entre as seitas cristãs. Há muitos outros que são interpretados diferentemente. A forma de manifestação do Espírito Santo é compreendida de vários modos que não se coadunam com a sua real autenticidade. Cada qual acha que o seu modo de compreender é o certo e os demais estão todos errados. E, assim, cada seita, em particular, vive iludida de que possui o monopólio da Verdade e que é a única que, realmente, segue perfeitamente as escrituras sagradas, nas quais está a "palavra de Deus".

O pensamento é livre, portanto, cada um pensa como quer. E se essas criaturas entendem que devem continuar pensando que na Bíblia está, ao pé da letra, "a palavra de Deus", sem a rejeição de uma só palavra, ninguém os impede.

Porém, os que já se libertaram das peias do preconceito religioso não mais aceitam como divino o que percebem, claramente, que é produto do homem. E não concebem que, no passado alguém fosse inspirado por Deus para dizer ou escrever coisas que no futuro (atualmente) se tornassem inadequadas pelo progresso da ciência e incoerentes em função da evolução do espírito. E, muito menos, podem admitir hoje que, no passado, Deus dava ordens para destruir e matar.

Os que já conquistaram a independência de raciocínio não têm mais dúvidas mas sim absoluta certeza de que a Bíblia, que é um livro que reúne 66 livros (39 do Velho e 27 do Novo Testamento), escritos por diversas criaturas e em várias épocas, tratando cada um de assunto diferente, tomou-se um "todo-sagrado", através dos tempos, pela influência exercida pelos orientadores da crença, sucedidos até nossos dias. E quanto ao livros serem considerados de origem divina, é uma questão de ordem teológica. Pois, como sabemos, na Bíblia usada pelo Catolicismo, há os livros de Tobias, Judite, Baruc e dos Macabeus etc., que foram considerados de origem divina, os quais são rejeitados pelo Protestantismo como apócrifos.

Em suma, o fato de ser a Bíblia, ainda hoje, compreendida por uma grande parte da Humanidade como um imutável "código divino", tem a sua origem na interpretação teológica de um longínquo passado no qual, pelo desconhecimento da real natureza das coisas e dos fatos, os seres humanos concebiam, quase tudo, segundo as aparências. Forma essa própria do estado evolutivo da Humanidade de então, que induziu aos homens a estabelecerem errôneos conceitos a respeito dos problemas da vida e infundadas causas dos fenômenos da Natureza.

Mas, os seres humanos evoluíram e, a seu tempo, foram reconhecendo que, quase que geralmente, o que julgavam como real, era apenas uma impressão superficial dos fatos e o que era compreendido como causa dos fenômenos, não era senão o efeito. Assim, lenta e progressivamente tudo se foi transformando e todas as coisas foram sofrendo a correção do avanço evolutivo.

Porém, com exceção do que faz parte das filosofias religiosas que se alicerçam na Bíblia que, fielmente guardado pelo cego preconceito da mística, permaneceu inalterado até hoje.

De forma que, o sempre crescente número de religiões, fundamentadas na Bíblia, que congrega ainda, pode-se dizer, o grosso da Humanidade, cada qual mantendo os seus prosélitos conjugados ao seu padrão filosófico, está alicerçado na crença de que as escrituras (os livros do Velho e do Novo Testamento) devem ser aceitas integralmente, sem se omitir um só til, convencidos, pastores e crentes, de que a Bíblia é um "todo- -sagrado" de origem divina.

CAPITULO IV A BÍBLIA, O “CÓDIGO DA PALAVRA DE DEUS”

Influenciados por certos contos que se encontram na Bíblia, por conseguinte, crentes de que realmente no passado Deus “falava diretamente” aos homens, os religiosos passaram a pensar que tudo o que nela está escrito é a expressão da “palavra de Deus”.

Como sabemos, esse modo de pensar é originário dos antigos hebreus. Eles, que não tinham ainda alcançado a condição de poderem conceber a profundidade que encerra a questão do Universo e seu Criador, e ainda não tinham nenhum conhecimento do Mundo Espiritual, confundiam as comunicações dos espíritos que vinham para os orientar, instruir, admoestar e advertir, entendendo que era Deus que lhes “falava pessoalmente”, e quando não, eram os seus anjos que vinham lhes transmitir as “suas palavras”. Forma essa de interpretar as manifestações espirituais, que se processavam por intermédio dos profetas (médiums), que continuou conservada pelos intérpretes do Judaísmo, e que chegou até nós pela tradição através dos que continuaram adotando-a como verídica.

Atualmente, os profetas do Cristianismo sectário, baseados em algumas citações das epístolas apostólicas, que bem retrata a então ainda predominante influência da antiga crença de que os livros que estão reunidos no Velho Testamento são inteiramente de origem divina, continuam pensando que a Bíblia é a palavra de Deus.

Se tudo quanto na Bíblia se contém tivesse a sua comprovação de que, em verdade, fora Deus que ditara “pessoalmente” aos homens, ou através de seus emissários, naturalmente isso já deveria ter sido reconhecido de forma generalizada. E a sua comprovação seria a de que tudo quanto nela está escrito, deveria estar, em todos os tempos, sempre em perfeita harmonia com a evolução da concepção humana, e em plena concordância com o *progresso* da ciência, que continuamente avança no terreno do reconhecimento do aparentemente misterioso e indecifrável. Exatamente como aconteceu no passado com as verdades apresentadas das reais descobertas e as do autêntico reconhecimento das causas dos fenômenos, que, embora rejeitadas inicialmente, com o tempo, acabaram por serem aceitas de um modo generalizado.

Porém, não é isso que se verifica a respeito do que está escrito na Bíblia, e que é atribuído a Deus, pois que, com exceção do que é profético, que se refere a eventos que se consumaram com o tempo, tudo mais já sofreu a correção do processo evolutivo. Assim, os contos, os fatos ocorridos, os casos característicos

da crença preconcebida, foram passando pelo toque da verdade, que deixou revelado o que é verídico e o que é fantástico, evidenciando que quase tudo o que na Bíblia é atribuído a Deus, não é senão dos próprios homens, ou de espíritos do mesmo nível evolutivo.

Nas escrituras bíblicas encontramos muitos casos que envolvem o nome de Deus, seja dizendo que Ele "fez", "falou", "ordenou", etc., e que hoje já se tornaram completamente destituídos de fundamento, o que prova que tudo não passou de uma equivocada interpretação de seus autores.

E o que dizer dos casos em que Deus, "por vingança" destruía até mesmo cidades inteiras, ou mandava que fossem os seus habitantes dizimados e arrasados pelos exércitos de seu "povo dileto"?

Em face dessas desarrazoadas narrações que comprometem a Sabedoria, a Justiça, o Poder e o Amor de Deus; dos discordantes princípios filosóficos que já estão completamente desajustados com a concepção contemporânea, e das disparatadas e incoerentes afirmações científicas, que já se tornaram por demais distanciadas do avanço da atual ciência humana, como é possível continuar pensando que a Bíblia é o imutável e todo-sa- grado textuário da palavra de Deus?

Como justificar os graves erros que, segundo as histórias bíblicas, "Deus" praticou no passado? Como? Alegando que o homem não pode julgar o que Deus entende fazer? Que Deus faz o que quer e age como bem entende? Que assim foi no passado porque Deus o quis, e que agora as coisas são diferentes, porque assim Ele o quer?

Que jamais alguém poderá julgar e censurar Deus, e encontrar erros ou falhas na Obra da Criação, está absolutamente certo e atende ao mais alto raciocínio lógico, pois que o ser humano se encontra infinitamente distante de poder conceber Deus absoluto; a Suprema Inteligência, que com Onisciência, Onipotência, Infalível Justiça e Soberano Amor rege os Mundos e as Vidas.

Que os nossos antepassados, que não podiam ainda perceber a inconcebível grandeza de Deus, e compreender que Ele está acima de tudo quanto humanamente pensamos a Seu respeito, relacionassem as suas ainda imperfeitas formas de agir e reagir, de julgar e fazer justiça com as do Deus pessoal por eles concebido, é razoável e admissível.

Porém, constitui inadvertida puerilidade, ou estultícia, ao ser humano, hoje, mais evoluído, que já alcançou a concepção do Deus Absoluto e inconcebível, Todo Justiça e Amor, portanto, que já compreendeu que Ele é impessoal e não tem nenhuma semelhança com a criatura humana, a não ser em Sua Essência, continuar pensando que no passado Deus tinha caprichos e só "amava o seu povo escolhido" que, apreciava o "cheiro agradável dos holocaustos", que era rancoroso e vingativo, que era impiedoso, guerreiro e destruidor, que era severo nos seus julgamentos e implacável nas suas sentenças, tudo como se fosse um Ser com faculdades e poderes super-humanos, e com fraquezas e paixões também.

Será que os religiosos sectários — os “fieis observadores das Escrituras Sagradas” — não percebem que atribuir a Deus a autoria de certos feitos que são relatados na Bíblia, é rebaixá-LO ao nível dos homens?

É preciso ser muito ingênuo, ou completamente ob-secado pelo preconceito da religião, para não perceber que sendo Deus Eterno e Imutável, em todos os tempos, sempre governou e continua governando por toda eternidade os mundos e as vidas da forma que hoje concebemos, e que as modificações atualmente verificadas e as que se verificarão no futuro, é uma questão puramente conceptual, cujo fator está na razão direta do desenvolvimento do espírito humano.

Bem sabemos que os seres humanos que estão congregados às diversas religiões que estão, literalmente, baseadas na Bíblia, são honestos e bem intencionados, e que cada qual está certo de que, seguindo a sua religião, em Cristo alcançarão a sua salvação e chegarão ao Céu.

Mas, é preciso que essas criaturas que permanecem, filosoficamente, estacionadas nos círculos das seitas religiosas tomem conhecimento de que a alvorada da era da Espiritualidade já passou, e estamos em plena aurora dos tempos chegados, para uma Humanidade espiritualmente mais madura. Portanto, o ser humano não está mais vivendo a sua infância espiritual, na qual tudo aceitava como real, as mais descabidas explicações sobre a vida espiritual, sem poder nada examinar.

E se essa fase da vida já passou, por que continuar alimentando aquilo que era adequado àquele estado de consciência?

Em suma, é do conhecimento de todos que a Bíblia (o Velho Testamento) é o livro do povo judeu, que, juntamente com o que já foi superado pela evolução dos tempos, guarda também elevados mandamentos, valiosos ensinamentos e interessantes exemplos que são aproveitáveis e edificantes em todas as épocas.

Porém, é um erro, cometido somente por aqueles que estão com seus entendimentos embotados por um tradicional preconceito sectário, portanto já divorciados do bom senso e condicionados a não examinar racionalmente os livros da Bíblia, afirmar que tudo o que nela está escrito é a expressão da palavra de Deus.

CAPITULO V O CRISTIANISMO SECTÁRIO

Depois de algum tempo, o Cristianismo primitivo, que era uma doutrina simples, sem nenhuma ostentação material dos aparatos da liturgia, essencialmente espiritual, sem hierarquias humanas, que apregoava apenas os ensinamentos do Cristo, inicialmente pelos apóstolos, que ainda sentiam a agradável sensação, a

reconfortante influência e o divino calor da presença do amado Mestre Jesus, e estavam cheios do Espírito Santo, gradativamente foi sendo deturpado pela introdução de paramentos, de imagens, de rituais e dogmas de doutrinas estranhas, bem como, pela interferência do poder temporal dos espíritos ainda materializados.

De sorte que aquela doutrina de fraternidade e amor, toda espiritual, se foi modificando até a completa transfiguração, que foi transformada em uma poderosa religião de ordem humana, ostentando em seu frontispício o nome do Cristo. Assim, essa portentosa comunidade religiosa que os homens instituíram, cujos pontífices se intitularam sucessores de Cristo, dominou, pela força material, as criaturas humanas durante muitos séculos até que, em pleno exercício dos seus desmedidos abusos e das suas vergonhosas usurpações, revoltado com esse condenável procedimento, num violento protesto contra tais abominações, ergueu-se o frade agostiniano Martin Lutero, dando início à reforma religiosa na Alemanha, que se alastrou em outros países como movimento reformador.

Esse movimento, além de fundar uma seita cristã reformada, completamente destituída de tudo que foi, materialmente, introduzido no Cristianismo primitivo, liberou a leitura da Bíblia que, antes, somente lida pelos prelados, passou a ser lida pelos então considerados leigos de todo mundo.

A intenção do Reformador, possivelmente, foi a de fazer reviver o Cristianismo original, pois que aboliu todas as coisas que, a seu ver, faziam parte de doutrinas estranhas, permanecendo assim, unicamente a doutrina cristã. Porém, por influência da sua crença professada, adotou também o Velho Testamento que, na verdade, nada contém da doutrina de Jesus, pois é puro Judaísmo.

De modo que, com a reforma, nasceu uma nova doutrina cristã, mas não o Cristianismo na sua pureza original, pois a nova seita protestante herdou da "velha igreja" o patrimônio interpretativo das letras da Bíblia. Conseqüentemente, o modo de encarar as manifestações espirituais, adotado pelos "representantes do Cristo", da poderosa igreja clerical, continuou sendo o mesmo na igreja protestante.

E quanto ao Espírito Santo da promessa que se manifestou nos apóstolos e discípulos e que, pelo que nos diz as epístolas, continuou presente nas igrejas cristãs, pensamos que pela falta de condições íntimas dos presentes, deixou de manifestar-se, ficando as igrejas sem a orientação espiritual. Certamente a sua completa ausência foi precedida de comunicações menos frequentes, de acordo com a progressiva falta de harmonia espiritual que se foi verificando nas seitas, evidentemente admoestando os responsáveis na tentativa de evitar que prosseguissem no desvirtuamento da doutrina, cuja deformação resultaria em prejuízo para seus espíritos e em atraso evolutivo de todos.

Como sabemos, quando os bons espíritos se afastam de um ambiente, os maus permanecem, fazendo todo o possível para confundir os encarnados com falsas

mensagens e com manhosas mentiras.

Os que transformaram o Cristianismo primitivo com princípios de ordem humana afastaram-se da pureza original dos princípios legados pelo Mestre Jesus, o que os desligaram da assistência Espiritual Superior, ficando entregues, pela lei de semelhança, aos espíritos inferiores ainda presos aos interesses da vida material. E, pelo que deduzimos, com o tempo, compreenderam que estavam sendo vítimas dos embustes dos espíritos das trevas, sem nenhuma proteção e orientação dos Espíritos de Deus e então passaram a rejeitar as manifestações espirituais, condenando-as como obra do diabo e seus demônios.

Prevenção essa adotada pelo Reformador da igreja cristã que, por sua influência, é mantida em todas as suas ramificações, surgidas posteriormente. Algumas não aceitam nenhuma comunicação espiritual e outras as condicionam a uma forma preconcebida de fundo dogmático, interpretada do dúbio significado dos textos bíblicos. Mas todas temem a presença do diabo e dos demônios.

O ressurgimento de tantas seitas evangélicas, desde a Reforma Protestante até nossos dias, é uma prova de que cada um interpreta as letras bíblicas a seu modo. O Protestantismo original pelo desentendimento dos pastores na interpretação da leitura da Bíblia, foi-se ramificando. O afastamento daquele que passava a discordar da forma de entender o significado de algum ponto que lhe parecia essencial da doutrina, sempre era acompanhado pelos que estavam solidários com o seu ponto de vista, o que causava o aparecimento de uma nova seita.

Cada igreja mantém um padrão doutrinário diferente das demais. Algumas são mais aproximadas no modo de seguir certas particularidades do que está escrito na Bíblia; outras mais distanciadas e até mesmo em contradição.

Todas as seitas pregam, igualmente, os ensinamentos de Jesus, mas, divergem nos seus pontos de vista, quanto ao cumprimento do que acham que deve ser observado como perfeita doutrina cristã.

Com referência à manifestação do Espírito Santo, o apóstolo Paulo, em sua primeira Epístola aos Coríntios, esclarecendo sobre os dons espirituais que eram distribuídos aos crentes, deixa explicado que havia atuação de espíritos, através dos quais os discípulos falavam línguas estranhas, profetizavam, faziam curas, etc. E em outras, como a de Romanos e a de Efésios, comentando sobre uma das formas que o Espírito Santo exercia para assistir aos convertidos, ele diz que "o espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis", dando a entender que a sua atuação se processava independente dos dons espirituais. O que faz com que algumas seitas, baseadas no que foi dito em Romanos e em Efésios, adotem a forma de manifestação do Espírito Santo unicamente pela inspiração, enquanto que, outras, baseadas no que foi exposto em Coríntios, entendem que recebem a sua manifestação conforme o que dita o texto. Quanto à guarda do dia santificado, os cristãos primitivos passaram a guardar o Domingo, porque foi no primeiro dia da

semana que Jesus ressuscitou, mas, alguns, baseados nos Dez Mandamentos, acham que o dia santificado deve ser o Sábado mesmo, porque foi o dia em que "Deus descansou" depois da obra da criação. E a respeito da vida depois da morte, na Bíblia há muitas citações sobre a continuação da vida no plano espiritual, razão pela qual, os profíctes da maioria das seitas cristãs acreditam que quando morrem (desencarnam), vão para o Céu, junto do Mestre Jesus, para desfrutar da vida dos santos. E há, também, algumas apenas que dão a entender que a vida da criatura humana interrompe na morte do corpo, o que induz aos crentes de algumas seitas a pensarem que, os que alcançaram a salvação para a vida eterna, somente passarão a viver espiritualmente no reino dos escolhidos, quando chegar o dia da ressurreição dos mortos.

Essas são as principais questões doutrinárias, que interpretadas diversamente pelas seitas evangélicas, as mantêm separadas. Muitas outras há de menor importância, que também são observadas de formas diferentes.

Na maioria dos casos, a razão dessa desarmonia de opiniões reside na diversidade de versões que os fundadores de cada seita encontram, isoladamente, na Bíblia.

Como vemos, há muita divergência nos modos de interpretar as escrituras da Bíblia. O sentido de um simples versículo, interpretado diferentemente, já é motivo para desentendimento doutrinário.

Porém, o que todas as seitas evangélicas são unânimes em pensar é que as manifestações espirituais que pululam no seio da Humanidade são provenientes do diabo. Isto, porque na Bíblia (no Velho Testamento) não há nada claro a respeito dos fenômenos psíquicos. E nem poderia haver, porque os fenômenos das manifestações espirituais são quase tão velhos como os fenômenos naturais. E como no passado não havia explicação para a maioria dos fenômenos da Natureza,, também não era conhecida a razão dos fenômenos extrafísicos. Portanto, compreendidos como os demais, fenômenos desconhecidos, isto é, segundo o que pensavam que fossem. Tudo era mistério para os seres humanos de um remoto passado. Por conseguinte, eram induzidos a formularem explicações dos feitos e das coisas e a estabelecerem causas dos fenômenos, baseados nas aparências exteriores, que se lhes afiguravam como a verdadeira realidade.

E Jesus não esclareceu a questão da fenomenologia espiritual porque não havia chegado o seu tempo, tanto que, a esse respeito, disse aos apóstolos que muitas coisas tinha para lhes dizer, mas que não seriam por eles suportadas na ocasião e que seriam transmitidas, oportunamente, pelo Espírito da Verdade.

Mas o relógio do tempo continuou no seu ininterrupto ritmo de relações dimensionais no progresso do plano material, através do qual tudo se foi resolvendo e todas as coisas foram sendo reconhecidas, ajustando-se cada coisa no seu devido lugar. Todos os fenômenos mal compreendidos tiveram as suas causas perfeitamente explicadas.

O ser humano desceu nas profundezas da terra, rasgou os horizontes delimitativos da antiga percepção humana, indo às distâncias incomensuráveis em reconhecimento dos universos; conseguiu colocar-se em órbita de sua morada Terra, girando à sua volta e já realizou a extraordinária façanha de ir pessoalmente à Lua, experimentando a aventureira emoção de pisar em seu solo.

O espírito humano evoluiu e, mais elevado na espiral da evolução, sua percepção foi distinguindo os fatos reais da vida desfazendo assim, todas as fantasias que a mentalidade antiga imaginou.

De sorte que a área da existência sofreu uma extraordinária dilatação e a percepção da criatura humana penetrou, em relação à de alguns milênios, profundamente nas questões da vida.

Estamos em pleno século XX, vivendo uma fase em que já é considerável o progresso da ciência e é visível o desabrochar das faculdades espirituais do ser humano.

Atualmente, pelo grau de entendimento atingido, a Humanidade já foi instruída acerca de certas questões de ordem divina que, aparentemente inexplicáveis, apresentavam desarmonia no seio da vida. Falhas na Justiça Divina e irregularidades na regência do Governo da Vida, que se mostravam pela imperfeição do prisma das velhas filosofias das religiões da Humanidade.

Não obstante a Humanidade já ter recebido do Espírito da Verdade lógicas explicações que esclareceram perfeitamente essas questões, que pareciam responsabilizar o Criador, ainda há os que insistem em pensar que essas coisas ("as escrituras sagradas") devem ser mantidas na sua forma original e que é uma profanação e um atentado ao que é divino modificar o que foi escrito "por ordem de Deus".

Mas essa maneira de pensar está em desacordo com o nosso bom senso atual, pois sabemos que, aliás é pura lógica, jamais poderemos modificar o que é essencialmente espiritual e originalmente divino, pois são questões realmente imutáveis e eternas. Verdades fundamentais da vida.

O que é preciso reconhecer, sem nenhuma paixão e sem preconceitos, é que a forma primitiva de entender as coisas espirituais, divinas e fundamentais da existência, que o ser humano adotou num remoto passado, está desatualizada, há muito tempo reclamando as modificações e correções do nosso avanço evolutivo, numa palavra: passar pelo toque da Verdade.

É grande o número dos que, indiferentes ao que reclama o exame da razão, ingenuamente ainda resistem à aceitação das coisas como realmente elas são e a verdade dos fatos na sua pureza original, esquecidos de que somente a verdade os libertará. Com apaixonado zelo, conservam as "letras que matam" e rejeitam a realidade do "espírito que vivifica".

Enclausurados na preconcebida forma teológica de caracterizar as manifestações espirituais, os nossos estimados irmãos do Cristianismo sectário

entendem que todas as comunicações espirituais, mesmo as mais sublimes, portadoras de elevadas e luminosas mensagens consubstanciadas nos ensinamentos de fraternidade, caridade e amor do Amado Mestre que, pelos frutos, comprovam a presença dos Espíritos da Verdade, os Espíritos de Deus que vêm testificar que realmente Jesus é o caminho, a verdade e a vida, o enviado guia da Humanidade, são do diabo e dos demônios.

CAPITULO VI A SALVAÇÃO PELO SANGUE DERRAMADO NA CRUZ

Era crença do povo hebreu, que os pecados deveriam ser expiados pelo sacrifício de animais oferecidos em holocaustos a Deus. Ato cerimonial, que segundo a Bíblia, começou a ser praticado por ordem de Deus. Na ocasião em que Deus ordenou a Moisés para que isso fosse feito, inicialmente descreveu como deveria ser construído o altar dos holocaustos. Depois estabeleceu as regras que deveriam ser, rigorosamente, observadas na celebração das oblações remissoras, para cujo exercício foram nomeados, também por indicação de Deus, aqueles que se tomariam sacerdotes de tal ofício. Era também crença dos israelitas, que o "cheiro agradável" que subia ao céu dos animais queimados em holocaustos, acalmava Deus.

Esta crença não era somente dos hebreus, mas de quase todos os povos, principalmente dos idólatras, que para conseguirem as coisas que desejavam e para aplacar-lhes a ira, ofereciam aos seus deuses valiosos objetos de uso pessoal, coisas de estimação, animais e até seus próprios filhos.

De sorte que, não conhecendo o povo judeu como meio de remir os pecados senão o de oferecer sacrifícios em holocaustos a Deus, quando veio o Divino Messias, de cuja raça era originário, os que n'Ele creram, entenderam que a salvação por eles esperada se operaria através de algum feito extraordinário. Razão pela qual, os próprios apóstolos e discípulos, que reconheceram que Jesus era realmente o Cristo que viria salvar a Humanidade de seus pecados, inicialmente associaram a sua Divina Obra de ordem evolutiva à forma por eles alimentada, baseada em que "sem derramamento de sangue não há remissão de pecados", interpretando, portanto, que no seu extremo sacrifício na cruz, o Cristo salvou o mundo dos seus pecados.

Por isso, os apóstolos e discípulos, quando começaram a pregar o Evangelho, conforme tinha recomendado o Amado Mestre, como a "boa nova da salvação", anunciavam que Cristo tinha expirado na cruz infamante para remir os homens de seus pecados. Fato esse, que tem a sua confirmação nas epístolas dos apóstolos, de cujos textos que

passamos a examinar se nos reflete uma perfeita imagem da situação que se estabeleceu a respeito da Obra Redentora do Messias.

Em sua Epístola aos Romanos, o apóstolo Paulo diz: "Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados". "Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores; logo muito mais agora, sendo justificados pelo sangue, seremos por Ele salvos da ira". Em sua Epístola aos Efésios, diz: "Mas agora em Cristo Jesus, vós que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto". E em sua segunda Epístola aos Hebreus, diz: "Porque, se o sangue dos toiros e bodes, e a cinza duma novilha esparzida sobre os imundos, os santifica, quanto à purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito Eterno se ofereceu a si mesmo, imaculado, a Deus, purificará as vossas consciências das obras mortas". E João, em sua primeira Epístola Universal, diz: "e o sangue de Jesus Cristo, seu filho, nos purifica de todo o pecado."

Por essas citações e outras mais que se encontram nas epístolas apostólicas, compreendemos que mesmo os apóstolos não tinham ainda alcançado o real significado da sublime Obra Redentora do Cristo. E essa errônea forma, inicialmente concebida pelos apóstolos e discípulos sobre a salvação Messiânica, tornou-se uma crença. Crença dogmática que chegou até nossos dias pela tradicional interpretação literal dos textos bíblicos.

É grande o número de criaturas que, bitoladas nessa forma de conceber, cultuam ainda hoje a "salvação pelo sangue de Cristo" como uma "graça ofertada, gratuitamente, por Deus". Em todas as seitas evangélicas, é pregado que Jesus nos salva, remindo-nos de todas as nossas faltas, pelo seu sangue que foi derramado na cruz. Para eles, baseados no que está escrito nas epístolas apostólicas, a reforma da criatura é secundária. Conforme entendem, o essencial para ser salvo, é aceitar o Cristo como o salvador, e depois de convertido, ser batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Não se apercebendo esses convertidos ao Cristianismo sectário de que o meio salvacionista que o Divino Messias trouxe à Terra, está consubstanciado nos seus elevados ensinamentos de moral, fraternidade e amor, cuja observância e vivência pelas criaturas, figura o ingresso pela "porta estreita da salvação", como falou Jesus.

Ainda não compreenderam os nossos irmãos que procuram seguir o Cristianismo segundo a tradição das letras, que a conversão em Cristo, aceitando-O como o Messias prometido que veio salvar a Humanidade de seus pecados, está condicionada à prática dos seus sábios ensinamentos. Portanto, a criatura que se converte ao Cristo, é porque realmente já reconheceu a importância e o valor do que significa seguir suas pisadas, "tomando a sua cruz das faltas de cada dia", isto é, abraçando, em verdade, a sua Redentora Doutrina, vivendo-a cotidianamente na reforma do "homem velho", única e exclusiva forma de se alcançar a salvação

que Jesus de várias maneiras simbolizou e repetidas vezes se referiu, quando pregou a sua elevada Doutrina à Humanidade.

Enquanto os congregados do sectarismo cristão continuarem presos à interpretação da "letra morta", desprezando as sábias orientações e os altos esclarecimentos do "Espírito que vivifica", permanecerão na ignorância do verdadeiro significado da Salvação em Cristo, e das verdades eternas da vida do espírito, que o Consolador, a seu tempo, já revelou aos seres humanos.

Sabemos que os nossos irmãos que julgam estar seguindo as verdadeiras pisadas do Cristo, não aceitam que os Espíritos de luz que vieram nos trazer a mensagem da vida eterna, representam o Consolador prometido. Sabemos também que, mesmo que entre eles se manifeste um Espírito altamente evoluído, figurando o Espírito Santo, por eles muito falado, querendo instruí-los a respeito da vida espiritual, e "rememorando as coisas que o Amado Mestre Jesus falou", será ele rejeitado como "satanás disfarçado em anjo de luz".

Mas, perguntamos a essas criaturas de boa vontade, que ingenuamente julgam que todas as manifestações de espíritos provêm do "diabo e seus demônios", onde estão as manifestações dos Espíritos de Deus, que se manifestavam aos apóstolos e discípulos no Cristianismo primitivo? E onde estão os ensinamentos que o Consolador, os Espíritos da Verdade, viriam revelar aos cristãos? Qual das seitas evangélicas que existem no mundo prega algum desses novos ensinamentos que, naturalmente, não constam no Novo Testamento? Nenhuma! Não pregam nada além do que foi escrito na ocasião em que se iniciou a difusão dos ensinamentos que o Mestre Jesus pregou verbalmente à Humanidade.

E saibam os "censores" da religião, que os Espíritos da Verdade, em virtude da impossibilidade de se manifestarem nos meios religiosos, procuraram ambiente fora das muralhas da crença, em que encontraram sintonia ressonante, a fim de transmitirem aos seres humanos as mensagens referentes ao que o Cristo deixou de falar, porque não seria suportado na ocasião. E foram, na sua maioria, criaturas irreligiosas que entraram em comunicação com os Espíritos enviados. Mas, possuíam elas a condição íntima reclamada para tal ordem de trabalho. Eram de boa vontade, sinceras, honestas, e não tinham a prevenção das ideias preconcebidas da teologia.

Os habitantes do Mundo Espiritual, que vieram dar seguimento àquelas manifestações do Espírito Santo da "promessa", que se verificou no dia do Pentecostes, e que continuaram se produzindo entre os apóstolos e discípulos durante o Cristianismo primitivo, nos revelaram importantes particularidades da vida espiritual, bem como, rememorando "as palavras do amado Mestre Jesus", nos elucidaram o verdadeiro sentido de certos textos que, pela interferência humana, apresentam dúvida interpretação, e nos traduziram o real significado dos ensinamentos filosóficos que foram expostos, revestidos de figuras simbólicas.

A respeito da salvação, os Espíritos de Deus nos esclareceram que o Cristo não

veio ao mundo como um "imaculado cordeiro expiatório" para remir os seres humanos de seus pecados. Explicaram que o espírito, na sua caminhada ascensional da existência, se vai sempre elevando e purificando, através do processo da reencarnação, Lei que o Criador da Vida condicionou como degraus da evolução, o que veio esclarecer que ninguém será purificado de suas faltas pelo simples fato de crer que foi, simbolicamente, lavado pelo sangue que Jesus derramou na cruz.

Em suma, como já sabemos essa crença tem a sua origem no Judaísmo nascente, que, de acordo com a condição evolutiva das criaturas daquela época, portanto, em conformidade com os seus conhecimentos espirituais, teve a sua razão de ser em seu próprio tempo.

Naquele tempo, os seres humanos ainda não sabiam "donde vem o espírito e nem para onde ele vai", pois que pensavam que o espírito era criado por ocasião do nascimento do corpo, como consta na história da criação descrita no livro "Gênesis" de Moisés. Por isso, entenderam que o Messias os salvaria dos seus pecados por um meio relacionado ao que aprenderam, por tradição, nas sinagogas do Judaísmo.

O verdadeiro meio que o Cristo trouxe à Terra para remir a Humanidade de seus pecados foi a sua Redentora Doutrina de Luz e Amor. Mas, como vimos anteriormente, pela errônea interpretação dos que não puderam entender o seu sentido, ele sofreu o enxerto da forma praticada pela religião judaica. E, por incrível que pareça, só porque "está escrito", os profítentes do Cristianismo sectário ainda são induzidos a continuar pensando que, depois de batizados, são, incondicionalmente, purificados de todos os seus pecados pelo sangue que Jesus derramou na cruz.

CAPITULO VII AS DOUTRINAS DE DEMÔNIOS E OS ESPÍRITOS ENGANADORES

Entre as advertências feitas aos crentes do Cristianismo primitivo, que se encontram nas epístolas apostólicas, a respeito dos falsos profetas, dos obreiros fraudulentos, das falsas doutrinas, dos espíritos enganadores, a que é feita pelo apóstolo Paulo em sua primeira Epístola a Timóteo, pela coincidência de termos da elocução, pode ser considerada, pelo seu sentido aparente, uma das que mnis parece referir-se à prática da Doutrina Espírita.

Escrevendo a Timóteo ele o previne com a seguinte profecia: "Mas o

espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios"

(I Tim. — Cap. 4:1).

Somente os convertidos ao Cristianismo sectário sabem como é encarada essa advertência do apóstolo Paulo pelos pastores das igrejas cristãs. Eles não têm nenhuma dúvida de que a doutrina de demônios é o Espiritismo e os espíritos enganadores são os demônios que se comunicam, através das respectivas faculdades mediúnicas, com as criaturas encarnadas. E essa forma de interpretar a previsão que o apóstolo Paulo comunica a Timóteo é transmitida aos crentes, que a aceitam piamente.

Como sabemos, na Bíblia, a começar pelo Velho Testamento, encontramos muitas citações referentes ao diabo, aos demônios, a Lúcifer, a Satanás, a Belzebu, etc. e também aos anjos, aos arcanjos, aos serafins, aos espíritos de Deus e até ao "Espírito de Deus".

Designativos das manifestações espirituais, próprios da época. Como não havia conhecimentos da real natureza das entidades atuantes, eram classificadas, pelos antigos, de acordo com o que apresentavam qualificativamente.

Por não terem conhecimento de causa, os nossos ancestrais, inicialmente, também, classificaram como elementos fundamentais da matéria a água, a terra, o ar e o fogo sendo este último uma reação violenta e, os demais, compostos. E assim foi com quase todas as coisas que hoje temos pleno conhecimento.

Igualmente, os nossos antepassados, por não terem conhecimento sobre a evolução do espírito, entendiam que a criatura humana era perfeita ou imperfeita, boa ou má, atrasada ou adiantada, inteligente ou de estreita inteligência, tal qual Deus a fez, sem nenhuma relação com uma causa anterior ao nascimento. Não podiam compreender que os maus e os bons espíritos eram criaturas de diferentes estados evolutivos. Portanto, que o espírito angélico já tinha passado pelo estado de atraso do que é considerado mau e que o espírito mau, com o tempo, poderá elevar-se do seu estado atrasado, tornando-se sempre melhor até o estado de espírito puro.

Baseados na história da queda dos anjos revoltosos que, como castigo eterno, foram desterrados do Céu para a Terra e transformados, o chefe revoltoso em diabo e os demais em demônios, os hebreus taxavam de doutrinas do diabo e dos demônios as religiões dos outros povos, pois que imaginavam que eles eram assistidos por aquelas entidades espirituais que se tornaram inimigas de Deus e dos que O adoravam.

As doutrinas que eram professadas pelos povos da Antiguidade, na sua maioria idólatras, embora não tivessem ainda alcançado a compreensão do Deus único, Criador dos céus e da Terra, que os judeus adoravam e temiam, também eram assistidos, espiritualmente, através das suas sibilas, das suas pitonisas, dos seus

magos, dos seus sacerdotes, etc.

É evidente que os espíritos que se comunicavam com aquelas criaturas não lhes transmitiam mensagens de fraternidade e amor. Pois não as entenderiam pela falta de condição evolutiva correspondente.

Como sabemos, na vida tudo se ajusta na mais perfeita ordem de relações. E tudo gira em torno das necessidades de cada época com impecável harmonia. Invariavelmente, tudo tem a sua razão de ser relativamente a cada estágio evolutivo. Portanto, nada está errado na vida e nada acontece por casualidade. Tudo vem ao seu devido tempo, de acordo com o que é reclamado pelas condições de um estado mais evoluído.

De forma que, as orientações espirituais que recebiam eram afins e, naturalmente, eram as que se relacionavam às necessidades pessoais das famílias, dos grupos e das nações, embora, também, recebessem as que lançavam alguma luz no caminho do aperfeiçoamento moral e espiritual.

Com alguma diferença na condição evolutiva, pois já concebiam um Deus único que governava o mundo, o povo judeu tinha, relativamente, uma assistência espiritual mais elevada. Mas também, como os demais povos faziam aos deuses, entendiam que aplacariam a "ira do seu Deus" com oferendas e holocaustos.

Pelo que compreendemos, o povo judeu, que já tinha alcançado a concepção de um Deus-Criador, Todo-Poderoso e que se julgava o Seu povo escolhido, entendia que todos os demais povos que, por ainda não conhecerem o Deus-Jeová, adoravam os outros deuses, eram seus inimigos e contrários ao seu Deus, portanto, ao lado do diabo e dos demônios.

É daquelas remotas épocas que vem a forma de designar a idolatria de doutrina do diabo e dos demônios.

E sendo o apóstolo Paulo judeu israelita, ex-observador da Lei e dos Profetas, ainda familiarizado com tais expressões, usou os termos habituais quando escreveu a Timóteo transmitindo-lhe a mensagem recebida, que predizia o que ia acontecer com os crentes em tempos futuros.

O apóstolo Paulo não se referiu ao Espiritismo de nossos dias, como pensam os crentes do Cristianismo sectário, quando preveniu Timóteo sobre o que se verificaria, nos últimos tempos, nas igrejas cristãs. Pois se trata de mais um caso cuja interpretação é feita segundo a aparência, sendo a sua realidade essencial bem diferente da que é tomada pelo que se traduz na forma literal.

Que a predição de Paulo, que é de um espírito, pois ele declara, em sua epístola, que "o espírito expressamente diz", não tem relação com a Doutrina Espírita, é fácil de demonstrar.

O espírito profetiza dizendo que apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios, mas não que darão ouvidos aos espíritos enganadores de uma doutrina de demônios, o que é muito diferente. Quis dizer o espírito que alguns crentes seriam enganados por espíritos embusteiros e

outros seriam levados para outras doutrinas, possivelmente às da idolatria que, como já vimos, eram chamadas pelos hebreus de doutrinas de demônios.

Sabemos perfeitamente que, para os que estão dominados pelo preconceito sectário e que se deixam levar pelas aparências sem nada analisar e que entendem que tudo é obra dos demônios, até as obras do bem que são praticadas por espíritos são interpretadas como artimanhas do diabo.

Porém, para os emancipados do preconceito religioso que nada aceitam sem antes analisar, portanto, com a aprovação da razão no que deve ser aceito, essa profecia tem o sentido que realmente encerra e não aquele que aparenta ter.

Um dos aspectos da predição de Paulo, que foi ditada pelo Consolador, que induz os religiosos a pensarem que ela se refere ao Espiritismo, é o fato de ser um acontecimento que se daria nos últimos tempos. E como o Espiritismo foi codificado, praticamente, em nossos dias e entendem os religiosos que estamos vivendo os aludidos últimos tempos, então acham que os citados espíritos enganadores são os que, atualmente, se comunicam nos meios espíritas.

A fim de demonstrar como as aparências são enganosas e, muitas vezes, nos levam a fazer interpretações errôneas, será feita uma análise, através das próprias escrituras bíblicas para esclarecer qual a extensão dos últimos tempos mencionados pelos apóstolos em suas epístolas.

Sem alterar o que "está escrito", tomaremos, separadamente, as partes da profecia que se referem ao tempo do seu cumprimento e os fatos que se consumariam.

Teremos então o seguinte: "Os últimos tempos"; "os espíritos enganadores" e "as doutrinas de demônios".

Partes essas, que serão apreciadas, "sem torcer o seu sentido", na continuação dos capítulos seguintes.

CAPITULO VIII OS ÚLTIMOS TEMPOS

Quem lê as escrituras da Bíblia encontrará no Novo Testamento, primeiramente, advertências e predições feitas pelo Cristo aos apóstolos e, depois, nas epístolas, feitas pelos apóstolos aos crentes do Cristianismo primitivo, prevendo as quais, para os últimos tempos, o ressurgimento de falsos profetas, de falsos cristos, de embusteiros, e de espíritos enganadores nos meios cristãos, bem como a apostasia que se daria, afastando muitos da fé. Tempos futuros anunciados que, aparentemente, dão a impressão de que são referentes aos dias em que vivemos, aliás, assim interpretam os congregados das diversas seitas cristãs.

Igualmente, com referência ao tempo, as profecias do Velho Testamento são

interpretadas por alguns de forma que os leva a estabelecer relações com o que está acontecendo atualmente e com o que deverá acontecer no futuro. Apesar de ser notória a razão de tais vaticínios, pois eram feitos aos povos naquela época advertindo-os que o que aconteceria era uma consequência dos erros praticados. As profecias não eram feitas aos povos do passado como que lhes revelando o que iria acontecer aos de um longínquo porvir. Não é isso que interpretamos lendo as predições que foram feitas ao povo de Israel. Elas preveniam os israelitas de tais acontecimentos vindouros, mais como uma consequência resultante de suas ações que contrariavam os mandamentos de Deus. Os profetas (médiums) transmitiam suas predições de derrotas dos exércitos do povo judeu e dos outros povos também, de invasões das cidades, de terríveis acontecimentos, sempre apresentando como causa o mau procedimento daquelas criaturas. Os profetas tinham a missão de admoestar os povos, apontando-lhes os erros cometidos, conjurando-os ao arrependimento das faltas e aconselhando-os a se voltarem a Deus a fim de serem perdoados, evitando, assim, o que era previsto como consequência caso continuassem persistindo nos erros.

E quanto ao que Jesus e os apóstolos falaram sobre os falsos profetas e as falsas doutrinas, também estavam se referindo ao que se daria entre os cristãos primitivos, como de fato aconteceu.

Quando Jesus preveniu aos apóstolos que viriam os que, com fingimento, se apresentariam como ovelhas, mas que interiormente eram lobos devoradores, não quis dizer que isso aconteceria em épocas futuras, mas com eles mesmos, pois lhes forneceu a forma de reconhecê-los dizendo que pelo fruto se conhece a árvore. Por sua vez, os apóstolos preveniam os convertidos na Doutrina Cristã, já aguardando a aproximação dos preditos. Sabiam que os perversos e os perturbadores da ordem e da harmonia reinante já estavam campeando, por isso não se cansavam de prevenir os incautos discípulos da nova doutrina da salvação para se precaverem de tais embusteiros.

As epístolas dos apóstolos contêm muitas dessas advertências prevenindo os neófitos do Cristianismo primitivo.

Como vimos nas advertências que são mencionadas na introdução deste trabalho, o apóstolo Pedro diz que nos últimos dias apareceriam os enganadores e os falsos profetas; e o apóstolo Judas previne os crentes dizendo-lhes que os preditos pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo já estavam no mundo; e o apóstolo João afirma que já se encontravam entre tais perversos acrescentando que, isso era um sinal que já era a última hora, isto é, que estavam vivendo os últimos tempos prognosticados.

O apóstolo Pedro, em sua segunda Epístola, deixa explicada a razão das predições feitas sobre os enganadores declarando que sempre houve falsos profetas, e que, naturalmente, haveriam de surgir entre os cristãos. O que esclarece que não se trata de profecias prevenindo o advento de uma falsa

doutrina de espíritos enganadores, mas do ressurgimento de falsos obreiros e corruptores já nos primórdios da doutrina de fraternidade e amor do fulgurante Mestre Jesus.

Portanto, as advertências dos apóstolos não são dirigidas aos crentes de nossos dias, prevenindo-os que surgiria uma doutrina de demônios e de espíritos enganadores e que tal doutrina é o Espiritismo, como interpretam os seguidores das letras bíblicas.

Embora não estivessem os apóstolos prevendo o que aconteceria entre os crentes atuais, contudo sabemos perfeitamente que os falsos profetas e os espíritos enganadores, que sempre existiram, como disse o apóstolo Pedro e que haveriam de surgir entre os cristãos primitivos, como de fato surgiram e realmente deturparam a original Doutrina Cristã, continuam presentes ainda hoje entre nós.

Em suma, a respeito de tudo quanto oferece dúvida interpretação, a única forma de evitar de sermos levados pelas aparências dos fatos é a de procurarmos a sua verdade, pois só assim poderemos aceitá-los como realmente são e não como parecem ser.

CAPITULO IX OS ESPÍRITOS ENGANADORES

Com referência aos espíritos enganadores que são citados nas Escrituras Sagradas, além da expressão que nos dá a entender a que alude aos espíritos, há aquela que diz respeito aos homens embusteiros e fraudulentos, isto é, pessoas de espirito enganador: o falso obreiro.

Espíritos bons e espíritos maus, compreendidos como anjos e demônios, são mencionados nos livros sagrados das religiões, naturalmente, com designações peculiares a cada religião, segundo o seu textuário original.

E como todas as religiões cristãs e a religião judaica estão baseadas na Bíblia, portanto, reunindo um maior número de criaturas, é perlustrando as suas páginas que iremos considerar a questão dos "espíritos enganadores".

Como foi dito anteriormente, os nossos antepassados estabeleceram ordens de espíritos criados originalmente por Deus. Os anjos, os arcanjos, os querubins, os serafins e o diabo e seus demônios, considerados como anjos decaídos. E mais os espíritos dos mortos, assim compreendidos, diferentes dos demais habitantes do plano espiritual, porque os nossos irmãos da Antiguidade pensavam que eles eram criados por ocasião do nascimento do corpo.

Por não lhes ser possível, naquela época, compreender a razão das desigualdades evolutivas dos espíritos que se manifestavam e com eles se comunicavam, levados pelas aparências, entenderam que os que, sem se

identificarem, eram portadores de mensagens, de orientações e de bons conselhos, vinham por parte de Deus; os que, também sem se identificarem, pelo que faziam e aconselhavam se revelavam maldosos, vinham por parte do diabo e os que, bons ou maus, se revelavam como criaturas que aqui viveram, eram tidos como espíritos dos mortos.

Assim pensavam os religiosos do passado e influenciados por essa forma de interpretar, assim pensam todos os religiosos contemporâneos das seitas evangélicas. Para eles, as manifestações e comunicações espirituais que se verificam nos seres humanos têm esse caráter específico.

É evidente que estão eles com suas ideias enquadradas na interpretação literal dos textos bíblicos. Mas, o que é estranhável é que aquelas manifestações do "Espírito Santo", dos "Anjos do Senhor", de que muito falam as escrituras e que com rigorosa cautela eram aceitas pelos cristãos primitivos não se produzem mais nos seus meios. Por quê? Teriam os "Espíritos de Deus" deixado de comunicar-se com os adeptos do Cristianismo, deixando o campo da vida completamente livre ao "diabo e seus demônios"? Embora seja contraproducente tal hipótese, o comportamento dos sectários das igrejas evangélicas, a respeito das comunicações espirituais, traduz exatamente esse raciocínio; pois nada aceitam em matéria de comunicações de espíritos. E se assim procedem, naturalmente, é porque cuidam que os "Espíritos de Verdade" se afastaram dos seus meios definitivamente. Absurda incoerência! Se os Mensageiros do Senhor se manifestavam entre os crentes da Nova Revelação no início do Cristianismo, por que deixariam de estar presentes entre os crentes de nossos tempos, encorajando-os, orientando-os, lembrando-lhes as palavras do Amado Mestre Jesus, e revelando-lhes aqueles ensinamentos novos por Ele prometido na continuação da obra da evangelização da Humanidade?

Logicamente, rejeitando todas as comunicações dos espíritos, a fim de se precaverem das "artimanhas do diabo", os religiosos estarão também rejeitando as que são do Consolador. Como saber se uma comunicação é de um bom ou de um mau espírito, se não se examina os seus frutos? É pelo fruto que se conhece a árvore, disse Jesus. E na parábola do trigo e do joio, Jesus explica que é necessário separar o trigo do joio, a fim de se aproveitar o trigo. Pois que, ceifando o joio sem proceder a separação do trigo, este será queimado juntamente com o joio. Portanto, é uma insensatez julgar que todas as comunicações espirituais procedem do "diabo e dos demônios", sem um prévio exame de reconhecimento.

O problema das mistificações dos espíritos enganadores já era enfrentado pelos apóstolos, que não se cansavam de prevenir os neófitos do Cristianismo para não se deixarem ludibriar pelos tais. E é enganar-se a si mesmo não procurar entender o que está bem claro nas escrituras apostólicas, a respeito das comunicações dos espíritos. Não entende que os espíritos se comunicavam com os apóstolos e com os cristãos primitivos somente aquele que não pode mais entender, por estar obsecado por ideias preconcebidas. Espíritos de luz (elevados) e

espíritos das trevas (atrasados). Se assim não fosse, por que recomendaria o apóstolo João para que provassem os espíritos, para reconhecer os que vinham por parte de Deus e os que eram os mistificadores, dizendo que poderiam ser reconhecidos da seguinte forma: Os que declarassem que Jesus Cristo veio em *carne*, eram de Deus, e todos os que não declarassem que Jesus Cristo veio em *carne*, não eram de Deus; mas estes eram os espíritos do anti-Cristo?

Como vemos, é por demais simples a forma recomendada pelo apóstolo João para reconhecer se os espíritos eram de Deus ou enganadores espíritos das trevas. Mas, o que se verifica hoje é inacreditável, pois pode um espírito confessar que Jesus Cristo "veio em carne" e que Ele realmente é a luz do mundo que há quase vinte séculos esteve entre os seres humanos pregando-lhes os princípios da mais alta moral e ensinando-lhes as verdades eternas do espírito, que mesmo assim será Ele tomado, pelos sectários religiosos, por um "disfarçado emissário do diabo".

Embora as manifestações e comunicações de espíritos se tenham sempre produzido através das criaturas que possuíam os respectivos dons (mediunidade), ainda que erroneamente compreendidas, a sua produção extraordinária que envolveu as fases do Judaísmo primitivo e do Cristianismo nascente marcou época.

Pelo que descrevem os livros do Velho Testamento verificaram-se muitos feitos espirituais e muitas comunicações, pois além dos grandes e dos pequenos profetas (médiums) que se destacaram entre o povo judeu, outros tantos, em grande número, são citados.

Entre outras citações poderemos assinalar as seguintes: Em Números, diz que Deus fez repousar o espírito em setenta anciãos e, também, em Eldad e Medad, que começaram a profetizar (dar comunicações); em I Samuel, diz que o Espírito do Senhor se apoderou de profetas de um rancho, e mais adiante fala de uma congregação de profetas; e em Jeremias, lemos que os profetas profetizavam falsamente.

Encontramos, também, nas escrituras do Velho Testamento, descrições de aparições de espíritos semelhantes aos filhos dos homens que falam aos seres encarnados, e muitos casos de fenômenos espirituais que descrevem fatos extraordinários.

E nas epístolas apostólicas, principalmente em Atos dos Apóstolos, cujas narrações descrevem o início da divulgação do Evangelho pelos apóstolos e discípulos, encontramos muitos fatos extraordinários a respeito da fenomenologia psíquica. A começar pela descida do Espírito Santo, em que os apóstolos falaram línguas estranhas, operaram curas e expulsaram muitos demônios (espíritos sofredores). Seguindo-se muitos fatos de suma importância sobre a comunicação e os feitos dos espíritos. São anjos (espíritos) que abrem portas de prisões; anjos (obreiros espirituais) que falam aos apóstolos e discípulos; o Espírito Santo (Espíritos da Verdade) que impede aos apóstolos que fossem a este ou àquele lugar, os que os força a irem a outros lugares.

Não obstante todas essas manifestações espirituais que se produziram através dos profetas (médiums) e todos os sinais (fenômenos extraordinários) que se produziram, em grande profusão, entre os israelitas, quando veio Jesus eles já não tinham nenhum profeta (médium) de confiança. Fase idêntica àquela, mencionada no livro dos Salmos, que diz: "já não vemos os nossos sinais; já não há profetas; nem há entre nós alguém que saiba até quando isto durará". Tal era a prevenção sobre a mistificação dos enganadores que o Cristo não foi reconhecido como um profeta de seu povo, antes, foi tomado por um farsante que operava pelo poder de belzebu.

E na revivência do Cristianismo, que foi assinalada por muitas manifestações e comunicações de Espíritos enviados pelo Alto para esclarecerem aos seres humanos as verdades de suas vidas, e que deveriam, a seu tempo, ser explicadas pelos Espíritos da Verdade, conforme anunciou Jesus aos seus apóstolos, os adeptos do Evangelismo sectário, presos à "letra que mata" e desprezando o "espírito que vivifica", temendo, tal qual os adeptos do Judaísmo serem enganados pelo "diabo", também entenderam e ainda entendem, que as comprovadas mensagens de luz e amor que chegam até nós por intermédio dos "Espíritos de Deus" não passam de "manobra do maligno".

Observando a forma com que os israelitas encararam as curas que Jesus operou e os feitos espirituais por Ele produzidos e a prevenção adotada pelos representantes das seitas cristãs em face das manifestações espirituais que vieram fazer reviver o Cristianismo original, notaremos a mesma reação de ordem sectária.

Que os demônios (espíritos das trevas) campeiam na seara humana atuando, por afinidade, nas mentes dos encarnados que lhes fornecem campo tentando-os para induzi-los aos vícios e desviá-los do bom caminho, é inegável e indiscutível. Já falou o apóstolo Paulo, em sua Epístola aos Efésios, que não tínhamos que lutar contra a carne e o sangue, mas contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais, o que foi comprovado pelos Espíritos da Verdade que nos explicaram que realmente os espíritos atrasados, principalmente os que ainda pelo seu baixo estado evolutivo perambulam pela crosta da Terra, alimentando os mesmos apetites materiais e suas tendências maldosas, envolvem os encarnados, transmitindo-lhes as suas fraquezas.

É intuitivo e lógico que os Espíritos de luz vêm até nós na condição de obreiros da seara da vida humana cumprindo a tarefa que lhes foi confiada pelo Pai Celestial de assistirem aos seus irmãos encarnados, necessitados e caídos na estrada da dor que, através da oração, suplicam a ajuda do Alto para serem ajudados, orientados, aconselhados, socorridos, amparados e fortalecidos.

Como entender que Deus, nosso Pai de Âmor, tivesse ordenado a retirada dos Bons Espíritos da seara da vida, que são os Seus Mensageiros, que em todos os tempos estiveram sempre entre os seres humanos para ajudá-los e protegê-los,

deixando as criaturas à mercê das influências espirituais negativas? Aliás, isto seria uma inadmissível alteração na harmonia do Divino Sistema da vida. É uma ordem natural da Perfeição Divina que sempre que necessário as forças positivas (do bem) neutralizam as forças negativas (do mal). É a ação do amor em função do equilíbrio íntimo das criaturas que ainda se debatem entre o bem e o mal. É a luz da verdade, desfazendo os enganos da mentira.

Em suma, desde que a vida existe, sempre estiveram presentes os bons e os maus espíritos, nos seus diversos estados evolutivos. Os voltados unicamente ao mal, os que já começam a voltar-se ao bem, os que já se decidiram a palmilhar o bom caminho, os que praticam unicamente o bem e, acima destes, os altamente evoluídos, os Espíritos Superiores.

Portanto, é preciso que nos coloquemos em sintonia, através dos bons pensamentos e das boas obras, com os Bons Espíritos, orando e vigiando, a fim de não cairmos nas malhas das tentações dos espíritos enganadores.

CAPITULO X AS DOCTRINAS DE DEMÔNIOS

É de um distante passado que vem a forma de denominar de doutrina de demônios as da idolatria.

Por não terem ainda alcançado a evolução que lhes facultasse a concepção do Fundamento da Vida, o Deus- -Criador, cada povo concebeu o Governo do mundo de uma forma particular. E como não havia ainda o conhecimento da Unicidade do Espírito dos Universos, foram concebidos vários deuses, cada qual com atribuições na regência do mundo e com incumbências na produção dos fenômenos da Natureza. Assim, a maioria dos povos professava o politeísmo com seus deuses das chuvas, dos ventos, dos trovões, etc., representados por imagens esculpidas pelos artífices da época.

Adoravam e temiam deuses em nome dos quais eram praticados cultos através de cerimônias com seus rituais especiais a cada deus, por pessoas com vocação para exercer as funções de tal sacerdócio.

Embora tudo girasse em torno de formas materiais, contudo, o objetivo alimentado era mental, que imaginava uma forma espiritual como essência de uma força, de uma vontade e de uma inteligência superior. E, como criaturas humanas, com faculdades espirituais em latências, é natural que poderiam ser assistidas por espíritos, desde que algumas dessas criaturas tivessem faculdades mediúnicas desenvolvidas. Logicamente, por espíritos que se comunicavam em relação de condição evolutiva e em afinidade de sentimentos e aspirações dos encarnados.

Como é fácil de entender, os deuses eram materiais, mas eram figuras que representavam, para a mentalidade daqueles povos, seres superiores que tinham

força, poder e sabedoria muito acima dos humanos. Portanto, os nossos irmãos do passado, que ainda não tinham chegado à concepção de um Deus Único, Criador dos céus e da Terra, acreditavam que haviam muitos deuses no governo do mundo, e como não lhes era possível adorá-los sem que fossem representados materialmente, imaginaram formas para personificá-los.

Assim, deduzimos que os idólatras não atribuíam poderes sobrenaturais à imagens esculpidas, mas às entidades extraterrenas que simbolizavam. Um exemplo aproximado temos no Catolicismo, que também venera e adora os seus santos que já morreram através das suas imagens representativas. Naturalmente, a evocação é feita aos espíritos dos santos que se encontram no plano espiritual, com a diferença de que as figuras da idolatria são imaginativas, nascidas da ficção, enquanto que as imagens dos chamados santos são representações autênticas, segundo a pessoa de cada um dos que entre nós viveram.

A Bíblia está repleta de citações referentes à idolatria. Tanto Moisés como os profetas, quando se referiam aos idólatras, diziam que os tais professavam doutrinas de demônios. Claro que não eram doutrinas de demônios na acepção da palavra. Assim pensavam os israelitas, porque os povos idólatras ainda não concebiam a verdade do Deus Jeová que eles adoravam e temiam.

Uma das razões que levou os hebreus a pensarem que os idólatras professavam doutrinas de diabos e demônios, era a atitude de adversão que alimentavam a respeito. Por não entenderem o verdadeiro motivo que fazia com que aquelas criaturas se voltassem a outros deuses, os israelitas julgavam que os deuses que elas adoravam e temiam, eram inimigos do seu Deus. Não podiam ainda compreender que elas se voltavam a vários deuses, porque ainda não tinham conhecimento da existência do Deus Absoluto. Por conseguinte, como o inimigo de Deus, para os israelitas, era o diabo, chefe dos demônios, eles entendiam que, quem não adorava o seu Deus, estava ao lado daqueles. Daí acharem eles que as doutrinas da idolatria, eram as do diabo e dos demônios.

Falando sobre os deuses estranhos da idolatria, Deus diz a Moisés: "Eis que eu faço um concerto; farei diante de todo o teu povo maravilhas que nunca foram feitas em toda a terra, nem entre gente alguma". "De maneira que todo este povo, em cujo meio tu estás, veja a obra do Senhor, porque coisa terrível é o que faço contigo". "Guarda o que eu te ordeno hoje: Eis que lançarei fora diante de ti os amorreus, os cananeus, os heteus, os ferezeus, os heveus e os jebuzeus". "Guarda-te que não faças concerto com os moradores da terra aonde hás de entrar, para que não seja por laço no meio de ti". "Mas os seus altares transtornareis, e as suas estátuas quebrareis, e os seus bosques cortareis". "Porque não te inclinarás diante de outro deus, pois o nome do Senhor é zeloso: Deus zeloso é ele". "Para que não faças concerto com os moradores da terra, e não fomiquem após os seus deuses, nem sacrifique aos seus deuses e tu, convidado deles, comas dos seus sacrifícios" (Êxodo — Cap. 34; 10 a 15).

No "último Cântico de Moisés", encontramos o seguinte: "Com deuses estranhos o provocaram a zelos; com abominações o irritaram". "Sacrifícios ofereceram aos diabos, não a Deus; aos deuses que não conheceram, novos deuses que vieram há pouco, dos quais não se estremeceram vossos pais" (Deut. — Cap. **32: 16, 17**).

A respeito da idolatria de Jeroboão, está escrito o seguinte: "E disse Jeroboão no seu coração: Agora

tornará o reino à casa de David". "Se este povo subir para fazer sacrifícios na casa do Senhor, em Jerusalém, o coração deste povo se tomará a seu senhor, a Roboão, rei de Judah, e me matarão, e tomarão a Roboão rei de Judah". "Pelo que o rei tomou conselho, e fez dois bezerros de ouro, e lhes disse: Muito trabalho vos será o subir a Jerusalém; vês aqui teus deuses, ó Israel, que fizeram subir da terra do Egito". "E pôs um em Bethe-e) e colocou o outro em Dan". "E este feito se tomou pecado, pois o povo ia até Dan cada um a adorar" (I Reis — Cap. **12;26 a 30**).

Este acontecimento é relatado em II Crônicas — Cap. **11; 15**, dizendo: "E ele constitui para si sacerdotes para os altos, e para os demônios, e para os bezerros que fizeram".

Como vemos, as escrituras do Velho Testamento nos dão a entender que o povo hebreu, contemporâneo de Moisés, pela mesma razão que levava os outros povos a serem idólatras, também era propenso a essa prática. Pois não tinham ainda, os hebreus daquela época, condições evolutivas para conceberem, com conhecimento fundamentado, a existência do Deus Absoluto, Criador de todas as coisas. Razão pela qual eram facilmente desviados da crença de seu Deus.

Uma evidente prova disso temos quando Moisés subiu ao monte Sinai para receber os Dez Mandamentos, e por ter-se demorado na volta, o povo já impaciente e descrente, entendeu que deveria voltar-se a outro deus. Então falaram a Aarão. Este pediu-lhes o ouro que tinham e dele fez um bezerro para eles adorarem (Êxodo — Cap. **32: 1 a 4**). Também no caso de Jeroboão vimos com que facilidade parte do povo de Israel passou a adorar os bezerros que ele mandou fazer.

E na fase do Cristianismo primitivo, o apóstolo Paulo, escrevendo aos Coríntios diz o seguinte: "Portanto, meus amados, fugi da idolatria". "Falo como a entendidos, julgai vós mesmos o que digo". "Porventura o cálix de bênção que benzemos, não é a comunhão do sangue de Cristo"? "O pão que partimos não é porventura a comunhão do corpo de Cristo"? "Porque nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo: Porque todos participamos do mesmo pão". "Vede a Israel segundo a carne: Os que comem os sacrifícios não são porventura participantes do altar"? "Mas que digo"? "Que o ídolo é alguma coisa"? "Que o sacrifício ao ídolo é alguma coisa"? "Antes digo que as coisas que os gentios sacrificam, as sacrificam aos demônios, e não a Deus". "E não quero que sejais participantes com os demônios". "Não podeis beber o cálix do Senhor e o cálix dos demônios: Não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios" (I Cor. — Cap. **10**;

14 a 21).

Pelo que o apóstolo diz aos Coríntios compreendemos a luta que os apóstolos tiveram para fazer com que os neófitos do Cristianismo entendessem que não deveriam continuar adorando ídolos, bem como para que deixassem de oferecer-lhes sacrifícios. Como vemos, o apóstolo Paulo, como judeu israelita, conhecedor das Leis e dos Profetas, também diz que os sacrifícios oferecidos aos ídolos eram para os demônios e não para Deus.

Mesmo considerando que as criaturas que professavam a idolatria eram, pelas suas faculdades mediúnicas, assistidas por espíritos, na sua maioria atrasados, que estavam em afinidade com o estado mental dos encarnados, portanto, interpretados como diabos e demônios, podemos também admitir que a idolatria era taxada de doutrina de diabos e demônios para melhor persuadir as criaturas de quanto estavam erradas seguindo tais práticas.

Repetimos mais uma vez que, embora houvesse manifestação de espíritos "inimigos de Deus" entre os que professavam a idolatria, contudo somos levados a crer que a denominação de doutrina de demônios baseava-se, também, no que se verifica em tomo de tais cerimônias. Pois que, entre outros absurdos do fanatismo, e da ignorância, havia o inacreditável ato de oferecer em holocausto os próprios filhos. Diante de tais fatos, é com razão que os que já tinham alcançado uma melhor compreensão espiritual, julgavam que, o que se fazia no cerimonial da idolatria, eram coisas do diabo e dos demônios.

E sendo o apóstolo Paulo ex-observador da Lei do Judaísmo, é natural que se expressasse, falando em doutrinas de demônios, quando escreveu a Timóteo, prevenindo-o da apostasia, anunciada pelo "espírito expressamente diz", em que muitos se afastariam, levados por outras doutrinas, o que deixa explicado que as doutrinas de demônios a que se referiu eram as da idolatria, e não, como pensam muitos, a do Espiritismo praticado em nossos dias.

CAPITULO XI AS CONDENAÇÕES BÍBLICAS DAS COMUNICAÇÕES ESPIRITUAIS

São muitas as proibições e condenações que se encontram no Velho Testamento, a respeito das manifestações e comunicações espirituais.

Sabemos hoje que os adivinhadores, os prognosticadores, os agoureiros, os feiticeiros, os encantadores, os necromantes, as pitonisas, etc., que são citados na Bíblia, eram criaturas que operavam tais coisas através da atuação ou comunicação

espiritual.

Esta ordem de fenômeno extrafísico pululavam na face da Terra. E a sua produção não dependia de nenhum meio empregado pelos seres humanos; era antes o resultado de um processo que se verificava naturalmente pela atuação de uma lei. Se bem que a produção dos fenômenos psíquicos pode ser favorecida através do cultivo de certas práticas adequadas.

Pelo que deduzimos, naquele tempo a sua produção era, na sua maioria, espontânea, isto é, a criatura começava a sentir coisas estranhas que originavam os fenômenos espirituais, sem que pensasse em tais coisas, ou que desejasse que elas acontecessem. Fenômenos que se realizavam em relação ao estado evolutivo de cada criatura, portadora das correspondentes faculdades mediúnicas desenvolvidas. E como não havia conhecimento do que realmente acontecia nessa ordem de fenômenos, a sua interpretação era errônea. Por conseguinte, a sua causa era compreendida de acordo com que cada um imaginava que ela fosse. E quanto à aplicação de suas práticas, dependia da forma que era objetivada pela criatura em que se produzia tais manifestações.

Como sabemos, os povos das afastadas épocas viviam quase que exclusivamente pelas coisas terrenas.

Portanto, o egoísmo era fortemente dosado naquelas criaturas que ainda entendiam que a sua segurança e o seu bem-estar, dependia da sua maior ou menor posse dos valores materiais. E como os espíritos atuantes eram, salvo raras exceções, da mesma formação, as suas comunicações prendiam-se a assuntos de interesse pessoal e a objetivos de âmbito material.

De sorte que, excetuando as que tinham o caráter de mensagens de esclarecimento, de orientação, de advertência, de predição, mais frequentes nos povos mais evoluídos, as comunicações espirituais se apresentavam ainda muito rasteiras, utilizadas, quase que geralmente, para resolver problemas mundanos e para prejudicar os que se tornavam inimigos, isto é, usadas negativamente na prática do mal.

Era esse o aspecto dos fenômenos psíquicos que se produziam nos seres humanos das afastadas civilizações, cujas condenáveis formas de uso das forças extra terrenas das entidades espirituais atrasadas, chegam até nós como a prática de toda ordem de feitiçarias, ramificadas em várias formas de rituais, que se distinguem com denominações diferentes.

» Pelo que entendemos através do que nos diz a Bíblia, o povo hebreu, pela sua condição alcançada e não por privilégio de uma raça escolhida por Deus começou a ser assistido por espíritos esclarecidos, que lhe davam conselhos, que o repreendiam, que o advertiam, que o orientavam, que lhe anunciavam as coisas futuras, etc. Espíritos que vinham em nome de Deus Todo- -Poderoso. E pela falta de conhecimentos a respeito do Mundo Espiritual, os israelitas faziam uma falsa interpretação, pois que, em algum caso, pensavam que era Deus que com eles falava

"pessoalmente".

Se Moisés também incorreu nesse erro, não sabemos, mas achamos bem possível. Também somos inclinados a admitir a hipótese de ter Moisés falado que era Deus que lhe dizia o que devia ser transmitido ao povo judeu, para infundir-lhe respeito e temor, com o propósito de fazer com que fosse atendido e obedecido nas orientações e nos conselhos dados. E, pelo que entendemos, se radica na mesma razão as proibições de consultar os adivinhadores, os "mortos", as pitonisas, etc., que Moisés transmitiu ao povo hebreu, isto é, foram feitas como ordem de Deus e sob pena de morte, a fim de que observassem fielmente, e com temor o que lhe era imposto. Recomendações proibitivas que Moisés fez ao seu povo para que não seguissem os outros povos no que faziam no terreno espiritual, com os quais iriam conviver, bem como o culto da idolatria, pois que, como já foi observado em outro capítulo, os israelitas podiam ainda voltar-se aos ídolos desde que fossem induzidos por alguém que os persuadissem de que tal ídolo era poderoso.

A respeito das rigorosas e extremas proibições que foram feitas, em nome de Deus, para que os israelitas se abstivessem de certas práticas espirituais e de certos cultos religiosos, mister se faz considerar as razões de tão severas formas de impedir que um povo fizesse tais coisas.

Os profítes das religiões que estão fundamentadas na Bíblia observam as advertências proibitivas que nela se contêm, tomando tudo ao pé da letra, portanto, crendo piamente que foi realmente Deus que falou tais coisas.

Que no passado, os seres humanos que ainda não tinham alcançado os devidos conhecimentos, interpretassem erroneamente as manifestações espirituais e tudo aceitassem a respeito do que lhes era imposto como palavra de Deus, sem nenhum exame racional, é natural e está certo. Mas, hoje, em pleno século XX, no qual os seres humanos realizaram extraordinárias conquistas no campo das ciências físicas, portanto que muito avançaram no conhecimento, e o Alto muito iluminou a área da Espiritualidade, produzindo um considerável descor- tinamento nos horizontes da existência, por conseguinte, proporcionando um aprofundamento nos ângulos con- cepcionais, não é mais possível continuar aceitando esses assuntos bíblicos sem que sejam passados pelo crivo da razão.

No tempo em que essas coisas aconteceram e foram escritas, a mentalidade reinante era de um nível de entendimento em que as criaturas não tinham dúvida de aceitar que Deus perseguia, castigava, condenava e mandava matar. Pois a concepção de Deus era de um deus pessoal. Por conseguinte, era poderoso, justo e bom, mas, também irava-se e era vingativo. De forma que, quando alguém dizia que Deus tinha ordenado que determinada criatura, que tinha cometido uma falta grave, deveria porisso morrer, ou que o povo de Israel deveria invadir uma cidade de um povo "inimigo de Deus", e fazer passar pelo fio da espada todos os seus habitantes, inclusive animais, e tudo destruir, estava perfeitamente certo, e conferia com o que entendiam por justiça divina. Mas, atualmente, baseados nos

elevados ensinamentos que Jesus nos transmitiu, a nossa concepção sobre Deus é consideravelmente mais evoluída, razão pela qual não podemos mais concordar com a de nossos antepassados que compreendiam Deus ainda muito à sua semelhança, atribuindo-Lhe certas ordens e certos feitos como se fosse um ser humano.

Com a vinda de Jesus, essa questão de Deus mandar matar e destruir tornou-se completamente superada. Pois o Divino Mestre, com a sua Doutrina de fraternidade, de luz e amor, ensinou à Humanidade que deveria perdoar sempre, que deveria amar os seus inimigos, que deveria fazer o bem a quem Lhe fizesse o mal, etc. Assim, enquadrados nos seus sublimes ensinamentos, embora mais na teoria que na prática, compreendemos que aquele que atinge uma aproximada vivência do Cristianismo, não seria capaz de fazer o que Deus fazia aos seres humanos, segundo relatam as histórias bíblicas. Ora, se a criatura que já alcançou a compreensão do verdadeiro sentido dos ensinamentos do Evangelho do Cristo, que Lhe faculta considerar a sua real condição no seio da vida, e que Lhe esclarece o respeito que deve ter pelos seus semelhantes e por toda a vida, não é capaz de fazer mal a alguém e não tem a coragem de matar um animal, jamais Deus que é a Suprema Sabedoria, que é infinitamente Justo e Todo Amor, faria mal às suas criaturas, castigando-as com penas eternas, ou mandaria matá-las somente porque fizeram alguma coisa que constitui uma transgressão de seus mandamentos.

Em suma, quanto às condenações das práticas espirituais que Moisés e os profetas, naquela época, fizeram em nome de Deus, estamos de pleno acordo, porque se ajustam aos nossos atuais conhecimentos a respeito do Espiritualismo, pois que também nós não aceitamos e condenamos as práticas da mediunidade usadas a serviço do mal, ou de interesses puramente materiais.

Porém, o que não achamos certo e não concorda com o nosso atual modo de conceber Deus, nosso Pai de Amor, é que tais coisas fossem proibidas por Ele sob inapelável condenação de morte. Embora, como já bem sabemos, Deus, por não querer a morte de ninguém, tenha estabelecido o seu categórico mandamento "Não Matarás"*, contudo, no passado, milhares de criaturas portadoras de dons espirituais foram exterminadas em Seu Nome.

Naturalmente, a nós que alcançamos uma mais aprofundada concepção de nosso Deus-Criador, ressalta com toda evidência que muito do que nossos antepassados atribuíram a Deus como seus feitos e suas ordens, não era senão produto dos próprios homens, ou de espíritos que, pelo que ordenavam que fosse feito e pelo que diziam, bem podemos avaliar o seu grau evolutivo.

CAPITULO XII

ANALISANDO A BÍBLIA

Como é do conhecimento geral, a Bíblia é um livro considerado por todas as

religiões que estão nela fundamentadas de origem puramente divina, razão pela qual entendem em que tudo que nela se contém deve ser aceito sem nenhuma alteração, portanto, seguido à risca conforme está escrito.

De forma que, embora muito do que está exarado na Bíblia a respeito do que "Deus falou" ou "deu ordens" que fosse feito, contrarie o bom senso, contudo, pelo temor de julgar ou rejeitar o que "provém de Deus", tudo é aceito incondicionalmente. A razão foi condicionada a aceitar tudo "que é divino", sem nenhum exame. Para o religioso é proibido indagar se está certo ou errado o que está escrito na Bíblia. Para ele, é uma profanação pensar que Deus não poderia ter falado ou ordenado certas coisas, que o próprio homem, com alguma evolução, não teria dito ou não teria feito. E pensa ainda que iria contrariar Deus, fazendo observações a respeito do que a Bíblia apresenta como sendo de Sua procedência, mas que não se harmoniza com a Sua Justiça, com a Sua Onisciência e com o Seu Supremo Amor.

Com referência às ameaças que fazem com que os crentes sigam piamente os textos bíblicos na sua forma original, entre outras temos as seguintes:

"Não acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardéis os mandamentos do Senhor vosso Deus" (Deuteronômio — Cap. 4:2).

"Guardai-vos de que vos esqueçais do concerto do Senhor vosso Deus, que tem feito convosco". "Porque o Senhor vosso Deus é um fogo que consome, um Deus zeloso" (Deuteronômio — Cap. 4: 23 e 24).

"Eis que hoje eu ponho diante de vós a bênção e a maldição: A bênção quando ouvirdes os mandamentos do Senhor vosso Deus, que hoje vos mando; porém a maldição, se não ouvirdes os mandamentos do Senhor vosso Deus" (Deuteronômio — Cap. 11:26, 27, 28).

"E se alguém tirar das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte do livro da vida e da cidade santa, e das coisas que estão escritas neste livro" (Apoc. — Cap. 22: 19).

De sorte que, subordinados a essas advertências, e a outras que se encontram nas escrituras bíblicas, os que observam fielmente a letra dos textos dos livros que estão enfeixados na Bíblia, pensando que ali está a "palavra de Deus" não lhes interessa saber se o que é apresentado como proveniente de Deus, contraria a sua própria Justiça, se o que foi dito naquele remoto passado, no presente já se tornou incoerente, e se as afirmações já estão em desarmonia com o atual avanço da ciência.

Porém, isso não acontece com os que já se emanciparam de tais coisas, que sem nenhuma condição de consciência formada, analisam os fatos, submetendo-os ao crivo da razão. Assim, em pleno uso do raciocínio, a procura da verdade, da verdade que os fará livres, procuram na Bíblia distinguir o que é realmente de Deus e o que é do homem.

Logicamente, o que provém do Altíssimo não está sujeito às alterações que se

processam, através dos tempos, pelo avanço evolutivo. As coisas de Deus são imutáveis e não podem ser modificadas. Por conseguinte, tudo quanto encontramos na Bíblia, atestando ser a "Sua Palavra", mas que não se coaduna com a Sua Infabilidade e que compromete a Sua Onisciente e Suprema Inteligência, deverá ser considerado como produto dos próprios homens.

E devem saber os que seguem as letras bíblicas, entendendo que tudo o que está escrito deve ser observado sem nenhuma omissão, que a forma infalível de se saber se uma coisa está certa ou errada, se um fato é verdadeiro ou é inventado, é a análise, o exame, o estudo e a comprovação. E somente assim procedendo que poderemos chegar a uma exata conclusão se de fato as coisas são segundo a realidade, ou apenas como pensamos a seu respeito.

Portanto, aquilo que é analisado e examinado sob as luzes da razão, com a aprovação da lógica contemporânea, conferindo perfeitamente com o que já está baseadamente admitido como real e verdadeiro, sem nenhuma incoerência racional, então poderemos considerar tal coisa fundamentalmente certa, ou tal fato com- provadamente verídico.

E para que a Bíblia seja realmente um "todo-sa- grado", como pensa um grande número de pessoas, mister se faz que todos os seus preceitos, todos os seus mandamentos, todas as suas histórias, enfim, tudo que contém, esteja de acordo com o que julgamos justo, certo, lógico e fundamentado.

É absolutamente inadmissível que o homem, com a sua relativa inteligência, possa encontrar incoerências no que foi ditado pela Suprema Inteligência do Criador. Não podemos, de forma alguma, conceber que o Senhor dos Mundos, o Deus Absoluto, que é Indefectível, Todo Amor e Justiça, tenha ordenado aos seres humanos, no passado, alguma coisa que hoje fosse interpretado por nós como uma aberração. Como poderia o nosso Pai Celestial, que nos Seus Mandamentos proíbe terminantemente o homicídio, mandar o povo judeu atacar uma cidade para a destruir e fazer passar pelo fio da espada todos, inclusive animais?

Outro desmedido absurdo da mentalidade religiosa é pensar que nos tempos passados Deus "agia" e se "manifestava" de forma diferente da de nosso tempo. Ora, Deus é o mesmo desde toda a eternidade. Por conseguinte, tudo que, no presente entendemos como Sua Justiça, Sua Inteligência, Seu Poder, Sua Onisciência, Seu Amor, assim já era nos tempos passados. O que mudou foi o modo de conceber Deus, os Seus Atributos e a Sua forma de manifestação. Isto sim, realmente sofreu mudança, e continuará se modificando em cada vez mais aprofundadas formas de concebê-Lo, e em sempre mais iluminados modos de interpretar as Suas manifestações.

Baseados na, conforme hoje concebemos, imutabilidade e indefectibilidade do Criador, temos a absoluta certeza de que, tudo quanto atualmente achamos que Deus não poderia ter dito ou feito, é história humana. Relatos de ocorrências passadas que foram apresentadas aos seres humanos na época com alguma

finalidade.

Talvez, para infundir-lhes o respeito, para torná-los obedientes, para coagi-los a adotar uma conduta de moderação, etc.

No presente, porventura alguém que entende que está seguindo as pisadas do Cristo, naturalmente já conhecendo a sua iluminada doutrina de amor, que manda perdoar sempre, que nos ensina que somos todos filhos do Pai Celestial, que nos manda dar a face direita a quem nos bate na esquerda, e que nos diz que devemos fazer aos nossos semelhantes somente aquilo que queremos que eles nos façam, teria esse, alguém, de sã consciência, a coragem de cometer a insensatez de aceitar que realmente Deus tenha dado ordens a Moisés, a Josué, a David e a outros para fazer tais coisas que são relatadas na Bíblia? Criminosas usurpações, brutalizadas violências e atos de selvageria, conforme podemos verificar nos seguintes trechos do Velho Testamento:

"Disse pois o Senhor a Moisés: Certamente morrerá o tal homem; toda a congregação com pedras o apedrejará fora do arraial. E então toda a congregação o tirou fora do arraial, e com pedras o apedrejou, e morreu, como o Senhor ordenara a Moisés" (Números — Cap. **15:35, 36**).

"Porém o que for imundo (por ter tocado num defunto) e não se purificar, a tal alma do meio da congregação será extirpada; porquanto contaminou o santuário do Senhor. Água de separação sobre ele não foi espargida, imundo é" (Números — Cap. **19:20**).

"Juntando-se pois Israel a Baal-peor, a ira do Senhor se acendeu contra Israel. Disse o Senhor a Moisés: Toma todos os cabeças do povo e enforca-os ao Senhor diante do Sol, e o ardor da ira do Senhor se retirará de Israel" (Números — Cap. **25: 4**). "Então Moisés disse aos juízes de Israel: Cada um mate os seus homens que se juntaram a Baal-peor" (Números — Cap. **25: 5**).

"E aquele profeta ou sonhador de sonhos morrerá, pois falou rebeldia contra o Senhor vosso Deus". "Mas, certamente o matarás; a tua mão será a primeira contra ele, para o matar, e depois a mão de todo o povo" (Deu- teronômio — Cap. **13:5, 9**).

"Então disse o Senhor a Josué: Olha, tenho dado na tua mão a Jericó e ao seu rei, os seus valentes e valorosos". "Vós pois todos os homens de guerra rodeareis a cidade, cercando a cidade uma vez: assim fareis por seis dias". "E, tudo quanto na cidade havia, destruíram totalmente ao fio da espada, desde o homem até à mulher, desde o menino até ao velho, e até ao boi e gado miúdo, e ao jumento" (Josué — Cap. **6:2, 3, 21**).

"E será que aquele que for tomado com anátema será queimado a fogo, ele e tudo quanto tiver; porquanto transgrediu o concerto do Senhor e fez uma loucura em Israel" (Josué — Cap. **7: 15**).

"E será que, tomando vós a cidade, poreis a cidade a fogo; conforme à palavra do Senhor fareis. Olhai que vo-lo tenho mandado" (Josué — Cap. **8:8**).

"Então disse o Senhor a Josué: Não temas e não te espantes: Toma contigo toda gente de guerra, e levanta-te, sobe a Hai. Olha que te tenho dado na tua mão o rei de Hai, e o seu povo, e a sua cidade, e a sua terra". "E todos os que caíram naquele dia, assim homens como mulheres, foram doze mil: Todos moradores de Hai. Tão somente os israelitas saquearam para si o gado e os despojos da cidade, conforme a palavra do Senhor, que tinha ordenado a Josué" (Josué — Cap. 8;1, 25, 27).

"Assim feriu Josué toda aquela terra, as montanhas, o sul, e as campinas, e as descidas das águas, e a todos os seus reis; nada deixou de resto, mas tudo o que tinha fôlego destruiu, como ordenara o Senhor Deus de Israel" (Josué — Cap. 10;40).

Dessas "ordens de Deus" a Bíblia está repleta, e iríamos longe demais se continuássemos apresentando-as. Em outros capítulos serão apresentadas outras que também deixam claramente demonstrado que os hebreus atribuíam a Deus o que era dos próprios homens. Por agora, as que foram apresentadas são suficientes para se verificar o que os congregados do Cristianismo sectário aceitam, com ingênua simplicidade, como sendo "originalmente de Deus".

Não se apercebem esses bem intencionados religiosos que com isso estão rebaixando Deus a um nível inferior ao dos homens. Será que não compreendem essas bondosas criaturas que o Velho Testamento, que com tanto empenho procuram observar juntamente com o Novo Testamento, constitui uma doutrina diferente? O Velho Testamento é o livro em que se alicerça o Judaísmo, e o Novo Testamento é o Código da Doutrina de luz e amor que o Cristo, o enviado de Deus, pregou à Humanidade, como uma nova doutrina que, embora por Ele não declarado, veio alterar completamente a já arcaica e inadequada religião judaica. O Judaísmo era ainda baseado no "olho por olho e dente por dente", e apresentava um Deus vingador, implacável e guerreiro, e o Cristianismo está fundamentado nas Leis do Amor, que ensina que somos todos irmãos, e que Deus nos ama de forma humanamente desconhecida, e que a ninguém castiga e como Bom Pai, quer unicamente o nosso bem.

Em suma, os nossos irmãos do Cristianismo sectário precisam compreender que, em vista de tais aberrações que se encontram nas escrituras do Velho Testamento, não é mais possível continuar pensando que tudo o que está escrito na Bíblia deve ser acatado como sendo a "palavra de Deus", que deve permanecer como coisa sagrada tal qual como foi transmitida.

Permanecer na sustentação do conceito de que a Bíblia é a "palavra de Deus", é o mesmo que continuar insistindo que o centro do Universo é a Terra, só porque Moisés, descrevendo a formação do mundo, diz que Deus fez primeiro a Terra, e depois o Sol, a Lua e todos os luminares do céu.

Os que querem conservar os livros que estão enfeixados na Bíblia como um todo-sagrado, porque entendem que foram ditados por Deus aos homens daquele

tempo, estão revelando a cegueira da sua razão, pois é uma demonstração de que o preconceito religioso os tornou completamente obcecados e não podem mais reconhecer o que está certo e o que está errado, o que é lógico e o que é ilógico; numa palavra, o que é de Deus e o que é dos homens ou de espíritos do mesmo nível evolutivo.

CAPITULO XIII O DEUS ANTROPOMORFO DA BÍBLIA

Pela falta de condição evolutiva dos povos do passado, era interpretado como sendo de Deus aquilo que era dos próprios homens, ou, possivelmente, de espíritos que com eles se comunicavam em afinidade de entendimento através dos profetas (médiums) contemporâneos. De muitas formas nos é demonstrado que as criaturas daquelas afastadas épocas não tinham condição para conceberem Deus despidido das características humanas. Para elas, que não tinham ainda atingido o correspondente amadurecimento espiritual para compreenderem tão elevada questão, era natural que Deus tivesse paixões e caprichos.

Segundo as histórias contemporâneas à época em que a Humanidade começou a despertar nos conhecimentos espirituais, que são narradas na Bíblia, o povo judeu foi um dos primeiros que passou do politeísmo para o monoteísmo. Os hebreus começaram a proclamar a existência de Jeová, o Deus único criador do Céu e da Terra, enquanto que a maioria dos povos ainda estava presa à idolatria, adorando vários deuses.

De forma que, os hebreus alcançaram, já naquela longínqua época, a compreensão do Deus Único, mas, como é natural, ainda envolto de toda sorte de ideias materializadas. É lógico que não era possível que passassem a conceber Deus de uma forma elevada, mas sim, de acordo com as suas condições conceptuais.

Chegar à unicidade do Deus-Criador foi realmente um grande passo dado pelos seres humanos, embora a mentalidade reinante continuasse exercendo a sua influência no modo de concebê-Lo antropomorficamente.

Fundamenta-se nessa razão o fato de os israelitas acharem que Deus era Justo e Bom, mas também genioso e vingativo. As histórias dos fatos ocorridos entre o povo judeu, descritas na Bíblia, reproduzem um fiel retrato do seu Deus.

Examinando os fatos históricos do povo hebreu, que são citados nos livros que foram sendo escritos como registros dos acontecimentos, das profecias, dos preceitos e mandamentos, das descrições de rituais do culto religioso, etc. deparamos com particularidades que deixam perfeitamente explicado o que aquelas criaturas entendiam por Deus.

Com referências às “comunicações de Deus” e aos seus “contatos” com os seres humanos, encontramos, na Bíblia, os seguintes relatos:

“E logo o Senhor disse a Moisés: “Vós três saí da tenda da congregação. E saíram eles três. Então o Senhor desceu na coluna da nuvem, e se pôs à porta da tenda. Depois chamou a Aarão e a Miriam, e eles saíram ambos. E disse: Ouvi agora as minhas palavras; se houver entre vós profetas, Eu, o Senhor, em visão a ele me farei conhecer, ou em sonhos falarei com ele. Não é assim com meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca falo com ele, e de vista, e não por figuras; pois ele vê a semelhança do Senhor. Por que não tivestes temor de falar contra o meu servo Moisés? Assim a ira do Senhor contra eles se acendeu, e se foi” (Números — Cap. **12:4 a 9**).

“E dirão aos moradores desta terra, os que ouvirem que tu, ó Senhor, estás no meio deste povo, que de cara a cara, ó Senhor, lhes apareces” (Números — Cap. **14:14**).

“Perdoa pois a iniquidade deste povo, segundo a grandeza da tua benignidade”. “E disse o Senhor: Conforme a tua palavra lhe perdoarei” (Números — Cap. **14:19 e 20**).

“Dize-lhes: Assim eu vivo, diz o Senhor, que, como falastes aos meus ouvidos, assim falarei a vós outros” (Números — Cap. **14:28**).

“Fala àquele que ouviu os ditos de Deus, o que vê a visão do Todo-Poderoso caído em êxtase e de olhos abertos” (Números — Cap. **24:4**).

“Porém o Senhor indignou-se contra mim por causa de vós, e não me ouviu, antes me disse: Basta, não me fale mais neste negócio” (Deut. — Cap. **3:26**).

“Por que quem há de toda a carne, que ouviu a voz do Deus vivente, falando no meio do fogo, como nós, e ficou vivo?” (Deut. — Cap. **5:26**).

“Mas porque o Senhor vos amava, e para guardar o juramento que jurara a vossos pais, o Senhor vos tirou com mão forte e vos resgatou da casa da servidão”. “Saberás pois que o Senhor teu Deus é Deus, o Deus fiel, que guarda o concerto e a misericórdia até mil gerações aos que amam e guardam os seus mandamentos”. “E o Senhor de ti desviará toda a enfermidade; sobre ti não porá nenhuma das más doenças dos egípcios, que bem sabes antes as porá sobre todos os que te aborrecem” (Deut. — Cap. **7:8, 9, 15**).

“E sucedeu que, ouvindo a voz do meio das trevas, e vendo o monte ardendo em fogo, vos achegastes a mim, e dissestes: Eis aqui o Senhor vosso Deus nos fez ver a sua glória e a sua grandeza, e ouvimos a sua voz do meio do fogo: Hoje vimos que Deus fala com o homem, e que o homem fica vivo” (Deut. — Cap. **5:23 e 24**).

“Porque temi por causa da ira e do furor com que o Senhor tanto estava irado contra vós, para vos destruir; porém ainda por esta vez o Senhor me ouviu” (Deut. — Cap. **9:19**).

“Porque és povo santo ao Senhor teu Deus, e o Senhor te escolheu, de todos os povos que há sobre a face da Terra, para lhe seres o seu povo próprio” (Deut.

— Cap. **14;2**).

"E será que, assim como o Senhor se deleitava em vós, em fazer-vos bem e multiplicar-vos, assim o Senhor se deleitará em vós, em destruir-vos e consumir-vos" (Deut. — Cap. **28;63**).

"Pelo que a ira do Senhor se acendeu contra Israel e os deu na mão dos roubadores, e os roubaram, e os entregou na mão dos seus inimigos ao redor, e não puderam mais estar em pé diante dos seus inimigos" (Juizes — Cap. **2; 14**).

"Porquanto o Senhor se arrependia pelo seu gemido, por causa dos que os apertavam e oprimiam" (Juizes — Cap. **2; 18**).

"Contudo, vós me deixastes a mim, e seguistes a outros deuses, pelo que não vos livrarei mais. Andai e clamai aos deuses que escolhestes; que vos livrem eles no tempo de vosso aperto. E tiraram os deuses no meio de si, e serviram ao Senhor. Então se angustiou a sua alma por causa do trabalho de Israel" (Juizes — Cap. **10;13, 14, 16**).

"E o Senhor se arrependeu de que pusera a Saul rei sobre Israel" (I Samuel — Cap. **15; 35**).

"E David consultou ao Senhor, o qual disse: Não subirás, rodeia por detrás deles, virás a eles por defronte das amoreiras". "Porque o Senhor saiu então diante de ti, a ferir o arraial dos filisteus". "E fez David assim como o Senhor lhe tinha ordenado, e feriu os filisteus desde Gibeah até chegar a Gezer" (II Samuel — Cap. **5;23, 24, 25**).

"Estendendo pois o anjo a sua mão sobre Jerusalém para a destruir, o Senhor se arrependeu daquele mal, e disse ao anjo que fazia a destruição entre o povo: Basta, agora retira a tua mão" (II Samuel — Cap. **24; 16**).

"Desperta, por que dormes, Senhor? Acorda, não me rejeites para sempre" (Salmos — **44;23**).

"E então o Senhor despertou, como quem acaba de dormir, como um valente que se alegra com o vinho" (Salmos — **78;65**).

"Eu formo a luz e crio as trevas; Eu faço a paz e crio o mal; Eu, o Senhor, faço todas estas coisas" (Isaías — Cap. **45; 7**).

"E será que depois de os haver arrancado, tornarei e me compadecerei deles" (Jeremias — Cap. **12; 15**).

"Se de boa mente ficardes nesta terra, então vos edificarei, e não vos derribarei, e vos plantarei, e não vos arrancarei, porque estou arrependido do mal que vos tenho feito" (Jeremias — Cap. **42; 10**).

"Porém obrei por amor ao meu nome, para que não fosse profanado diante dos olhos das nações" (Ezequiel — Cap. **20;9**).

"Dize, portanto, à casa de Israel: Assim diz o Senhor Jeová: Não é por vosso respeito que eu faço, ó casa de Israel, porém pelo meu santo nome, que profanastes entre as nações para onde vós fostes" (Ezequiel — Cap. **36;22**).

"Não esconderei mais minha face deles, quando houver derramado o meu

espírito sobre a casa de Israel, diz o Senhor Jeová" (Ezequiel — Cap. 39;29).

"Então o Senhor se arrependeu disso. Isto não acontecerá mais, disse o Senhor" (Amós — Cap. 7;3).

"Vi o Senhor, que estava em pé sobre o altar, e me disse: Fere o capitel, e estremeçam os umbrais, e corta-lhes em pedaços a cabeça de todos eles; e eu matarei à espada até o último deles; o que fugir dentre eles, não escapará, e se escapar dentre eles se salvará" (Amós — Cap. 9;1 e 2).

"E Deus viu as obras deles, como se converteram do seu mau caminho, e Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria, e não o fez" (Jonas — Cap. 3;10).

"Cala-te, toda a carne, diante do Senhor, porque ele despertou da sua santa morada" (Zacarias — Cap. 2;13).

"Assim diz o Senhor: Voltarei para Sião, e habitarei no meio de Jerusalém; e Jerusalém chamar-se-á a cidade de verdade, e o monte do Senhor dos Exércitos, monte de santidade" (Zacarias — Cap. 8;3).

"Então saiu um espírito e se apresentou diante do Senhor, e disse: Eu o persuadirei. E o Senhor lhe disse: Com quê?" (II Crônicas — Cap. 18;21).

Por essas narrações, de que a Bíblia está repleta, bem podemos aquilatar o grau de conhecimentos espirituais daquelas criaturas que pensavam que viam Deus e com Ele conversavam.

Para os israelitas, Deus os tinha escolhido como um povo preferido, e a eles se apresentava e com eles falava, prometendo-lhes as coisas, admoestando-os quando faziam aquilo que não Lhe agradava, e proferindo terríveis ameaças quando era desobedecido. E quando ficava furioso, mandava matar os causadores da sua revolta, bem como destruía com fogo que fazia descer do céu, às vezes, até cidades inteiras.

Como foi verificado, através dos textos antes expostos, esse "Deus" dos israelitas, era um juiz muito severo que a ninguém perdoava; fazia acordos com os seus "escolhidos", até jurando para oferecer-lhes garantia do que ficava estabelecido; ficava muito triste e enciumado, quando o seu "povo dileto" se voltava aos deuses estranhos da idolatria, deixando, por isso, de assisti-lo, quando estava precisando de sua ajuda; lamentava-se arrependido do mal que tinha feito, ou quando fazia algo que percebia, depois, que não correspondia ao que tinha planejado; era tido como o "Senhor dos exércitos", que lutava ao lado do seu "povo amado", quando este batalhava com seus inimigos; interrogava aos seus **emissários** & respeito de algum plano que deveria ser executado, como quem ignorava o que era por eles pensado; dormia, deixando de atender àqueles que eram os seus protegidos; enfim, esse "**Deus**" tinha paixões e caprichos, e tudo fazia como se fosse um simples ser com fraquezas e defeitos, em nada se revelando o Deus por nós hoje concebido.

É natural que Deus, presentemente concebido como a Suprema Inteligência, Causa Primária de todas as coisas, Onisciente, Onipresente, Onipotente, que rege os

universos e as vidas com absoluta indefectibilidade, com impecável Justiça e soberano Amor fosse compreendido pelos nossos antepassados, que ainda estavam iniciando os seus primeiros passos na espiritualidade, relativamente ao seu grau de entendimento alcançado.

Porém, o que é contraproducente é a religião sectária, atual, continuar pensando que o Criador da Vida, que é absolutamente inconcebível aos seres humanos, deva ser conservado, inalteradamente, como é apresentado nas molduras das escrituras do Velho Testamento, que retrata, apenas, um Deus antropomorfo.

CAPITULO XIV O DEUS GUERREIRO DAS HISTÓRIAS BÍBLICAS

Entre as fantásticas ocorrências que constam nos livros que o povo judeu foi escrevendo como histórias, crônicas, profecias, etc., que passaram a ser considerados como escrituras sagradas, estão aquelas que contam que Deus o instruía nas guerras que travava com outros povos, e até mesmo que tomava parte das mesmas, lutando ao seu lado. Isto era grandioso, e motivo de muito orgulho para os israelitas, pois era um privilégio deles ter Deus no comando de seus exércitos.

Naquela longínqua época, quando ainda os seres humanos não tinham conhecimento da absoluta superioridade do Criador, não resta dúvida que, para eles, era glorificar o seu Nome enaltecê-Lo perante os outros povos e alegar que suas vitórias nos campos de batalha era devidas a interferências de Deus que era, segundo entendiam, o poderoso e invencível Senhor dos Exércitos.

Porém, no presente, afirmar tal coisa seria uma absurda incoerência que somente viria rebaixá-Lo ao nível dos homens, bem como comprometer a Sua Justiça e o Seu Amor.

Como se originou essa crença de ter Deus, no passado, "escolhido um povo para O adorar", não temos conhecimento, mas presumimos que ela se radica no preconceito de raça e religião, bem como, o que é logicamente indiscutível, na carência de mais elevados conhecimentos que lhes fizessem compreender que o que pensavam a respeito do Deus-Criador, não era possível em hipótese alguma. Deus é o Criador de todas as coisas, concebido atualmente como Pai de todas as criaturas, portanto, ama a todas igualmente. Logo, essa história de ter Deus elegido o povo judeu como seu povo predileto, é invencionice dos israelitas, que ainda viviam num nível evolutivo no qual o egoísmo e o espírito de parcialidade era fortemente dosado.

Estado de consciência, em que as coisas eram vistas e compreendidas relativamente ao seu alcance perceptivo, portanto, interpretadas ainda segundo

as aparências. Razão pela qual, pensavam que Deus era o Senhor do exércitos que os fazia triunfar sobre os seus adversários, ou por eles serem derrotados, quando por algum motivo deveriam ser punidos por Ele.

Os trechos que passaremos a analisar, nos darão uma fiel informação do fato de Deus intervir, com parcialidade, a favor dos hebreus, quando guerreavam com seus inimigos.

"Para onde subiremos? Nossos irmãos fizeram com que derretesse o nosso coração, dizendo: Maior e mais alto é este povo do que nós; as cidades são grandes e fortificadas até os céus, e também vimos ali filhos dos gigantes. Então eu vos disse: Não vos espanteis, nem os temais. O Senhor vosso Deus vai adiante de vós; ele por vós pelejará, conforme a tudo o que fez convosco diante de vossos olhos, no Egito" (Deut. — Cap. **1:28** a **30**).

"Então o Senhor disse a Josué: Estende a lança que tens na mão, para Hai; porque a darei na tua mão. E Josué estendeu a lança que estava na sua mão para a cidade" (Josué — Cap. **8: 18**).

"E sucedeu que, fugindo eles diante de Israel, à descida de Bethoron, o Senhor lançou sobre eles, do céu, grandes pedras até Azeka, e morreram. E foram muitos mais os que morreram das pedras da saraiva do que os que os filhos de Israel mataram a espada" (Josué — Cap. **10:11**).

"Então Josué falou ao Senhor, no dia em que o Senhor deu os amorreus na mão dos filhos de Israel, e disse aos olhos dos israelitas: Sol, detem-te em Gi-beon, e tu Lua, no vale de Ajalon. E o Sol se deteve, e a Lua parou até que o povo se vingou de seus inimigos. Isto não está escrito no livro do Recto"? (Josué — Cap. **10: 12 e 13**).

"E de uma, vez tomou Josué todos estes reis e as suas terras; porquanto o Senhor Deus de Israel pelejava por Israel" (Josué — Cap. **10:42**).

"Porquanto do Senhor vinha, que os seus corações endurecessem, para saírem ao encontro a Israel na guerra, para os destruir totalmente, para se não ter piedade deles, mas para os destruir a todos, como o Senhor tinha ordenado a Moisés" (Josué — Cap. **11:20**).

"E levantaram-se os filhos de Israel, e subiram a Beth-el, e perguntaram a Deus, e disseram: Quem dentre nós subirá primeiro a pelejar contra Benjamin? E disse o Senhor: Judah subirá primeiro" (Juízes — Cap. **20:18**).

"E consultou David ao Senhor, dizendo: Irei eu, e ferirei a estes filisteus? E disse o Senhor a David: Vai, e ferirás aos filisteus, e livrarás a Keila" (I Samuel — Cap. **23:2**).

"Então consultou David ao Senhor, dizendo: Perseguirei eu a esta tropa? Alcançá-la-ei? E o Senhor lhe disse: Persegue-a, porque decerto a alcançarás, e tudo libertarás" (I Samuel — Cap. **30:8**).

"E David consultou o Senhor, dizendo: Subirei contra os filisteus? Entregar-mos-á nas minhas mãos? E disse o Senhor a David: Sobe, porque

certamente entregarei os filisteus nas tuas mãos. Então veio David a Baal-perasim, e feriu-os ali David, e disse: Rompeu o Senhor a meus inimigos diante de mim, como quem rompe águas" (II Samuel — Cap. 5; 19, 20).

"No lugar onde ouvirdes o som da buzina, ali vos ajuntareis conosco; o nosso Deus pelejará por nós" (Nehemias — Cap. 4;20).

"Portanto assim diz o Senhor, o Deus dos Exércitos: Porquanto falaste tal palavra, eis que converterei as minhas palavras na tua boca em fogo, e a este povo em lenha, e os consumirá. Eis que trarei sobre vós uma nação de longe, ó casa de Israel, diz o Senhor; é uma nação robusta, é uma nação antiquíssima, uma nação cuja língua ignorarás, e não entenderás o que ela falar" (Jeremias — Cap. 5; 14, 15).

Esses textos que foram apresentados, que são alguns dos muitos que se encontram na Bíblia, relatando como "Deus defendia o seu povo amado", Já são suficientes para deixar claramente demonstrada a condição evolutiva dos nossos irmãos do passado. Não é preciso ter muita perspicácia indutiva para verificar que eles ainda estavam iludidos pelas aparências dos fatos. Como humanos, e ainda num relativo atraso evolutivo que não lhes permitia alcançar com mais profundidade a concepção de Deus Absoluto, eram induzidos a considerar as coisas por analogia do que pensavam e do que sentiam. Naturalmente, referindo-se ao Criador, tudo que pensavam a Seu respeito como inteligência ou sentimentos, era elevado ao expoente máximo da compreensão contemporânea. De sorte que, para eles que ainda percebiam as coisas assim não lhes contrariava a razão o fato de Deus se portar à maneira dos homens, isto é, ter seus caprichos, suas simpatias e suas predileções por pessoas e povos. Daí, pensarem os israelitas que Deus só a eles amava e protegia, e como poderoso que era, imaginavam que por eles lutava como um "valente Deus guerreiro".

CAPITULO XV O DEUS DESTRUIDOR QUE AS ESCRITURAS SAGRADAS APRESENTAM

Segundo as Escrituras Sagradas do Velho Testamento, no tempo que marcou a fase inicial da concepção do Deus Jeová, muitas coisas aconteceram, que hoje não sabemos se devemos atribuir-lhes como causa dos contos lendários, ou, o que é mais provável, as epidemias e os fenômenos da Natureza, tais como, as erupções vulcânicas, os terremotos, as descargas elétricas, etc. Pois naquele tempo "Deus"

fulminava por atacado, eliminava, com pragas, multidões e destruía, com fogo, cidades inteiras.

Para aquelas criaturas que estavam despertando nos conhecimentos espirituais, Deus tanto amava, protegia, como odiava e castigava o "seu povo".

Como sabemos, segundo o Judaísmo, "Deus exigia" que as faltas graves que os israelitas cometiam, fossem expiadas com a própria vida. E em algum caso, o que era entendido por falta grave, era alguém violar, mesmo que não intencionalmente, o que estava prescrito para ser observado como mandamento, ou como culto religioso.

A história bíblica nos relata que Deus mandava matar e matava sem apelação, os que incorriam em qualquer delito. Os faltosos eram apedrejados, enforcados e fulminados irrevogavelmente. Conforme a natureza do crime, deveriam ser queimados, juntamente com o réu, todos os seus pertences. E quando a maioria das criaturas que pertenciam a uma cidade, pecava contra Deus, ou desobedecia as suas ordens, a execução era total.

Desses acontecimentos as páginas das escrituras bíblicas estão repletas.

Em seguida, passaremos a analisar alguns deles, os quais nos traduzirão uma imagem perfeita daquela sangrenta época em que "Deus exterminava" sem perdão.

"E aconteceu que, queixando-se o povo, era mal aos ouvidos do Senhor; porque o Senhor ouviu-o, e a sua ira se acendeu, e o fogo do Senhor ardeu entre eles e consumiu os que estavam na última parte do arraial. Então o povo clamou a Moisés, e Moisés orou ao Senhor, e o fogo se apagou" (Números — **11:1, 2**).

"Mas se o Senhor criar alguma coisa nova, e a terra abrir a sua boca e os tragar com tudo o que é seu, e vivos descerem ao sepulcro, então conhecereis que estes homens irritaram ao Senhor. E aconteceu que, acabando ele de falar todas estas palavras, a terra que estava debaixo deles se fendeu. E a terra abriu a sua boca, e os tragou com suas casas, como também a todos os homens que pertenciam a Coré, e a toda sua fazenda" (Números — Cap. **16:30, 31, 32**).

"Levantai-vos do meio desta congregação, e a consumirei como num momento. Então se prostraram sobre os seus rostos, e disse Moisés a Aarão: Toma o teu incensário, e põe nele fogo do altar, e deita incenso sobre ele, e vai depressa à congregação, e faze a expiação por eles; porque grande indignação saiu de diante do Senhor; já começou a praga. E tomou Aarão o incensário como Moisés havia falado, e correu ao meio da congregação, e eis que já a praga havia começado entre o povo. Deitou incenso nele, e fez expiação pelo povo. E estava em pé entre os mortos e os vivos, e cessou a praga. E os que morreram daquela praga foram quatorze mil e setecentos, fora os que morreram pela causa de Coré" (Números — Cap. **16:45, 46, 47, 48, 49**).

"E eles farão a tua guarda, a guarda de toda a tenda, mas não se chegarão aos vasos do santuário, e ao altar, para que não morram, tanto eles como vós. Ma.c tu e teus filhos contigo guardareis o vosso sacerdócio em todo o negócio do altar, e no

que estiver dentro do véu, isto administrareis; eu vos tenho dado o vosso sacerdócio em dádiva ministerial, e o estranho que se chegar morrerá" (Números — Cap. **18:3, 7**).

"Porém a mão do Senhor se agravou sobre os d'Asdod, e os assolou, e os feriu com hemorroidas, a Asdod e aos seus termos" (I Samuel — Cap. **5:6**).

"E feriu o Senhor os homens de Beth-semes, porquanto olharam para dentro da arca do Senhor, até ferir do povo cinquenta mil e setenta homens. Então o povo se entristeceu, porquanto o Senhor fizera tão grande estrago entre o povo" (I Samuel — Cap. **6:19**).

"Assim diz o Senhor dos exércitos: Eu me recordei do que fez Amaldek a Israel, como se lhe opôs ao caminho, quando subia do Egito. Vai pois agora e fere a Amaldek, e destrói totalmente a tudo o que tiver, e não lhe perdoes; porém matarás desde o homem até a mulher, desde os meninos até ao de mama, desde os bois até às ovelhas, e desde os camelos até aos jumentos" (I Samuel — Cap. **15:2, 3**).

"Então enviou o Senhor a peste a Israel, desde pela manhã até ao tempo determinado. E desde Dan até Berseba, morreram setenta mil homens do povo. Entendendo pois o anjo a sua mão sobre Jerusalém para a destruir, o Senhor se arrependeu daquele mal, e disse ao anjo que fazia a destruição entre o povo: Basta, agora retira a tua mão" (II Samuel — Cap. **24:15, 16**).

"E, chegando à eira de Nachon, estendeu Uza a sua mão à arca de Deus, e teve a mão nela, porque os bois a deixavam pender. Então a ira do Senhor se acendeu contra Uza, e Deus o feriu ali por essa imprudência, e morreu ali junto à arca de Deus" (II Samuel — Cap. **6:6, 7**).

"E sucedeu pois que naquela mesma noite saiu o anjo do Senhor, e feriu no arraial dos assírios a cento e oitenta e cinco mil deles. E levantando-se pela manhã cedo, eis que todos eram corpos mortos" (II Reis — Cap. **19:35**).

"E sucedeu que, falando-lhe ele lhe respondeu: Puseram-te por conselheiro do rei? Cala-te porque te feriram? Então o profeta parou e disse: Bem vejo eu que já o Senhor deliberou destruir-te, porquanto fizeste isto, e não deste ouvidos a meu conselho" (II Crônicas — Cap. **25:16**).

"Olha, ponho-te neste dia sobre as nações, e sobre os reinos, para arrancares e para derribares, e para destruíres, e para arruinares, e também para edificares e para plantares" (Jeremias — Cap. **1:10**).

"E farei de Jerusalém montões de pedras, morada de dragões, e das cidades de Judah, farei uma assolação, de sorte que não haja habitantes" (Jeremias — Cap. **9:11**).

"Eis que eu enviarei, e tomarei a todas as nações do norte, diz o Senhor, como também a Nabucodonosor, rei da Babilônia, meu servo, e os trarei sobre esta terra, e sobre os seus moradores, e sobre todas estas nações em redor, e os destruirei totalmente, e pô-los-ei em espanto, e em assobio, e em perpétuos

desertos" (Jeremias — Cap. **25;9**).

"Então saiu fogo do Senhor, e consumiu os duzentos e cinquenta homens que ofereciam o incenso" (Números — Cap. **16;35**).

"Mas Elias respondeu, e disse ao capitão de cinquenta: Se eu, pois, sou homem de Deus, desça fogo do céu, e te consuma a ti e aos teus cinquenta. E então fogo do céu desceu, e o consumiu a ele e aos seus cinquenta" (H Reis — Cap. **1;10**).

"Eis que meterei nele um espírito, e ele ouvirá um arruído, e voltará para a sua terra: à espada o farei cair na sua terra" (II Reis — Cap. **19;7**).

"Agora, pois, subi eu porventura sem o Senhor contra esta terra, para a destruir? O Senhor mesmo me disse: Sobe contra esta terra, e destrói-a" (Isaías — Cap. **36; 10**).

"Porque falei no meu zelo, no fogo do meu furor, que naquele dia haverá grande tremor sobre a terra de Israel; de tal forma que tremerão diante da minha face os peixes do mar, e as aves do céu, e os animais do campo, e todos os répteis que se arrastarem sobre a terra; e todos os homens que estão sobre a face da terra; e os montes serão deitados abaixo, e os precipícios cairão, e todos os muros cairão à terra. Porque chamarei sobre ele a espada por todos os meus montes, diz o Senhor Jeová: a espada de cada um se voltará contra seu irmão. E contenderei com ele com a peste e pelo sangue; e uma chuva abundante, e grandes pedras de saraiva, fogo e enxofre choverei sobre ele, e sobre as tropas, e sobre os muitos povos que estiverem com ele" (Ezequiel — Cap. **38; 19 a 22**).

Esses poucos exemplos que foram colhidos dos livros do Velho Testamento, que dizem respeito ao que "Deus fazia e mandava fazer" para punir os que se tomavam réus de juízo, deixam claro como aquelas criaturas estavam ainda distantes de poder avaliar o que era Deus.

Que os nossos ancestrais não tivessem ainda chegado à compreensão da infinita grandeza e da absoluta sabedoria de Deus, é compreensível e razoável, mas, o que não tem cabimento e constitui um absurdo de grosso calibre, é contemporaneamente os religiosos entenderem que essas coisas realmente aconteceram no passado, porque naquele tempo as coisas eram assim, como se Deus agisse de uma forma e agora passou a agir de outra. Por incrível que pareça, é isso que se verifica entre os profetas da religião sectária. Estão tão compeetrados (fanatizados) de que a Bíblia é um livro "todo-sagrado", e que tudo que nele se contém, é a palavra de Deus que, mesmo contrariando a razão, tudo aceitam literalmente o que nele está escrito como sucedido.

Mas, somente é possível pensar assim, não fazendo uso da razão, ou sofismando-a, consciente ou inconscientemente, com a interpretação do preconceito adotado.

Os que não têm seu entendimento condicionado a um preconcebido modo particular de interpretar os assuntos bíblicos, sabem perfeitamente que aceitar como verdadeiros os fatos que estão registrados na Bíblia sobre o que "Deus fazia

ou mandava fazer" a respeito de mortes e destruições, é dar mostras de irrefletida ingenuidade. Realmente, é preciso estar completamente obsecado por uma determinada forma pessoal de entender as coisas, para poder admitir que Deus, da forma que é hoje concebido, tivesse feito o que lhe é atribuído pelos israelitas de um já distante passado. De acordo com o que os religiosos entendem, se Deus fez naquele tempo coisas que hoje não faz mais, então é porque houve modificação na diretrizes de Sua Regência.

Esse raciocínio de nossos irmãos do sectarismo religioso, esclarece que eles não percebem (ou não querem perceber) que a evolução que houve desde aqueles tempos passados até nossos dias, foi somente na mentalidade humana, logicamente sem nenhuma alteração na forma da Ação Divina.

É evidente que a transformação verificada atualmente, a respeito da incoerente, absurda e impossível forma de "Deus agir" que é apresentada na Bíblia, está na razão direta do fator estado evolutivo dos seres humanos.

Como todas as coisas que no passado os seres humanos pensavam que a sua natureza era como imaginavam, mas depois sofreram a transformação do toque da verdade, também, por não entenderem as coisas a respeito de Deus, começaram pensando que o que acontecia, para eles, de forma sobrenatural, pela ação dos fenômenos naturais, era Deus que fazia. Igualmente como os politeístas, que pensavam que cada fenômeno da Natureza era produzido por um deus. E como os hebreus ainda não estavam completamente emancipados dessa ordem de interpretações fantásticas, como vimos em outro capítulo, é natural que aliassem à nova crença do único Deus Jeová aquele modo de pensar, baseado nos deuses que abençoavam e castigavam, que protegiam e destruíam, e que, de acordo com o que os "seus povos" mereciam, os faziam ganhar ou perder as guerras. Por conseguinte, o Deus criador dos céus e da Terra, que estavam começando a adorar e a temer, tudo fazia semelhantemente aos deuses antigos, parcialmente abandonados, isto é, de acordo com o que se fazia necessário, tanto abençoava e protegia, como amaldiçoava e castigava.

Enfim, para aquelas criaturas que estavam vivendo a fase da infância espiritual, Deus era Todo-Poderoso, Justo e Bom, mas quando ficava irado também perseguia, matava e assolava como um Deus destruidor.

CAPITULO XVI AS FRAQUEZAS E AS PAIXÕES DO DEUS DOS HEBREUS

Temos hoje perfeito conhecimento de que Deus está acima de todas as elementares concepções que, no passado, nossos irmãos formulavam a Seu

respeito, bem como as que no presente, relativamente mais aprofundadas, alimentamos.

Compulsando a história, verificaremos que os povos da Antiguidade faziam interpretações sobre certos fatos e certos fenômenos, baseados no que lhes parecia ser, sem nenhum aprofundamento filosófico, e sem nenhum conhecimento científico.

Particularmente o povo judeu, através dos seus escritos que estão enfeitados na Bíblia, nos dá uma ideia formal a esse respeito. Analisando os fatos que nela se contêm, percebemos, sem dúvida, que todas as suas histórias em que figura como protagonista o Deus que os israelitas adoravam e temiam, têm a sua explicação nas rudimentares interpretações que faziam a respeito de Sua Natureza e de Sua Ação no Universo. Forma essa que, naturalmente, se fundamentava no que imaginavam sobre o Criador, baseados na analogia que estabeleciam com relação à sua própria natureza humana. Pois, pelo que verificamos nas escrituras bíblicas, torna-se evidente que o Deus por eles concebido era todo pessoal.

Razão pela qual, em quase todas as coisas que eram atribuídas a Deus como feito, como ação providencial, ou como aplicação de castigos e de penas mortais, sempre são revestidas das características humanas, como veremos a seguir, através de alguns trechos extraídos dos registros do Judaísmo.

"E eu santificarei o meu grande nome, que foi profanado entre as nações, o qual profanastes no meio delas; e as nações saberão que eu sou o Senhor, diz o Senhor Jeová, quando eu for santificado aos seus olhos" (Jcziel — Cap. **36:23**).

"E se lembrou do seu concerto, e se arrependeu segundo a multidão das suas misericórdias" (Salmos — Cap. **106:45**).

"Uma vez jurei pela minha santidade que não mentirei a David" (Salmos — Cap. **89:35**).

"Levantou pois o Senhor a Salomão um adversário, a Hadad, o edumeu: ele era da semente do rei em Edom" (I Reis — Cap. **11:14**).

"Pois o Senhor não desampará o seu povo, por causa do seu grande nome: porque aprouve ao Senhor fazer-vos o seu povo" (I Samuel — Cap. **12:22**).

"Desperta e acorda para o meu julgamento, para minha causa, Deus meu, e Senhor meu" (Salmos — Cap. **35:23**).

"Conforme a todas as obras que fizeram desde o dia em que os tirei do Egito até ao dia de hoje, e a mim me deixaram, e a outros deuses serviram, assim também te fizeram a ti" (I Samuel — Cap. **8:8**).

"Assim eu me engrandecerei e me santificarei, e me farei conhecer aos olhos de muitas nações, e saberão que eu sou o Senhor" (Ezequiel — Cap. **38:23**).

"Exalta-te, Senhor, na tua força; então cantaremos e louvaremos o teu poder" (Salmos — Cap. **21:13**).

"E subiu o anjo do Senhor de Gilgal a Bochim, e disse: Do Egito vos fiz subir, e vos trouxe à terra que a vossos pais tinha jurado e dito: Nunca invalidarei o meu

concerto convosco" (Juízes — Cap. 2;1).

"Porém toda prata, o ouro, os vasos de metal e de ferro, são consagrados ao Senhor: Irão ao tesouro do Senhor" (Josué — Cap. 6; 19).

"Então o Senhor disse a Moisés: Torna a pôr a vara d'Arão perante o testemunho, para que se guarde por sinal para os filhos rebeldes. Assim farás acabar as suas murmurações contra mim, e não morrerão" (Números — Cap. 17; 10).

"E, encontrando-se Deus com Balaão, lhe disse: Preparei sete altares e ofereci um bezerro e um carneiro sobre cada altar" (Números — Cap. 23;4).

"Portanto, diz o Senhor Deus de Israel: Na verdade tinha dito eu que a tua casa e a casa de teu pai andariam diante de mim perpetuamente; porém agora diz **112** o Senhor: Longe de mim tal coisa, porque aos que me honram honrarei, porém os que me desprezam, serão envilecidos" (I Samuel — Cap. 2;30).

"E edificou ali David ao Senhor um altar, e ofereceu holocaustos e ofertas pacíficas. Assim o Senhor se aplacou com a terra e cessou aquele castigo de sobre Israel"

(II Samuel — Cap. 24;25).

"E disse Gideon a Deus: Não se acenda contra mim a tua ira, se ainda falar só esta vez. Rogo-te que só esta vez faça a prova com o velo, rogo-te que só no velo haja segura, e em toda a terra haja o orvalho. E Deus assim o fez naquela noite, pois só no velo havia segura, e sobre toda a terra havia orvalho" (Juízes — Cap. 6;39, 40).

"Então a ira do Senhor se acendeu contra Israel, e ele os vendeu em mão de Cusan-risathaim, rei de Me- sopotâmia. E os filhos d'Israël serviram a Cusan-risathaim oito anos" (Juízes — Cap. 3;8).

"Isto, porém, lhes faremos: Dar-lhes-emos a vida, para que não haja grande ira sobre nós, por causa do juramento que já lhes temos jurado" (Josué — Cap. 9;20).

"Então o Senhor falou a Moisés, dizendo: Phincas, o filho de Aarão sacerdote, desviou a minha ira de sobre os filhos de Israel, pois zelou o meu zelo no meio deles; que no meu zelo não consumi os filhos de Israel" (Números — Cap. 25; 11).

"E a ira de Deus acendeu-se, porque ele se ia, e o anjo do Senhor pôs-se-lhe no caminho por adversário" (Números — Cap. 22;22).

"Então eu descerei e ali falarei contigo. Então o Senhor desceu na nuvem, e lhe falou. Porém o senhor disse a Moisés: Seria pois encurtada a mão do Senhor? Agora verás se a minha palavra te acontecerá ou não" (Números — Cap. 11; 17, 23, 25).

Nesse apanhado de ocorrências históricas que o povo judeu considera verídicas, vemos o seu Deus Jeová agindo e reagindo como um ser humano, embora dotado de superlativas possibilidades e de um soberano poder. Nas passagens que narram o comportamento de "Deus" com relação ao "seu povo" e às demais nações, percebemos que são elas expressadas nos moldes da consciência humana.

Falando como um ser humano "Deus Jeová" externa seus melindres, sua vaidade, seu orgulho, e quando contrariado, fica tomado de ira, revelando-se genioso e inclemente. Preocupa-se muito com seu nome, muito reclamando e se lamentando por não ser devidamente respeitado e reconhecido pelos outros povos como poderoso e invencível, razão pela qual chega até a fazer ameaças para demonstrar o seu poder, a fim de se engrandecer e se fazer conhecer para que saibam que Ele é o Senhor. Repetidas vezes vemos o Senhor Jeová arrependido de ter feito mal ao "seu povo"; jurando pela sua santidade que não mentira aos "seus protegidos"; levantando adversários, quando era desobedecido, contra o povo de Israel; queixando-se de que os israelitas, apesar de todos os benefícios recebidos, se voltavam a outros deuses; empenhando a sua palavra a respeito de suas promessas; ordenando que os tesouros usurpados de outras nações lhe fossem consagrados e recolhidos ao seu tesouro; alterando as suas promessas e os seus concertos, pelo mau procedimento dos israelitas, dizendo que não iria cumprir o que tinha dito, etc.

Em todos os pontos em que os israelitas envolvem o nome e a presença do Criador, moldando-O às suas rudimentares concepções, está manifesto que eram as suas próprias ideias que giravam em torno do que imaginavam que Ele fosse.

Certamente, Deus lhes enviava mensagens espirituais para os advertir, admoestar, orientar, relativamente ao seu grau de entendimento. E como não tinham alcançado a condição de poderem compreender que o que recebiam era em nome de Deus, entendiam que as que mais os impressionavam, eram manifestações do próprio Deus.

De sorte que Deus era concebido segundo o que lhes ditava o entendimento. Aliás, isso vem acontecendo desde os mais remotos tempos das civilizações da Humanidade. A natureza de Deus e os seus atributos, sempre estiveram na razão direta da mentalidade de cada época. O que quer dizer que Deus vem sofrendo as modificações do tempo, isto é, Ele vem sendo compreendido de forma cada vez mais aprofundada.

Os seres humanos, em épocas consideravelmente afastadas, quando ainda despertavam no conhecimento da vida, entendiam que Deus era como as suas faculdades perceptuais, que ainda estavam no início de seu desabrochar, o percebiam. Assim, para alguns povos, Deus era o Sol; para outros era imaginado como um grupo de seres superiores que dirigiam o mundo, e para outros mais, até mesmo animais fabulosos dotados de poderes extraordinários, etc. Sucessão evolutiva da concepção de Deus que, através dos tempos, alcançou a forma antropomorfa, modificada essa, finalmente, pela que contemporaneamente alimentamos de forma impessoal.

Atualmente, no mais avançado aprofundamento filosófico, o ser humano concebeu o Criador como sendo a inconcebível Causa Primária de todas as coisas, cuja Suprema Inteligência rege os mundos e as vidas com Indefectível Ordem,

com Impecável Harmonia, com Absoluta Justiça e Soberano Amor. Portanto, já consideravelmente mais evoluída daquela que, segundo a qual, Deus tinha ainda fraquezas e paixões humanas, conforme nos relatam as Escrituras Sagradas do povo hebreu.

CAPITULO XVII AS INJUSTIÇAS E OS FEITOS FANTÁSTICOS . QUE ERAM ATRIBUÍDOS A DEUS JEOVÁ

A Humanidade das civilizações do passado, na sua rota evolutiva, foi caminhando na estrada da vida, tendo diante de si, sempre mais afastados os horizontes que delimitavam a sua área conceptiva. Nesse lento descortinar do panorama da existência, os cenários da Natureza se foram mostrando cada vez mais completos e mais significativos.

Inicialmente, no reconhecimento da natureza das coisas e no das causas dos fenômenos, o ser humano foi tudo condicionado às suas elementares possibilidades do despertar da consciência. Tudo era como parecia ser. A interpretação da causa dos fenômenos, geralmente era feita em tomo do efeito. E como não havia meios que facultassem o relativo aprofundamento, em muitos casos a razão dos fenômenos naturais era atribuída a um ser extraordinário que os produzia.

Como não podia ser diferente, tudo quanto foi imaginado preliminarmente a respeito de Deus, tinha as mesmas características.

Muitos são os exemplos que vêm comprovar a veracidade desse fato. Encontramos nas páginas da Bíblia várias ocorrências que testificam que os homens no passado pensavam que Deus era um ser superior muito poderoso que agia como os seres humanos, tendo, portanto, seus momentos de tristeza, de revolta, até mesmo em que cometia injustiças. Vemos também que havia muita fantasia alimentada por aquela mentalidade em tomo do nome de Deus.

Encontramos nas escrituras do povo hebreu verdadeiros absurdos que levam o nome do Criador. Fatos fabulosos e injustiças praticadas que somente poderemos pensar que foram produzidos pela própria mente humana.

Alguns destes contos e feitos, que passaremos a analisar, nos darão uma ideia de como os nossos irmãos de um distante passado pensavam a respeito de Deus.

"E dize à terra de Israel: Assim diz o Senhor: Eis-me aqui contra ti, e tirarei a minha espada da sua bainha, e exterminarei do meio de ti o justo e o ímpio. E, porquanto hei de exterminar no meio de ti o justo e o ímpio, por isso sairá a minha

espada da sua bainha contra toda a carne, desde o sul até o norte" (Ezequiel — Cap. **21 ;3, 4**).

"E disse Manué à sua mulher: Certamente morremos, porquanto temos visto a Deus" (Juízes — Cap. **13:22**).

"E te lembrarás de todo o caminho pelo qual o Senhor teu Deus te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar e te tentar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias, ou não, os seus mandamentos" (Deuteronômio — Cap. **8:2**).

"E disse ele: Eu sairei, e serei um espírito de mentira na boca de todos os seus profetas. E ele disse: Tu o induzirás, e ainda prevalecerá; sai e faze assim. Agora pois, eis que o Senhor pôs o espírito de mentira na boca de todos os seus profetas, e o Senhor falou mal contra ti" (I Reis — Cap. **22:22, 23**).

"Levantando-se pois David pela manhã, veio à palavra do Senhor ao profeta Gad, vidente de David, dizendo: Vai, e dize a David: Assim diz o Senhor: Três coisas te ofereço; escolhe uma delas, para que eu te a faça. Veio pois Gad a David e o fez saber, e disse-lhe: Queres que sete anos de fome te venham à tua terra,, ou que por três meses fujas de diante de teus inimigos, e eles te persigam, ou que por três dias haja peste na tua terra? Delibera agora, e vê que resposta hei de tomar ao que me enviou" (II Samuel — Cap. **24;llr 12, 13**).

"Já o Senhor derramou no meio dele um perversa espírito, e fizeram errar o Egito em toda a sua obra,, como bêbado quando se revolve no seu vômito" (Isaías — Cap. **19; 14**)..

"E o estrondo das asas dos querubins se ouviu até o átrio exterior, como a voz do Deus Todo-Poderoso,, quando fala" (Ezequiel — Cap. **10:5**).

"**33** montou num querubim e voou sim, voou sobre as asas do vento" (Salmos — Cap. **18; 10**).

"E apareceram as profundezas do mar, os fundamentos do mundo se descobriram; pela repreensão do Senhor, pelo sopro do vento dos seus narizes" (II Samuel — Cap. **22; 16**).

"Naquele dia o Senhor castigará com sua espada dura, grande e forte, ao Leviathan, aquela serpente comprida, e ao Leviathan, aquela serpente tortuosa, e matará o dragão, que está no mar" (Isaías — Cap. **27 ;1**).

"Ele é o que está assentado sobre o globo da Terra, cujos moradores são para ele como gafanhotos. Ele é o que estende os céus como cortina, e os desenrola como tenda, para habitar neles" (Isaías — Cap. **40:22**).

Como vimos através destes poucos exemplos, os seres humanos de longínquas épocas, por desconhecerem a realidade dos fatos que se relacionavam ao Criador, embora com ingênua boa intenção e com honesta sinceridade, faziam as mais desencontradas interpretações dos feitos que entendiam que era Ele que os fazia ou que d'Ele procediam.

Enquadrados nos moldes da humanizada forma de conceber a existência do

Criador da vida, e de compreender o modo pelo qual governava o mundo, os israelitas faziam ideias disparatadas a respeito do seu Deus Jeová. Para eles o Criador dos céus e da Terra, era um ser que, segundo o que a seu respeito imaginavam, abençoava e amaldiçoava, construía e destruía, amava e odiava, protegia e perseguia, era justo, mas também cometia injustiças, etc.

Em suma, aquelas criaturas concebiam Deus de forma que os seus pensamentos, feitos sobre a sua "inconcebível individualidade" e o seu "indefectível comportamento", se relacionavam a tudo que era humano. Por conseguinte, tudo o que está escrito nos livros do Velho Testamento como crueis julgamentos, impiedosas penas capitais, advertências de futuros castigos, previsões de destruições de cidades e nações, feitos fabulosos, podemos interpretar como sendo a voz da consciência humana que, induzida pelas aparências, atribuía a Deus o que era de um espírito, ou de espíritos, que com os homens se comunicavam.

CAPITULO XVIII AS INCOERÊNCIAS E AS CONTRADIÇÕES BÍBLICAS A RESPEITO DE DEUS

Como todas as coisas e todos os fatos que sofreram a correção do reconhecimento da sua autêntica realidade, muito do que foi falado em nome de Deus que se encontra impresso nos anais dos israelitas precisam passar pelo toque da verdade.

São muitos os relatos que se encontram nos livros do Velho Testamento, mencionando certas coisas que hoje temos a certeza de que são infundadas. Encontramos citações, anunciando que Deus faria certas coisas que, hoje para nós são incoerentes. Em outros casos notamos afirmações contraditórias, pois que algumas vezes diz que Deus não é homem para que se arrependa do que faz, e outras, dizendo que Ele muito se arrependeu do que fez, ou do que tinha dito que faria. Em alguns trechos o profeta (médium) diz que Deus lhe falou que não quer holocaustos, mas sim arrependimento e boas obras e a prática da caridade, e em outros já adverte que Ele estava enfurecido por demais, e através de holocaustos, às vezes de alguns milhares de animais, tomava-se novamente calmo. Deparamos também descrições em que os profetas dizem que Deus havia enganado o "seu povo", por lhe ter prometido uma coisa, quando aconteceu outra. Através de certas descrições percebemos que os israelitas eram invencíveis, quando o Senhor dos exércitos lutava ao seu lado, mas em algum caso, onde encontravam a resistência

de um povo superiormente armado, mesmo com Jeová como aliado, levavam desvantagem, ou recuavam. Também são mencionados acontecimentos de fenômenos que sucederam ou sucederiam, que atualmente sabemos que contrariam as leis da Natureza.

Examinando, em seguida, alguns dos trechos dos casos acima mencionados, verificaremos que, de fato, naquele tempo, havia muita ignorância a respeito dos fenômenos da Natureza e da absoluta profundidade que envolvia o assunto do Deus-Criador.

"Então disse eu: Ah, Senhor Jeová! Verdadeiramente enganaste grandemente a este povo e a Jerusalém, dizendo: Tereis paz; e chega-lhes a espada até a alma" (Jeremias — Cap. **4; 10**).

"E será a luz da Lua como a luz do Sol, e a luz do Sol sete vezes maior, como a luz de sete dias, no dia em que o Senhor soldar a quebraçura do seu povo, e curar a chaga da sua ferida. Eis que o nome do Senhor vem de longe, a sua ira está ardendo, e a carga é pesada. Os seus lábios estão cheios de indignação, e a sua língua como um fogo consumidor" (Isaías — Cap. **30;26. 27**).

"Então o profeta Isaías clamou ao Senhor, e fez voltar a sombra dez graus atrás, pelos graus que tinha declinado nos graus do relógio de sol d'Achaz" (II Reis — Cap. **20; 11**).

"E sucederá que naquele dia, diz o Senhor, farei que o Sol se ponha ao meio dia, e a Terra se entenebreça no dia da luz" (Amós — Cap. **8;9**).

"E foi o Senhor com Judah, e despovoou as montanhas; porém não expeliu aos moradores do vale, porquanto tinham carros ferrados" (Juízes — Cap. **1;19**).

"Porque nunca falei a vossos pais no dia em que vos tirei da terra do Egito, nem lhes ordenei coisa alguma acerca de holocaustos e sacrifícios" (Jeremias — Cap. **7;22**).

"Morrendo eles, não tomarão a viver; falecendo, não ressuscitarão; por isso os visitaste e destruiste, e apagaste toda a sua memória" (Isaías — Cap. **26; 14**).

"E ofereceu Salomão em sacrifício pacífico o que sacrificou ao Senhor, vinte e duas mil vacas e cento e vinte mil ovelhas. Assim o rei e todos os filhos de Israel consagraram a casa do Senhor" (I Reis — Cap. **8;63**).

"O Senhor tomou a aparecer a Salomão, como lhe tinha aparecido em Gibeon" (I Reis — Cap. **9;2**).

"Depois o tomarás das suas mãos, e o queimarás no altar sobre o holocausto por cheiro suave perante o Senhor; oferta queimada ao Senhor é" (Êxodo — Cap. **29;25**).

"Este será o holocausto contínuo por vossas gerações, à porta da tenda da congregação, perante o Senhor, onde vos encontrarei para falar contigo ali" (Êxodo — Cap. **29; 42**).

"Porque o que eu quero é a misericórdia e não o sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que os holocaustos" (Oseias — Cap. **6;6**).

"E também aquele que é a força de Israel não me arrepende nem se arrepende, porquanto não é um homem para que se arrependa" (I Samuel — Cap. 15:29).

"Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a Terra, e pesou-lhe em seu coração" (Gênesis — Cap. 6:6).

Com esse ligeiro exame dos fatos bíblicos, facilmente chegamos à conclusão de que as concepções que eram feitas pelos nossos irmãos do passado eram ainda muito superficiais. Para eles que ainda não tinham alcançado certos conhecimentos científicos, as coisas tinham um caráter todo particular, geralmente, baseado no que pareciam ser. Aceitar como verdadeiro aquilo que era apenas uma ideia fictícia, era uma predisposição do estado de consciência daquelas criaturas. Aliás, estado de consciência que ainda prevalece em nossos dias, pois que ainda há criaturas propensas a crer em coisas que a maioria já sabe que não passam de fábulas e credices, portanto, destituídas de fundamento. Encontramos pessoas que ainda crêem em Adão e Eva, na sereia do mar, no saci-pererê, que Deus castiga, que Deus faz distinção de pessoas, que Deus é um ser de forma humana que está sentado no trono do Céu, etc.

De sorte que, induzidos pelas aparências dos fatos e das coisas, que fazia com que tudo fosse tomado pelo aspecto exterior, os nossos irmãos que figuraram no palco da vida de um já distante passado, inicialmente passaram a alimentar muita fantasia a respeito de tudo quanto ainda não estava no seu alcance analítico.

E particularmente o povo judeu, pela mesma razão do fator estado evolutivo, muita coisa foi aceitando sobre a vida e seu Criador, sem a possibilidade de aprofundamento filosófico, de exame e de estudos científicos. Portanto, pelo que nos relatam os seus escritos bíblicos, compreendemos que ainda não podiam conceber que as ideias que faziam a respeito do seu Deus Jeová eram, na sua maioria, incoerentes e contraditórias.

CAPITULO XIX OS ANJOS E OS DEMÔNIOS BÍBLICOS

É de muito longe que vem a denominação demônio para designar o gênio (espírito) do bem e do mal. Bem como a palavra anjo, para especificar tanto o bom como o mau espírito. Anjo bom e anjo mau, são expressões que se encontram na Bíblia. Palavras que se tomaram designativos próprios, particularmente ao Judaísmo e ao Cristianismo sectário, para classificar o bom e o mau espírito; anjo e demônio.

Naturalmente, os antigos ainda desconhecendo a realidade do Mundo Espiritual, faziam interpretações acerca de suas manifestações de acordo com o que pensavam a respeito das razões que lhes afiguravam como causa original. E como não haviam ainda alcançado o esclarecimento da verdade de que os espíritos

eram de uma só natureza, e o que os diferenciava era o estado evolutivo, pensavam que eram bons ou maus por espécie, e que assim seriam por todo o sempre.

A razão da presença do diabo e dos demônios (espíritos atrasados), foi explicada ao povo judeu através da história da queda dos anjos, o que se ajustava perfeitamente ao estado de consciência dos seres humanos daquele longínquo passado. Segundo a mentalidade reinante da época, admitir que Deus havia criado o diabo e seus demônios, já não concordava com o que era concebido como Sua Sabedoria e Justiça. Ao ser humano daquele tempo lhe parecia mais lógico o fato de que os demônios eram espíritos decaídos do estado de pureza para o estado de maldade, conforme conta a lendária história bíblica a respeito da revolta que houve no Céu. A história conta que o chefe revoltoso, por inveja, pretendia assemelhar-se a Deus, mas foi por Ele vencido e exilado do Céu para a Terra, sob a condenação de permanecer na sua crosta, tentando as criaturas humanas, na condição de anjo-diabo, chefe das legiões de anjos-demônios do movimento sedicioso.

Versão essa, da origem dos maus espíritos, que é ainda aceita por milhares e milhares de criaturas nos dias de hoje. Levadas pela boa fé e obcecadas pelo fanatismo sectário, crêem piamente que o conto bíblico é verdadeiro. Desapercebidas essas ingênuas criaturas que essa história é contraproducente, pois que o espírito que atingiu o estado de pureza não alimenta mais a ambição, o egoísmo, a inveja, etc., que são fraquezas da imperfeição humana.

Além das denominações anjo e demônio, na Bíblia há também as que se referem ao espírito propriamente dito, bom ou mau, e àquela que caracteriza o espírito com forma humana, como veremos através de alguns exemplos que passaremos a examinar.

"Enviou Deus um mau espírito entre Abimelech e os cidadãos de Sichem; e os cidadãos de Sichem se houveram ateivosamente contra Abimelech"* (Juízes — Cap. **9:23**).

"E veio um homem de Deus a Eli, e lhe disse: Assim diz o Senhor: Não me manifestei, na verdade, à casa de teu pai, estando ele, s ainda no Egito, na casa de Faraó?" (I Samuel — Cap. **2:27**).

"E o espírito do Senhor se retirou de Saul, e o assombrava o espírito mau da parte do Senhor" (I Samuel — Cap. **16: 14**).

"E aconteceu no outro dia, que o mau espírito da parte de Deus se apoderou de Saul, e profetizava no meio da casa" (I Samuel — Cap. **18: 10**).

"Lançou sobre eles o ardor da sua ira, furor, indignação e angústia, mandando maus anjos contra eles" (Salmos — Cap. **78:49**).

"E nunca mais sacrificarão os seus sacrifícios aos demônios, após os quais eles forneciam" (Levíticos — Cap. **17:7**).

"E sucedeu que, estando Josué ao pé de Jericó, levantou os seus olhos e olhou, e eis que se pôs em pé diante dele um homem que tinha na mão uma espada nua, e

chegou-se Josué a ele e disse: És tu dos nossos, ou dos nossos inimigos? E disse ele: Não, mas venho agora como príncipe do exército do Senhor. Então Josué se prostrou sobre o seu rosto na terra, e o adorou, e disse-lhe: Que diz meu Senhor ao seu servo?" (José — Cap. 5:13, 14).

"E o anjo do Senhor apareceu a esta mulher, e disse: Eis que agora és estéril e nunca tens parido, porém conceberás e parirás um filho" (Juizes — Cap. 13:3).

"Então a mulher entrou e falou a seu marido, dizendo: Um homem de Deus veio a mim, cuja vista era semelhante à vista de um anjo de Deus, terribilíssima. E não lhe perguntei d'onde era, nem ele me disse o seu nome" (Juizes — Cap. 13:6).

"As vestes de Paulo eram levadas aos doentes e esses saravam, e os maus espíritos se afastavam" (Atos — Cap. 19: 12)..

"E alguns dos exorcistas judeus vagabundos tentavam invocar o nome do Senhor Jesus sobre os que tinham espíritos malignos, dizendo: Esconjuramo-vos por Jesus a quem Paulo prega" (Atos — Cap. 19: 13).

"Pelo que bem quiséramos uma e outra vez ir ter convosco, pelo menos eu, Paulo, mas Satanás no-lo impediu" (I Tessalonicenses — Cap. 2: 18).

"E estava expulsando um demônio, o qual era mudo. E aconteceu que, saindo o demônio, o mudo falou" (Lucas — Cap. 11: 14).

Pelo que acabamos de verificar, deduzimos que a diversidade de nomes que eram dados aos espíritos em cada situação do fenômeno, e de acordo com o conteúdo de suas manifestações, evidentemente, era por causa da falta de conhecimentos a respeito da verdadeira origem de tais manifestações.

Como sabemos, os antigos ainda não tinham conhecimento da causa da maioria dos fenômenos físicos, muitos deles hoje tidos como ensinamentos elementares. Naturalmente, também os seus conhecimentos a respeito da questão das manifestações espirituais, eram ainda muito elementares, sem nenhum aprofundamento.

No exame da nomenclatura usada para especificar os espíritos bons em anjos nas suas diversas categorias hierárquicas, e os maus em diabo, demônio, belzebu, satanás, Lúcifer, etc., compreendemos que essa era uma forma para classificar as suas naturezas de acordo com o que concebiam sobre os seus diferentes estados evolutivos. Porém, o que diziam os profetas (médiuns) que viam os espíritos e com eles conversavam, já modificavao que era teoricamente adotado, pois declaravam que viam anjos com parecer de homens, e espíritos semelhantes aos seres humanos. O que vem explicar que os que tinham a faculdade de ver e ouvir os espíritos, quando se referiam às suas visões dos anjos enviados do Senhor, diziam que eles eram como as criaturas humanas, até mesmo descrevendo as roupas que usavam, não como as formas que foram imaginadas pelos homens, com asas e com vestes características de criaturas celestiais. Exatamente como aconteceu com todas as coisas que ainda eram imperfeitamente conhecidas; foram imaginadas de

um modo, e quando foi chegado o tempo do seu real reconhecimento, na verdade era coisa diferente.

Por não terem ainda alcançado o devido conhecimento a respeito dos fatos e das verdadeiras causas dos fenômenos, os antigos, levados pelas aparências, pensavam que a Terra era o centro do universo, mas, hoje sabemos que a Terra é um simples planeta, que o Sol é o centro do nosso sistema planetário, e que ele é apenas uma das milhares de milhares de estrelas do nosso universo. Pensavam, ainda, que a matéria tinha por base os elementos terra, água, ar e fogo, e hoje temos conhecimento da existência dos átomos, elementos fundamentais da matéria. Julgavam que a terra era plana, de onde vem o nome planeta, até chegarmos ao conhecimento de que, na verdade, é ela de forma esferóide. Imaginavam que os terremotos, os relâmpagos e trovões, eram uma reação dos deuses enfurecidos, e assim quase tudo o que não era ainda compreendido, os antigos interpretavam erroneamente, segundo o que lhes parecia ser.

Portanto, se os nossos antepassados, por ignorarem a real natureza dos fatos e a verdadeira causa dos fenômenos físicos, concebiam as coisas pelas aparências exteriores, imaginando até mesmo fantasias em tomo delas, é evidente que o mesmo aconteceu com os assuntos espirituais. De forma que, não sabendo ainda ao certo a razão das desigualdades dos espíritos manifestantes, imaginaram diversas categorias de entidades espirituais. Daí a existência dos termos para especificar os bons nos seus diversos graus de elevação espiritual, e os maus nos seus diversos estados de atraso evolutivo.

CAPÍTULO XX A PROIBIÇÃO DAS PRÁTICAS ESPIRITUAIS QUE CONSTA NA BÍBLIA

Aqui pouco está acrescentado ao que foi dito anteriormente a respeito das condenações bíblicas das comunicações espirituais. Neste capítulo serão apresentadas algumas das citações proibitivas que se encontram nas escrituras do Velho Testamento, feitas por Moisés e os Profetas. E sobre as quais será feita uma apreciação a fim de verificar qual a sua gravidade.

Como todas as coisas que, observadas parcialmente, dão uma impressão imperfeita e diferente da sua realidade, também a questão das perseguições que os israelitas faziam aos adivinhos, aos feiticeiros, às pitonisas, etc., principalmente aos povos de outras raças, considerada isoladamente das penas de morte que regulava a lei judaica, induz a uma interpretação errônea.

Analisando as severas condenações que eram feitas acerca dos fenômenos espirituais que se produziam espontaneamente em certas criaturas, incluindo-as

no rol do que era considerado como grave transgressão, chegaremos a uma conclusão porque essa questão era tratada de forma tão rigorosa.

Mister se faz, pois, examinar esta parte da proibição das comunicações espirituais, visando o seu aspecto real, e procurando perceber o motivo da sua drástica condenação.

Para ilustrar o comentário que será feito a respeito de tão sério e importante assunto, vamos analisar os trechos seguintes:

"Quando entrares na terra que o Senhor teu Deus te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daquelas nações. Entre ti não se achará quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador de encantamentos, nem quem pergunte aos mortos. Pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor, e por estas abominações o Senhor teu Deus as lança fora de diante d*Ele. Perfeito serás como o Senhor teu Deus. Porque estas nações que hás de possuir, ouvem os prognosticadores e os adivinhadores, porém a ti o Senhor teu Deus não permitiu tal coisa" (Deuteronômio — Cap. 18:9 a 14).

"A feiticeira não deixarás viver" (Êxodo — Cap. 22:18).

"Quando uma alma se virar para os adivinhadores e encantadores, para fornicar após deles, eu porei a minha face contra aquela alma, e a extirparei do meio do seu povo" (Levítico — Cap. 20:6).

"Quando pois algum homem ou mulher em si tiver um espírito adivinho, ou for encantador, certamente morrerão; com pedras se apedrejarão" (Levíticos — Cap. 20:27).

"E já Samuel era morto, e todo Israel o tinha chorado, e o tinha sepultado em Rama, que era a sua cidade. E Saul tinha desterrado os adivinhadores e os encantadores" (I Samuel — Cap. 28:3).

"Então a mulher lhe disse: Eis aqui tu sabes o que Saul fez, como tem destruído da terra os adivinhos e os encantadores. Por que, me armas um laço à minha vida, para me fazer matar?" (I Samuel — Cap. 28:9).

"E também os adivinhos, e os feiticeiros, e os te- rafins, e os ídolos, e todas as abominações que se viam na terra de Judah e em Jerusalém, os extirpou Josias, para confirmar as palavras da lei que estavam escritas no livro que o sacerdote Hilkias achara na casa do Senhor" (n Reis — Cap. 23:24).

"E exterminarei as feiticeiras da tua mão, e não terás agourelhos" (Miqueias — Cap. 5: 12).

"Assim morreu Saul por causa da sua transgressão contra o Senhor, por causa da palavra do Senhor, a qual não havia guardado, e também porque buscou a adivinhadora para a consultar" (I Crônicas — Cap. 10:13).

"Porém ambas estas coisas virão sobre ti num momento, no mesmo dia, perda de filhos e viuvez; em toda a sua perfeição virão sobre ti, por causa da abundância dos teus muitos encantamentos e da multidão das tuas feitiçarias" (Isaías — Cap.

47;9).

“Porventura sobre estas coisas não faria visitaçãõ? diz o Senhor; não se vingaria a minha alma duma nação como esta? Coisa espantosa e horrenda se anda fazendo na terra. Os profetas profetizam falsamente» e os sacerdotes dominam pelas próprias mãos, e o meu povo assim o deseja; mas que fareis ao fim disto?” (Jeremias — Cap. 5;29, 30, 31).

“Os seus chefes dão sentenças por presentes, os seus sacerdotes ensinam por interesse, e os seus profetas adivinham por dinheiro. E ainda se encostam ao Senhor, dizendo: Porventura não está o Senhor no meio de nós? Nenhum mal nos sobrevirá. Portanto, por causa de vós, Sião será lavrada como um campo, e Jerusalém se fará montões de pedras” (Miqueias — Cap. 3;11, 12).

Como acabamos de verificar, toda prática das comunicações espirituais que não era aquelas profecias feitas pelos que eram considerados profetas idôneos e por espíritos tidos como vindos de Deus, eram rigorosamente proibidas sob a inapelável pena de morte. Assim, os necromantes, que consultavam os espíritos dos mortos; os adivinhos, os que procuravam predizer o futuro dos que os consultavam, por intermédio de espíritos; as pitonisas, que também pela orientação de entidades espirituais, falavam aos que queriam saber algo do presente e do futuro de suas vidas; os magos, os que pela interferência do plano espiritual, produziam feitos extraordinários e diziam e viam coisas do porvir; os feiticeiros e as feiticeiras, que pela assistência de espíritos inferiores, faziam os trabalhos de “despachos”, de mal feito para, em benefício dos que pagavam certas importâncias, prejudicar seus inimigos até mesmo para que fossem destruídos, estavam todos enquadrados no que era considerado condenável pelos guias e orientadores do povo hebreu. Mas, também notamos que havia profetas israelitas que, pela falta de condição espiritual, não eram sinceros e honestos, portanto, como os demais criticados profetas dos outros povos, obravam por interesse e por dinheiro. Pelo que eram advertidos de duros castigos, e até mesmo pelos seus erros “Deus” destruía as cidades onde se encontravam.

Com referência às proibições das práticas espirituais que os outros povos faziam, que Moisés fez aos israelitas em nome de Deus, antes que entrassem na terra que “o Senhor Deus lhes daria”, naturalmente foi para prevenir que fossem desviados da crença do Deus Único, bem como que fossem ludibriados pelos embusteiros, iludidos e explorados pelos espertalhões, enganados pelos falsos profetas, e contaminados pelas comunicações de espíritos inferiores.

E quanto à penalidade de morte que foi imposta em nome de Deus, sabemos hoje que essa era a forma mais eficiente para fazer com que as criaturas daquela época, obedecessem o que lhes era ordenado, ou deixassem de fazer o que lhes era proibido.

Como sabemos, quase tudo que era proibido ao povo judeu, ou que era considerado uma transgressão, era sob a drástica e extrema pena de morte. Se

uma mulher fosse apanhada em adultério, deveria ser sacrificada pelo apedrejamento; aquele que, tocasse num cadáver e não se purificasse, deveria ser extirpado; aquele que, estando de guarda na tenda do santuário, se aproximasse dos vasos e do altar, deveria morrer; aquele que fosse tomado por anátema, também deveria morrer, queimado a fogo; aquele que fizesse alguma coisa à mão levantada, quer fosse dos naturais, quer fosse dos estrangeiros, era injúria ao Senhor, portanto o tal seria extirpado do meio do povo; aquele que amaldiçoasse o seu pai ou a sua mãe, o seu sangue era sobre ele; aquele que se curvasse diante de outros deuses para servi-los, e fosse comprovado por testemunhas, teria de ser morto, a começar pelas mãos dos seus denunciadores; aquele que comesse o sangue da carne, pois era proibido comer o sangue de qualquer carne, deveria ser extirpado, enfim, naquele tempo a lei judaica era aplicada, quase que totalmente, na forma capital. Como nos esclarece o profeta Ezequiel, quando diz: "A alma que pecar, essa morrerá" (Ezequiel — Cap. 18:4).

Como acabamos de verificar, a pena de morte era aplicada a coisas insignificantes, e como não podia deixar de ser, pelas razões antes expostas, foi aplicada também ao caso da prática do mediunismo.

Considerando que a maioria dos casos que eram julgados de suma gravidade, porquanto deveriam ser punidos com a pena máxima, que hoje, pelo nosso mais avançado estado evolutivo, já perderam a sua razão de ser, é evidente que também a questão das manifestações espirituais já está superada.

O que é imoral, o que é criminoso e o que é realmente condenável, lógico que continua sendo ainda em nossos dias, e com mais apuro, portanto, tomando-se cada vez maior a sua gravidade.

Não ignoramos que as penalidades mortais que Moisés estabeleceu como mandamentos de Deus, bem como a pena de Talião do "olho por olho e dente por dente", teve a sua razão de ser naquela época em que o povo ainda estava na sua infância espiritual, portanto, ainda muito endurecido e moralmente atrasado. Mas, era a forma adequada e atuante para frear os sentimentos ainda materializados daquelas inexperientes criaturas, e coagi-las, pelo temor, a não fazerem aos seus semelhantes aquilo que não queriam para si.

Um longínquo passado, do qual estamos distanciados pelo transcurso dos milênios, vivendo uma melhorada condição espiritual. Já distantes também da época em que o Cristo veio ao nosso mundo para ensinar à Humanidade as lições de fraternidade e amor. E somente agora os seres humanos começam a compreender as leis do amor, que manda fazer aos semelhantes unicamente aquilo que quer para si.

De Moisés e os Profetas até o presente, a marcha evolutiva assinalou grandes e radicais transformações nos meios científicos e filosóficos. Muitos problemas da vida humana foram solucionados, muitos fenômenos tiveram suas causas explicadas, e a concepção da existência e a Sua Causa fundamental foi

aprofundada.

Estamos vivendo a época em que o ser humano já muito aprendeu sobre o seu mundo, planeta Terra, e decifrou muitos mistérios que se apresentavam na área do desconhecido. E do Alto já chegaram muitas revelações a respeito da vida espiritual, que esclareceram os pontos obscuros sobre a vida do além-túmulo. Portanto, os seres humanos já alcançaram conhecimentos positivamente comprovados a respeito de sua vida extra terrena. Já sabem donde vem o espírito, porque neste plano de vida veio, e para onde irá, quando terminar o prazo de permanência da vida material.

Em suma, tudo se desenvolveu, tudo progrediu e tudo evoluiu. O que permanece inalterado, são as Leis do Criador e as eternas Verdades da Vida, pois são imutáveis e não podem sofrer as alterações do processo da evolução, a não ser a transformação conceptual que se vai verificando, subjetivamente, a seu respeito, pelo evoluir do espírito humano, através dos tempos.

Sabemos hoje que não há efeito sem causa, que tudo tem a sua razão de ser, que nada acontece por casualidade e que tudo vem a seu devido tempo. O inexplicável, o milagre e o mistério, deixaram de existir, pelo reconhecimento dos seus porquês, das suas razões e suas causas.

Portanto, se no presente, em pleno século XX, o século em que se registrou grandes realizações do espírito humano, pois até à Lua já se foi, alguém, por razões particulares e por respeito à tradição, permanecesse estacionário, rejeitando as transformações do progresso e o avanço evolutivo, em defesa dos princípios concebidos pelos nossos antepassados, certamente daria mostras de completa ignorância e cairia no ridículo, e, até mesmo seria tomado por estúpido ou demente.

E que pensar dos que continuam afirmando que tudo o que está escrito na Bíblia, mesmo aquilo que já se tomou incoerente pela transformação do avanço científico, que contraria a lógica contemporânea, e que está em desacordo com a razão dos fatos já comprovados, é de origem essencialmente divina?

Como pode alguém, que já aprendeu com Jesus que Deus é nosso Pai de Amor, crer piamente que Ele queria a morte de uma pobre criatura que, sem nenhuma maldade, fosse vista apanhando lenha no sábado, ou possivelmente querendo ser prestativa, simplesmente tivesse tocado num defunto, somente porque isso está escrito no Velho Testamento? Igualmente demonstra que a sua razão está embotada pela influência do preconceito sectário, aquele que insiste ainda que são ordens de Deus, as proibições, sob pena de morte, das práticas espirituais que constam na Bíblia.

CAPITULO XXI O MEDIUNISMO DOS PROFETAS HEBREUS

Pelo que deduzimos, os fenômenos espirituais começaram a se produzir no seio da Humanidade, quando os seres humanos iniciaram os seus passos na vida consciente. Claro que em estrita relação de condições psíquicas. Pois como já sabemos, as entidades espirituais atuam, geralmente, por harmonização fluídica e afinidade vibratória.

A experiência contemporânea nos permite julgar que, inicialmente, essa espécie de fenômeno se confundia com os sintomas dos distúrbios de fundo nervoso e das doenças mentais, pois que eram eles mal compreendidos, ou completamente desconhecidos.

Naturalmente, naquela remota época, que se esconde no pó do tempo, quase tudo era ignorado, e muitas coisas eram tidas como mistério inexplicável. Mas, como aconteceu com todas as coisas, com o tempo essas aparentes anormalidades de doença material, foram-se aclarando até o seu reconhecimento, isto é, que havia algo influenciado extraordinariamente, embora ainda sem o devido conhecimento de causa.

Para fomentar o progresso da evolução humana, a Divina Providência, a seu devido tempo, foi enviado à Terra os paladinos, os precursores, os descobridores, os inventores, etc., para promoverem as necessárias inovações no campo das realizações de ordem material, que iam sendo reclamadas pela Humanidade. Igualmente, no setor espiritual, não faltaram os mais maduros, que se tomaram os guias, os manus, os mestres, os mentores, que estudavam essa ordem de fenômenos, interpretando-os de acordo com as suas possibilidades conceptuais.

Com os diferentes estados evolutivos de cada povo, portanto, uns mais adiantados do que outros, material e espiritualmente, era esse o panorama da vida humana na face da Terra.

Os costumes e as leis de cada povo eram diferentes entre si, o mesmo se verificando quanto ao culto dos deuses pessoais que governavam o seu restrito mundo.

Cada povo tinha os seus deuses que os protegiam, julgavam e castigavam. Quando tudo corria bem, entendiam que eles estavam calmos e satisfeitos, e quando as coisas não estavam boas, então pensavam que eles estavam contrariados e enfurecidos. Em torno deles se foram estruturando credos religiosos, alicerçados, cada qual, em peculiares revelações espirituais.

De forma que, a maioria dos povos que compunham a então Humanidade,

professava a idolatria do politeísmo. E entre os povos que já tinham alcançado mais aprofundados conhecimentos sobre o Criador da vida e as manifestações espirituais, estava o povo hebreu, pois que já alimentava a crença de um Deus único e era assistido por espíritos que vinham em Seu Nome.

Na Bíblia há muitas referências acerca das nações que eram idólatras, que serviam e adoravam deuses estranhos, e que eram assistidas por espíritos, tidos pelos israelitas como do diabo e dos demônios.

Sabemos hoje que além das nações que eram realmente idólatras, e que estavam ainda atrasadas espiritualmente, havia, também, as que já cultuavam crenças mais elevadas.

A história religiosa de certos povos da Antiguidade, nos informa que há muitos milênios já havia os que possuíam uma elevada filosofia espiritual, que estudavam os fenômenos psíquicos e cultivavam os dons espirituais.

Como já sabemos, os fenômenos das manifestações espirituais se produziam nos povos que se encontravam na face da Terra, relativamente ao estado evolutivo das criaturas encarnadas que possuíam os respectivos dons (faculdades mediúnicas). A esse respeito, os livros da religião de cada povo, contêm muitas descrições. E entre aqueles que relatam muitos feitos da fenomenologia espiritual, está a Bíblia.

Apesar de a Bíblia (o Velho Testamento), que é o código da religião judaica, conter descrições das comunicações e atuações espirituais em profusão, que se produziram em épocas passadas, os judeus contemporâneos ao Cristo, temendo serem enganados por belzebu, já rejeitavam todas as manifestações dos espíritos, despercebidas aquelas ingênuas criaturas de que, segundo consta nos escritos dos livros da própria religião, os seus antecessores, os antigos hebreus, tinham seus profetas (médiums) credenciados para receberem as mensagens que Deus lhes enviava através dos seus anjos mensageiros (espíritos de luz). Profetas, profetisas- e adivinhos falavam ao povo de Israel por atuação de espíritos.

As passagens que, em seguida, iremos apreciar nos fornecerão uma imagem do que realmente se passava naquele tempo com referência às manifestações dos espíritos.

"Então Miriam, a profetisa, a irmã de Aarão, tomou o tamboril na sua mão, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamboris e com danças" (Êxodo — Cap. **15:20**).

"Débora, mulher profetisa, mulher de Lappidoth, julgava a Israel naquele tempo" (Juízes — Cap. **4:4**).

"Enviou o Senhor um homem profeta aos filhos de Israel, que lhes disse: Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Do Egito eu vos fiz subir, e vos tirei da casa da servidão" (Juízes — Cap. **6:8**).

"Então o anjo do Senhor veio e assentou-se debaixo do carvalho que está em Ophra, que pertencia a Joás, abiezrita. E Gideon, seu filho estava malhando no

lagar, para o salvar dos midianitas. Então o anjo do Senhor lhe apareceu, e lhe disse: O Senhor é contigo, varão valoroso" (Juízes — Cap. 6: 11, 12).

"Então a mulher entrou e falou ao seu marido, dizendo: Um homem de Deus veio a mim, cuja semelhança à vista dum anjo de Deus, e não lhe perguntei de onde era, nem ele me disse o seu nome" (Juízes — Cap. 13:6).

"Apressou-se, pois, a mulher e correu e noticiou a seu marido, e disse-lhe: Eis que aquele homem que veio a mim o outro dia me apareceu. Então Manué levantou-se e seguiu a sua mulher, e veio aquele homem, e disse-lhes: És tu aquele homem que falaste a esta mulher? E disse: Eu sou" (Juízes — Cap. 13:10, 11).

"Então virás ao outeiro de Deus, onde está a guar-^t nição dos filisteus, e há de ser que entrando ali na cidade, encontrarás um rancho de profetas que descem do alto. E o espírito do Senhor se apoderará de ti, e profetizarás com eles, e te mudarás em outro homem" (I Samuel — Cap. 10:5, 6).

"E sucedia que, quando o espírito mau da parte de Deus vinha sobre Saul, David tomava a harpa, e a tocava com a sua mão, então Saul sentia alívio, e se achava melhor, e o espírito mau se retirava dele" (I Samuel — Cap. 16:23).

"Então enviou Saul mensageiros para trazerem a David, os quais viram uma congregação de profetas profetizando, onde estava Samuel que presidia sobre eles. E o espírito de Deus veio sobre os mensageiros de Saul, e também eles profetizaram. E, avisado disto, Saul enviou outros mensageiros, e também estes profetizaram. Então enviou Saul ainda uns terceiros mensageiros, os quais também profetizaram. Então foi também ele mesmo a Rama, e chegou ao poço grande que estava em Secu, e perguntando disse: Onde estão Samuel e David? E disseram-lhe: Eis que estão em Rama. Então foi-se lá para Naioth, em Rama, e o mesmo espírito de Deus veio sobre ele e ia profetizando até chegar a Naioth" (I Samuel — Cap. 19:20, 21, 22, 23).

"Porque sucedeu que, destruindo Jezabel, os profetas do Senhor, Obadias tomou cem profetas, e de cinquenta em cinquenta os sustentou numa cova, e os sustentou com pão e água" (I Reis — Cap. 18:4).

"E deitou-se, e dormiu debaixo dum zimbo. E eis que então um anjo o tocou e lhe disse: Levanta-te, come" (I Reis — Cap. 19:5).

"Então o rei de Israel ajuntou os profetas até quase quatrocentos homens, e disse-lhes: Irei à peleja contra Ramoth de Gilead, ou deixarei de ir?" (I Reis — Cap. 22:6).

"Então o anjo do Senhor disse a Elias: Desce com este, não temas. E levantou-se, e desceu com ele ao rei" (II Reis — Cap. 1:15).

"Vendo-o, pois, os filhos dos profetas que estavam defronte em Jericó, disseram: O espírito de Elias repousa sobre Eliseu" (II Reis — Cap. 2: 15).

"Porque o Senhor derramou sobre vós um espírito de profundo sono, fechou os vossos olhos, vendou os profetas e os videntes" (Isaías — Cap. 29: 10).

"Então entrou em mim o espírito, falando ele comigo" (Ezequiel — Cap. 2;2).

"E estendeu a forma, de uma mão, e me tomou pelos cabelos da minha cabeça" (Ezequiel — Cap. 8;3).

"Na mesma hora saíam uns dedos de mãos de homens, e escreviam defronte do castiçal, na caiadura da parede do palácio real, e o rei via a parte da mão que estava escrevendo" (Daniel — Cap. 5;5).

"E aconteceu que, havendo eu, Daniel, visto a visão, busquei o entendimento, e eis que se apresentou diante de mim um com o parecer de homem" (Daniel — Cap. 8;15).

"E levantei os olhos, e eis um homem vestido de linho" (Daniel — Cap. 10;5).

"Depois Amazia disse a Amós : Vai-te, ó vidente, e foge para a terra de Judah, e ali come o pão, e ali profetizas" (Amós — Cap. 7; 12).

"E os videntes se envergonharão, e os adivinhadores se confundirão, porque não haverá resposta de Deus" (Miqueias — Cap. 3;7).

"Os seus profetas são levianos, homens aleivosos, e os seus sacerdotes profanaram o santuário, e fizeram violência à Lei" (Sofonias — Cap. 3; 4).

"E eu disse: Senhor meu, quem são estes? E disse-me o anjo que falava comigo: Eu te mostrarei quem são estes" (Zacarias — Cap. 1;9).

"E os seus criados lhe disseram: Eis que em Endor há uma mulher que tem o espírito de adivinhar. E Saul se disfarçou e vestiu outros vestidos, e foi ele com dois homens, e de noite vieram à mulher, e disse: Peço-te que me adivinhes pelo espírito de feiticeira, e me faças subir a quem eu te disser. E então a mulher lhe disse: Eis aqui tu sabes o que Saul fez, como tem destruído da terra os adivinhos e os encantadores. Por que, pois, me armas um laço à minha vida, para me fazer matar? Então Saul lhe jurou pelo Senhor, dizendo: Vive o Senhor, que nenhum mal te sobreviverá porisso. A mulher então lhe disse: A quem te farei subir? E ele disse: Faze-me subir a Samuel. Vendo pois a mulher a Samuel, gritou com alta voz, e falou a Saul, dizendo: Por que me tens enganado? Pos tu mesmo és Saul. E o rei lhe disse: Não temas, porém, que é o que vês? Então a mulher disse a Saul: Vejo deuses que sobem da terra. E lhe disse: Como é a sua figura? E disse ela: Vem subindo um homem ancião, e está envolto numa capa. Entendendo Saul que era Samuel, inclinou-se com o rosto em terra, e se prostrou" (I Samuel — Cap. 28;7 a 14).

Esses poucos exemplos colhidos nos esclarece que no Judaísmo primitivo havia muitas manifestações espirituais. Naturalmente as mesmas que continuaram se verificando no decorrer do tempo até nossos dias. Pois o que provém de Deus, é imutável. Se espíritos de Deus falavam aos seres humanos encarnados no tempo de Moisés e os profetas, logicamente continuaram falando aos seus descendentes, e continuam falando aos seres humanos em todos os tempos. Com a única diferença dos estados evolutivos de cada época, que de acordo com o estado de consciência das criaturas, relativamente eram as mensagens de orientação, de escl-

recimento, etc.

Não modifica em nada a natureza essencial do fenômeno psíquico, o fato de antigamente ser chamado de profeta ou vidente, e, presentemente, de médium, aquele que, pelo dom das suas faculdades extrafísicas desenvolvidas, se toma um intermediário das mensagens do Alto.

E quanto às comunicações que eram consideradas do diabo e dos demônios, embora sob outro aspecto, também continuam sendo rejeitadas e censuradas por nós. Com a diferença de que, pelo esclarecimento dos próprios Espíritos de Deus, aquelas entidades consideradas demoníacas e diabólicas, foram reconhecidas como espíritos atrasados e endurecidos, temporariamente voltados ao mal. E não mais condenados à morte, aqueles que pela ignorância do seu atraso espiritual, são levados a praticar o mediunismo pelo interesse pessoal, atendendo os que os procuram como profissionais, para resolver assuntos materiais e executar criminosas vinganças. Aliás, absurda forma primitiva de julgar e punir os portadores de faculdades mediúnicas, que continuou sendo observada pela religião cristã do poder temporal, e perdurou até pouco tempo. Pois como aconteceu a Joana Darc, outros foram queimados vivos, por serem considerados feiticeiros ou bruxos. Inocentes criaturas que foram vítimas da cegueira do fanatismo religioso dos que se afastaram do Cristo e tinham seus corações endurecidos. Lamentáveis e criminosos erros que foram reconhecidos posteriormente, quando os casos foram apurados, e verificado que se tratava de porta-vozes do Alto, quanto então foram canonizados como santos.

Não obstante a beata obstinação do Judaísmo contemporâneo e do Cristianismo sectário, ambos conservadores das letras mortas, como falou o apóstolo Paulo, em pensar que todas as manifestações espirituais que hoje se verificam são dos demônios, o que é revelado nos registros do antigo Judaísmo, e nos do tempo do Cristianismo apostólico, atesta, sem nenhuma dúvida, a prática do mediunismo. E não percebem isso, somente aqueles que, por preconceito ideológico, não podem ou não querem ver. A respeito dessa espécie de cegueira sobre os assuntos espirituais, falou Jesus, quando disse aos fariseus que tinham olhos, mas não viam.

Como vimos, examinando os textos do Velho Testamento, os profetas (médiums) no tempo do Judaísmo primitivo, eram contados em grande número, e tinham os seus ranchos de reuniões onde profetizavam (onde realizavam suas sessões), como foi visto em I Samuel, capítulo 19, o qual era presidido por Samuel. E os fenômenos espirituais pululavam por toda parte. Eram mãos que tocavam nas criaturas; mãos que escreviam mensagens nas paredes; aparições de anjos (espíritos) com aparência de homens, vestidos como os seres humanos, a ponto de confundir os que os viam, pois, inicialmente, não sabiam se se tratava de homens terrenos, ou de "homens de Deus", porque além da semelhança humana, com eles conversavam, orientando-os, prevenindo-os, etc.; descrições de vidência da aproximação de espíritos, e da sua incorporação; atuações de obsessores, como no caso de Saul, que era atormentado por um espírito mau; e outros tantos fenômenos de

feitos físicos, que são relatados sob a interpretação de feitos milagrosos. Informam-nos também as escrituras bíblicas que entre os profetas (médiums) do povo de Israel, haviam os que, pelas suas fraquezas e egoísmo, eram interesseiros e profetizavam falsamente, isto é, eram mistificados por espíritos menos esclarecidos.

Muitas são as citações bíblicas a respeito de comunicações, de visões e de materializações de espíritos, mas quase sempre referindo-se a anjos, homens de Deus, espíritos de Deus, etc. E poucas vezes é o espírito caracterizado como de um morto (desencarnado) que viveu neste mundo. Uma delas, é a que se refere a Elias, quando a pitonisa do Endor, a pedido de Saul, o caracterizou pela vidência, quando ele se apresentou. Aliás, uma nítida e incontestável prova da prática do mediunismo de grande valor doutrinário. Uma descrição autêntica que nos esclarece com exatidão a realidade dos fatos mediúnicos, então tidos como coisas das bruxas, dos feiticeiros, dos necromantes, etc.

Porém essa clara exposição da prática do mediunismo no tempo do Judaísmo primitivo, que não deixa nenhuma dúvida quanto ao que realmente se passava com referência às comunicações dos espíritos, já naquele distante passado, é interpretada pelos atuais doutores da lei e dos profetas, bem como pelos pastores das seitas cristãs, como uma mistificação do diabo, que sabendo da intenção de Saul, que estava temendo o ataque dos filisteus, e desamparado por Deus, que não o orientou e instruiu a respeito, veio disfarçado em lugar de Samuel, que lhe falou em nome de Deus, para o enganar. Mas, se sabia Saul que os portadores de dons espirituais, que acabava de desterrar e destruir, só se comunicavam com o diabo e seus demônios, por que foi procurar a pitonisa para lhe possibilitar um contato com Samuel? Cremos que, mesmo já desesperado, Saul não teria procurado a pitonisa, sabendo antecipadamente que iria ser ludibriado pelo "enganador diabo". Se o fez, é porque sabia que havia essa possibilidade, embora, por razões de ordem sectária, considerasse "essa classe de profetas condenada por Deus".

Além dessa insofismável demonstração da prática mediúnica, que era professada por quase todos os povos da então Humanidade, há na Bíblia uma passagem muito significativa, que também deixa explicitamente provada a atuação de espíritos de criaturas que estiveram encarnadas em nosso plano de vida.

Em II Reis, capítulo segundo, consta que Eliseu, que foi o sucessor de Elias, passou pelo rio Jordão com suas águas por ele divididas. E vendo-o os filhos dos profetas que estavam defronte em Jericó, disseram: O espírito de Elias repousa sobre Eliseu. E vieram-lhe ao encontro, e se prostraram diante dele em terra.

Se nesse caso os filhos dos profetas declararam que o espírito de Elias estava sobre Eliseu, é porque este lhes era conhecido. Do contrário teriam falado da mesma forma que consta nas descrições a respeito das comunicações e visões espirituais que, por não conhecerem as entidades espirituais que com eles falavam ou por eles eram vistas, como sendo espíritos daqueles que já tinham morrido (desencarnado), os que com eles falavam, diziam que tinham visto um anjo com parecer de homem, trajado

desta ou daquela forma, que lhes falara.

Naturalmente, a falta de clareza que é verificada no assunto espiritual que está descrito na Bíblia, é decorrente da falta de conhecimentos que os seres humanos tinham a respeito do Mundo Espiritual. Razão pela qual, a interpretação dos fatos espirituais era feita de acordo com os recursos da mentalidade reinante. Aliás, isso aconteceu com todas as coisas que hoje temos pleno e aprofundado conhecimento.

É evidente que aquelas criaturas não podiam compreender o que realmente se passava com fenômenos espirituais, se não havia o devido conhecimento de causa. Comprovado conhecimento científico e filosófico, que foi alcançado pelos seres humanos há pouco mais de um século. Portanto, as incógnitas do problema da vida espiritual, permaneceram por muitos milênios desconhecidas, e continuam ainda como misteriosas, para um grande número de seres humanos.

Mas, os desligados das seitas do mundo religioso, que já tomaram conhecimento do que o Alto nos revelou através dos Espíritos da Verdade a respeito do Mundo Espiritual e de seu intercâmbio com os seres encarnados, percebem nitidamente, nos relatos da Bíblia sobre os fenômenos espirituais que se verificaram entre o povo de Israel, as extraordinárias faculdades psíquicas daquelas criaturas, o que deixa retratado o mediunismo dos profetas hebreus.

CAPITULO XXII A ATUAÇÃO DOS ESPÍRITOS NO CRISTIANISMO PRIMITIVO

Assim que o Cristo foi crucificado, os apóstolos e discípulos ficaram profundamente abalados, cheios de tristeza, retraídos e indecisos. Sentiam-se desolados, desamparados e desanimados, pois o Mestre Jesus tinha morrido. Porém essa situação perdurou até o grandioso e exultante acontecimento da sua ressurreição, quando então o Mestre lhes apareceu e tornou a lhes falar, confortando-os acerca do que lhe havia acontecido, advertindo-os que aguardassem o cumprimento da promessa do envio, pelo Pai Celestial, do Espírito da Verdade, bem como, instruindo-os a respeito da sua missão evangelizadora.

Conforme está relatado em Atos dos Apóstolos, no dia de Pentecostes, foram vistas umas línguas como que de fogo, que repousaram em cada um dos apóstolos, quando todos ficaram tomados do Espírito Santo (mediunizados pelos Espíritos da Verdade) e começaram a falar línguas no idioma dos estrangeiros presentes. E eram muitos. Segundo o texto, em Jerusalém estavam habitando judeus e varões religiosos de todas as nações.

E estavam todos maravilhados e atônitos por estarem diante de um fato, para eles, inexplicável. Interrogar vam-se uns aos outros como podiam aquelas criaturas

simples, que eram todos galileus, falar-lhes na própria língua em que eram nascidos. Enquanto outros, zombando, diziam que estavam embriagados.

Esclarecendo o extraordinário fenômeno, Pedro tomou a palavra e disse à multidão presente que aqueles homens não estavam embriagados, pois era apenas a terceira hora do dia, mas, tomados pelo Espírito Santo, e que isso era o cumprimento da profecia de Joel, na qual disse que nos últimos tempos Deus derramaria o Seu Espírito sobre toda a carne, e então todos profetizariam, etc.

Na continuação dessa explicação, o apóstolo Pedro, influenciado pelos Espíritos de Deus, desenvolveu o seu primeiro discurso doutrinário, cujas convincentes palavras de ensinamento cristão, calaram na consciência de muitos, realizando-se assim as primeiras conversões em Cristo.

Daí em diante os apóstolos, todos animados pelos Espíritos da Verdade, iniciaram a pregação da boa nova da salvação em Cristo, fazendo muitas curas extraordinárias e produzindo sinais maravilhosos.

Pelo que nos revelam os relatos que constam em Atos dos Apóstolos, o Cristianismo nascente foi cercado de uma profusão de fenômenos espirituais. Foi uma apoteótica fase de acontecimentos extraordinários, que realmente marcou uma áurea época da Espiritualidade. Nunca a história da Humanidade registrou tão numerosa atuação e manifestação de Bons Espíritos, e de forma tão alarmante e atraente, como se verificou nos primeiros dias da pregação do Evangelho do Cristo.

Realmente, conforme predisse o amado Mestre Jesus, os apóstolos e discípulos não estavam sozinhos na obra da cristianização da Humanidade.

A fim de fazermos uma perfeita ideia de como a continuação da obra do Messias enviado foi coroada de bênçãos celestiais, testemunhando a presença dos Seareiros Espirituais que Deus enviou para trabalharem lado a lado dos porta-vozes da mensagem da salvação, vamos examinar alguns dos seus feitos que se encontram na história da propagação do Evangelho. Apreciaremos juntamente algumas das curas que Jesus operou, que demonstram claramente casos de doenças que têm a sua origem na influência de espíritos obsessores.

"E expulso o demônio, falou o mudo. E a multidão se maravilhou, dizendo: Nunca tal se viu em Israel.

Mas os fariseus diziam: Ele expulsa os demônios pelo príncipe dos demônios" (Mateus — Cap. **9:33, 34**).

"Trouxeram-lhe então um endemoniado cego e mudo, e de tal modo o curou, que o cego e mudo falava e via" (Mateus — Cap. **12:22**).

"E quando viu Jesus o espírito o agitou com violência, e, caindo por terra, revolveia-se, escumando. E perguntou ao pai dele: Quanto tempo há que lhe sucede isto? E ele disse-lhe: Desde a infância, e muitas vezes o tem lançado no fogo e na água, para o destruir. Mas, se tu podes fazer alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos. E disse Jesus: Se tu podes crer, tudo é possível ao que crê. E logo o pai

do menino, clamando com lágrimas disse: Eu creio Senhor! Ajuda a minha incredulidade. E Jesus, vendo que a multidão corria, repreendeu o espírito imundo, dizendo: Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: Sai dele e não entre mais nele.

E ele, clamando e agitando-o com violência, saiu" (Marcos — Cap. 9:20 a 26).

"E, entrando no sepulcro, viram um mancebo assentado à direita, vestido de uma roupa comprida, branca, e ficaram espantados" (Marcos — Cap. 16:5).

"Que tinham vindo para o ouvir, e serem curados das suas enfermidades, como também os atormentados dos espíritos imundos" (Lucas — Cap. 6: 18).

"E, na mesma hora, curou muitos de enfermidades e males, e espíritos maus, e deu a vista a muitos cegos" (Lucas — Cap. 7:21).

"E também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades. Maria, chamada ~~Madalena~~ Madalena, da qual saíram sete espíritos malignos" (Lucas — Cap. 8:2).

"Porque mandava ao espírito imundo que saísse daquele homem. Porque já havia muito tempo que o arrebatava. E guardavam-no preso com grilhões e cadeias, mas, quebrando as prisões, era impelido pelos demônios para os desertos. E perguntou-lhe Jesus, dizendo: Qual é o teu nome? E ele disse: Legião, porque eram muitos os que assediavam aquele homem" (Lucas — Cap. 8:29, 30).

"E, estando ele orando, transfigurou-se a aparência do seu rosto, e o seu vestido ficou branco e mui resplandecente. E eis que estava falando com ele dois varões, que eram Moisés e Elias" (Lucas — Cap. 9:30).

"E repreendeu Jesus o demônio, e saiu dele, e desde aquela hora o menino sarou" (Mateus — Cap. 17: 18).

"E eis que estava ali uma mulher que tinha um espírito de enfermidade, havia já dezoito anos, e andava encurvada, e não podia de modo algum endireitar-se. E, vendo-a Jesus, chamou-a a si e disse-lhe Mulher, estás livre da tua enfermidade. E pôs as mãos sobre ela, e logo se endireitou" (Lucas — Cap. 13: 11).

"E aconteceu que, estando elas perplexas por isto, eis que pararam junto delas dois varões, com vestidos resplandecentes" (Lucas — Cap. 24: 4).

"Porém, quando vier aquele Espírito da Verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas falará tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas que hão de vir" (João — Cap. 16: 14).

"E lançaram mão dos apóstolos, e os puseram na prisão pública. Mas, de noite um anjo do Senhor abriu as portas da prisão, e, tirando-os para fora, disse: Ide apresentar-vos no templo, e dizei ao povo todas as palavras desta vida" (Atos — Cap. 5: 18 a 20).

"Pois os espíritos imundos saíam de muitos que os tinha, clamando em alta voz, e muitos paráliticos e coxos eram curados" (Atos — Cap. 8:7).

"E o anjo do Senhor falou a Felipe, dizendo: Levanta-te e vai para a banda do Sul, ao caminho que desce de Jerusalém para Gaza. E disse o espírito a Felipe: Chega-te e ajunta-te a esse carro" (Atos — Cap. 8:26 e 29).

"Este, quase à hora nona do dia, viu claramente em visão um anjo de Deus, que se dirigia para ele e dizia: Comélio. E, fixando os olhos nele, muito atemorizado, disse: Que é, Senhor?" (Atos — Cap. **10;3**).

"E, pensando Pedro naquela visão, disse-lhe o espírito: Eis que três varões te buscam" (Atos — Cap. **10;19**).

"E eis que diante de mim se apresentou um varão com vestido resplandecente, e disse: Comélio, a tua oração é ouvida" (Atos — Cap. **10;31**).

"E disse-lhe o espírito que fosse com eles, não duvidando, e também estes seis irmãos foram comigo e entramos em casa daquele varão" (Atos — Cap. **11; 12**).

"E eis que sobreveio o anjo do Senhor, e resplandeceu uma luz na prisão, e, tocando a Pedro na ilhargá o despertou, dizendo: Levanta-te depressa. E caíram-lhe das mãos as cadeias. E disse-lhe o anjo: Cinge-te e ata as tuas alparcas. E ele o fez assim. Disse-lhes mais: lança às costas a tua capa e segue-me. E, saindo, o seguia. E não sabia que fosse verdade o que era feito pelo anjo, mas cuidava que via alguma visão. E, quando passaram a primeira e a segunda guarda, chegaram à porte, de ferro, que dá para a cidade, a qual se lhes abriu por si mesma. E tendo saído, andaram uma rua, e logo o anjo se apartou dele. E Pedro, tomando a si, disse: agora sei verdadeiramente que o Senhor enviou o seu anjo, e me livrou da mão de Herodes, e de tudo o que o povo dos judeus esperava" (Atos — Cap. **12;7 a 11**)

"Estes então, enviados pelo Espírito Santo, desceram a Seleucia e dali navegaram para Chypre" (Atos — Cap. **13;4**).

"E, passando pela Phrygia e pela província da Galácia, foram impelidos pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia. E, quando chegaram a Mysia, intendavam ir para Bithinia, porém o Espírito não o permitiu" (Atos — Cap. **16;6 e 7**).

"E, quando Silas e Titóteo desceram da Macedônia, foi Paulo constrangido pelo Espírito, testificando aos judeus que Jesus era o Cristo" (Atos — Cap. **18;5**).

"Respondendo, porém, o espírito maligno, disse: Conheço a Jesus, e bem sei quem é Paulo, porém vós quem sois?" (Atos — Cap. **19;15**).

"Porque esta noite o anjo de Deus, de quem sou servo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas, importa que sejas apresentado a César, e eis que Deus te deu todos quantos navegam contigo" (Atos — Cap. **27;23, 24**).

"E para que não me exaltasse pelas excelências das revelações, foi-me dado um espinho na carne, a saber um mensageiro de sataná para me esbofetear, para que não me exalte. À cerca do qual três vezes orei ao Senhor para que se desviasse de mim" (II Coríntios — Cap. **12;7, 8**).

"Não vos esqueçais da hospitalidade, porque por ela alguns, não sabendo, hospedaram anjos" (Hebreus — Cap. **13;2**).

Esses textos que acabamos de apreciar nos fornecem um perfeito quadro dos acontecimentos dos feitos espirituais que se verificaram na época em que os escalados trabalhadores da seara humana iniciaram as suas pregações evangelizadoras. Assistência espiritual que, naturalmente, continuou

acompanhando os passos das criaturas de boa vontade que o Cristo arregimentou para a execução da excelsa obra da salvação da Humanidade.

Com referência ao Consolador prometido, o envio dos Espíritos da Verdade, que teve o seu cumprimento, conforme a descrição que é feita no capítulo segundo de Atos dos Apóstolos, mister se faz considerar que não se trata do Espírito Santo, interpretado como um dogma pelas religiões, mas, de Espíritos Santos.

Como vimos anteriormente, o apóstolo Pedro, querendo explicar à multidão, que estava pasmada, a razão daquele extraordinário feito espiritual, recorreu à profecia de Joel. Ele não disse que aquilo significava a atuação do Espírito Santo que Deus acabava de enviar em cumprimento à promessa que Jesus fez, mas que acabava de se cumprir a profecia de Joel, que disse que nos últimos tempos Deus derramaria o Seu Espírito sobre toda a carne, etc.

Deixando de considerar a relação estabelecida pelo apóstolo Pedro, entre a "promessa do Consolador" e a "profecia de Joel", apreciaremos apenas o sentido dos termos e das expressões da profecia. Quanto aos "últimos tempos", já vimos em outro capítulo como essa expressão, muito usada nas escrituras bíblicas, é relativa. E a respeito de "Deus derramar o Seu Espírito sobre toda a carne", é lógico que Deus não iria, pela Sua Onipresença, atuar diretamente nos seres humanos,, mas, através dos espíritos que enviaria, os quais, como sabemos, são uma manifestação de Sua Essência.

E sobre o Consolador, o Espírito da Verdade que haveria de vir para assistir aos apóstolos e discípulos,, orientando-os e instruindo-os, Jesus não esclareceu que na verdade, eram os mensageiros do Pai Celestial, porque sabia perfeitamente que ainda não podiam compreender certas coisas do Plano Espiritual. Razão pela qual, falando a respeito, lhe disse: "Ainda tenho muitas coisas para vos dizer, mas vós não podeis suportá-las. agora."

Um detalhe que concorre para esclarecer o dogma do Espírito Santo, é o fato de ser essa uma das formas usadas pelos israelitas para denominar os espíritos enviados de Deus. A esse respeito, há muitos exemplos, no Velho Testamento e no Novo Testamento. E para ilustrar esse particular apreciemos apenas um deles: o caso de Simeão. Aliás, interessante passagem já anteriormente apresentada.

Segundo consta no Evangelho de Lucas, Simeão era um homem justo e temente a Deus, e o Espírito Santo que estava sobre ele, revelou-lhe que ele não morreria, antes de ter visto o Cristo do Senhor. Mas, acontece que o Espírito Santo, compreendido pelas seitas cristãs, ainda não tinha sido dado, pois que, conforme a declaração do apóstolo João, que se encontra no seu Evangelho, cap. **7**, versículo **39**, isto se daria, de acordo com a promessa, posteriormente à glorificação de Jesus, quando então o receberiam todos os que n'Ele cressem.

E este é um dos casos que deixa claramente explicado que os israelitas também eram assistidos pelo Espírito Santo, isto é, como não tinham conhecimento de causa, entendiam que as comunicações dos bons Espíritos eram do Espírito Santo.

Certamente a revelação que foi feita a Simeão, foi através da audição, pois se fosse ela acompanhada da vidência, naturalmente ele teria dito que um anjo semelhante a um varão lhe havia falado, como nos demais casos que se encontram no Velho Testamento.

Com esse exemplo e com outros que são relatados na Bíblia, fica esclarecido que a expressão Espírito Santo era uma das formas usadas pelo povo judeu, para qualificar os espíritos bons e iluminados, tais como anjos, espíritos de Deus, mensageiros de Deus, etc.

Examinando os diversos trechos que foram apresentados como exposição dos fenômenos espirituais que se processaram nos primórdios do Cristianismo, verificaremos que para o mesmo feito espiritual, eram usadas expressões diferentes.

Interessante particular que nos faz perceber que de acordo com o fenômeno espiritual, assim era interpretada a entidade atuante, isto é, nos casos de audição somente, era o Espírito Santo que lhes falava, e quando o fenômeno se produzia pela audição e vidência conjuntamente, então era um anjo um espírito de Deus. Razão pela qual notamos que os apóstolos faziam ou deixavam de fazer certas coisas, por insinuação do Espírito Santo. Mas, em circunstâncias e casos semelhantes, também diziam que era um anjo que lhes falava, ou simplesmente um espírito.

Se o dom do Espírito Santo que os apóstolos receberam antes de iniciarem a sua obra missionária de pregação do Evangelho do Mestre Jesus, não tem nenhuma relação com o dom da mediunidade que hoje conhecemos, como pensam os que professam o Cristianismo sectário, como se explica, então, o fato da atuação do Espírito Santo só se verificar através de anjos, espíritos de Deus, mensageiros do Senhor, como nos testificam os que, por intermédio dos "dons" mediúnicos da vidência e da audição, os viam e com eles conversavam?

Nos casos de feitos extraordinários que são relatados em Atos dos Apóstolos, a entidade espiritual é sempre um anjo. Como tivemos já a oportunidade de apreciar, o apóstolo Pedro é tirado da prisão por um anjo, que o acompanhou a uma rua fora da prisão; Felipe viu e ouviu um anjo que lhe falou que fosse pela banda do Sul, onde encontrou o etíope eunuco, mordomo-mor de Candace, rainha dos etíopes; o apóstolo Paulo disse que à noite um anjo lhe falou que não temesse, porque era necessário que fosse apresentado a César; os apóstolos que se encontravam presos na prisão pública, foram libertados por um anjo, que à noite foi lhes abrir a porta, tirando-os para fora; Cornélio orava, quando lhe apareceu um anjo, que lhe falou que deveria procurar o apóstolo Pedro, a fim de ser por ele instruído acerca da boa nova da salvação. Sempre anjos. Anjos, cujas características pessoais, nos descreve o próprio Cornélio, quando, relatando ao apóstolo Pedro como foi atendido por Deus, disse que estava orando, e eis que diante de mim se apresentou um varão com vestido resplandecente, etc.

Como vemos, na descrição que é feita em Atos dos Apóstolos, Cap. **10; 3**, sobre o que aconteceu a Cornélio, diz que ele viu um anjo de Deus, e mais adiante, citando o que ele mesmo disse a Pedro, relata que ele viu um varão com vestes luminosas. Esses é um dos muitos exemplos que poderiam ser colhidos das escrituras bíblicas. Aliás, o que tivemos a ocasião de verificar no capítulo anterior, onde foi apreciado o mediunismo dos profetas antigos. Os videntes declaravam que tinham visto um anjo e com ele conversado, dando a impressão de que se tratava de uma criatura angelical alada, de formação ultra-humana. Porém, logo mais, descrevendo o que realmente tinham visto, diziam que era um varão, vestido de tal forma, o que deixa explicado que os chamados anjos, eram, na verdade, espíritos elevados, que se apresentavam, como acontece até hoje, em nome de Deus.

Essa questão de anjos e de Espírito Santo, como acabamos de ver, tem o seu esclarecimento nos próprios textos bíblicos.

E se não encontramos nas epístolas apostólicas afirmações explicativas de que eram espíritos que se comunicavam com os apóstolos e discípulos no Cristianismo primitivo, e não um único Espírito Santo, é porque, como ficou esclarecido, não havia ainda perfeitos conhecimentos sobre os fenômenos das manifestações espirituais. A esse respeito, o apóstolo Paulo nos dá uma clara demonstração, pois que, em I Coríntios, cap. **12;4**, falando sobre a diversidade dos dons, diz que muitos eram os dons, mas que era somente um o espírito, e mais adiante, no cap. **14;32, 33**, diz que os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas, porque Deus não é Deus de confusão senão de paz. Todavia, também somos induzidos a pensar na possibilidade de ter havido a interferência do ideal religioso dos tradutores das escrituras bíblicas, que exertaram algumas citações que não lhes pareciam condizentes com a sua interpretação teológica.

Contudo, é preciso lembrar sempre que a verdade sobre todas as coisas é uma só. E, a respeito dos fenômenos espirituais, não é a interpretação das ideias preconcebidas da teologia que mudará a veracidade da sua real natureza.

Em suma, pelo que foi analisado e comentado em tomo dos fenômenos espirituais que se encontram descritos na Bíblia, parece não restar dúvidas de que o Espírito Santo, o Consolador, que viria para amparar e assistir aos apóstolos e discípulos, também chamado Espírito da Verdade, figura os anjos e os Espíritos de Deus que são citados, tanto no Velho como no Novo Testamento, e, hoje, para nós os bons Espíritos, os Espíritos de luz, os Mensageiros de Deus, e os Guias, Protetores, Mentores e Obreiros espirituais.

Evidentes e arrazoadas deduções interpretativas, que não percebem a sua veracidade somente os que não querem, o que já não podem percebê-las pela interferência das ideias preconcebidas de fundo religioso.

Mas, os independentes, aqueles que já não alimentam mais as ideias das ideologias humanas, que, com honesta e sincera intenção, procuram unicamente a verdade das coisas e a realidade dos fatos, percebem claramente, nas entrelinhas

das narrações históricas do Novo Testamento, a atuação dos espíritos no Cristianismo primitivo.

capítulo XXIII O TEMPO DO ESCLARECIMENTO DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS

Pelo que nos informam os registros históricos de certos povos da Antiguidade, o fenômeno espiritual existe desde que a Humanidade existe. De todas as partes do mundo temos notícias de que os seres humanos, dotados de faculdades extrafísicas, viam entidades espirituais, com elas falavam, recebendo conselhos, orientações, etc., e por seu intermédio faziam curas "milagrosas" e produziam feitos extraordinários.

Naturalmente, esses fenômenos eram mal compreendidos e encarados como feitos misteriosos pela maioria dos povos que compunham a Humanidade daquelas afastadas épocas.

Cada povo tinha a sua crença, alicerçada no poder e na justiça dos deuses. A crença reinante na face da Terra, era a de atribuir a seres superiores o governo do mundo. Assim, cada nação tinha os seus deuses, que eram adorados através de imagens esculpidas que os representavam, em tomo dos quais foram estruturadas diversas religiões e tecidas ideias que lhes atribuíam poderes extraordinários.

A história contém em seus registros muitos desses informes, que nos dão uma ideia da condição da Espiritualidade daqueles tempos.

As grandes e pequenas nações antigas da Ásia, da África, da Europa e das Américas possuíam suas religiões, que, embora na sua maioria idólatras, praticavam seus rituais de poderes ocultos. Os persas, os caldeus, os assírios, os medas, os babilônios, os egípcios, os hindus, os chineses, os gregos, os amorreus, os incas, os astecas, os romanos, os hebreus, etc. possuíam suas crenças baseadas no sobrenatural.

Muitas dessas nações são mencionadas na Bíblia. Nações cujas religiões tinham por ministros os magos, os sacerdotes, os manus, as sibilas, as pitonisas, os necromantes, os gurus, os hierofantes, os profetas, os adivinhos, etc., todos intermediários do plano espiritual, de onde lhes vinham as mensagens, as advertências, as admoestações, as promessas, etc. Manifestações e comunicações espirituais, que, naturalmente, se processavam segundo as condições medi únicas do grau evolutivo de cada um.

Essa era a condição da Humanidade a respeito da atuação dos gênios do bem e do mal, que segundo a crença dos povos eram os emissários dos deuses.

Situação que perdurou durante milênios, verificando-se apenas insensíveis modificações na forma de conceber a Causa da Vida e de interpretar os fenômenos espirituais.

Através dos tempos, muitas filosofias foram sendo estruturadas nos moldes da concepção reinante em cada época. Filosofias, todas objetivando a solução do transcendental problema da razão da existência, e a explicação da vida extraterrena, sob o colorido das conceituações pessoais de cada pensador. Uns, completamente influenciados pelo sentimento religioso, outros, já máis distanciados do preconceito teológico, e outros mais, já emancipados de tais princípios, portanto, independentes do predomínio das crenças religiosas.

Ao lado das religiões e filosofias, desde um longínquo passado, em algumas partes do mundo, já constatavam os grupos dos mais maduros, que estudavam os fenômenos espirituais através da prática experimental, cujos conhecimentos adquiridos a respeito do espírito e suas manifestações, bem como as concepções mais avançadas sobre o Criador, eram mantidos num círculo privativo como conhecimentos esotéricos de uma ciência oculta.

Esta situação perdurou até quando a Humanidade, pelo seu estado evolutivo alcançado, estava com a sua área científica já bem mais aprofundada, e a sua consciência (a dos mais maduros) suficientemente preparada para receber esclarecimentos mais lógicos e positivos a respeito da vida espiritual, até então muito superficialmente compreendida e erroneamente interpretada.

Embora as manifestações espirituais já se produziam desde um remoto passado, por intermédio do mediumismo, cujos médiuns falavam línguas, profetizavam, faziam sinais maravilhosos (produção de efeitos físicos), que, até certo ponto, passavam despercebidas dos representantes da ciência, por não lhes despertar a atenção, contudo as que se produziram na ocasião em que, por determinação do Alto, por ter chegado o tempo da revelação do Mundo Espiritual, deveriam ser estudadas e reconhecidas, foram de forma tão espetacular, que representaram o toque de chamada para reunir as criaturas de boa vontade, os trabalhadores da última hora.

Segundo a história do Espiritismo, os fenômenos espirituais que figuraram os clarins do Plano Espiritual, que soaram anunciando a alvorada de uma nova era, foram os que se produziram por volta de **1847**, através de Kate e Margareth, filhas do casal John Fox, de origem alemã, pertencentes à Igreja Episcopal Metodista, residentes em Hydesville, aldeia do Comando de Wayne, estado de New York. Pois foi nessa aldeia que se produziram os fenômenos físicos em circunstâncias tais e de aspecto tão alarmante, que atraíram a atenção dos clérigos, dos religiosos em geral, das autoridades públicas e dos representantes da ciência oficial também.

Foi grande o movimento que se verificou em tomo dos chamados, então, fenômenos estranhos que se produziam, desafiando a investigação científica. E não foram poucos os que abordaram esses aparentemente inexplicáveis fenômenos extrafísicos. Entre eles estavam os que pertenciam ao mundo científico, na sua maioria pessoas famosas e de renome mundial.

Duvidosos e circunspectos, de início, os experientes e bem formados representantes da ciência começaram a investigar o fato, a fim de verificar se se tratava de um fenômeno autêntico, ou de uma fraude adrede preparada por hábil embusteiro.

De sorte que foi com muita cautela e toda precaução que aquelas honestas criaturas procuraram descobrir os meios empregados para produzir aquele mistificado espetáculo. E depois de feito todo o exame possível em tomo do que ali se produzia extraordinariamente, surpresos verificaram que não se tratava de tmque arquitetado por algum espertalhão que queria ludibriar os incautos com sua arte de produzir feitos aparentemente extraordinários. Entretanto, restava encontrar a causa de tais fenômenos que se mostravam inexplicáveis. E isso aconteceu, porque os fenômenos evoluíram na sua forma de manifestação, permitindo aos investigadores escalados pelo Alto perceberem que a sua produção era oriunda de forças inteligentes, que, por fim, foram reconhecidas como sendo a de espíritos, habitantes de um mundo ainda desconhecido.

Por estar se cumprindo o que foi programado pela Divina Providência, os fenômenos espirituais produziram-se em outras partes do mundo, onde estavam presentes os intermediários dos Obreiros do Além. Fenômenos que foram igualmente pesquisados e estudados pelos que receberam a missão de serem os porta-vozes para toda a Humanidade da revelação da existência e imortalidade do espírito.

Assim, em diversas partes da Terra, o Mundo Espiritual entrou em contato, através dos médiuns, com os seres encarnados, cujos habitantes desse mundo então desconhecido, na sua maioria, foram hóspedes, em outros tempos, do plano em que vivemos.

Os espíritos que se comunicavam, quase sempre, identificavam-se, descrevendo as pessoas que eram quando encarnados, indicando a época e o lugar em que viveram, e dizendo qual o papel que desempenharam no palco da vida terrena. Informes, que sempre tiveram a sua comprovação, posteriormente, quando era feita uma cuidadosa e acurada busca em tomo do que havia sido anotado.

Os fenômenos que começaram com simples pancadas e arremessos de objetos, foram-se produzindo de forma cada vez mais perfeita e completa. As pancadas foram convencionadas em um alfabeto (tiptologia) que possibilitou um entendimento entre os de cá e os de lá, esclarecendo-se assim a causa dos fenômenos, bem como outras tantas particularidades do Plano Espiritual. Orientações que levaram os pesquisadores a operar em ambiente adequado e com os meios apropriados a essa prática experimental.

Assim, os espíritos foram encontrando condições que favoreciam a realização de feitos espirituais, que se produziam de forma espetacular.

Por determinação do Alto, as criaturas de excepcionais faculdades mediúnicas

foram surgindo nos vários países onde se encontravam os homens suficientemente amadurecidos que, atendendo ao chamado dos Mentores responsáveis pela evolução humana, dedicaram-se ao edificante e nobre trabalho de reconhecimento dos fenômenos espirituais.

Essas criaturas, dotadas de excelentes dons espirituais, que o Plano Superior enviou à Terra para possibilitar o esclarecimento dos fenômenos psíquicos, bem como a explicação da vida além túmulo do cidadão espírito, desempenharam importante tarefa de ordem evolutiva. Pois que, lado a lado dos que tinham a missão de receber, anotar e transmitir à Humanidade a mensagem da vida eterna, representaram verdadeiras dádivas do Céu. Atuaram como delicados e precisos instrumentos que facultaram aos investigadores da fenomenologia psíquica falarem com os espíritos, vê-los e tocá-los quando materializados.

Descrever o movimento que se verificou aqui na Terra, quando chegou a hora dos seres humanos tomarem conhecimento da verdade de sua vida, que foi a mais importante de todas as verdades até então reveladas, é trabalho de especialista, cuja extensão de tão significativo labor, neste capítulo, que tem a finalidade de apresentar apenas um resumo desse apoteótico acontecimento, não comportaria sequer uma sua fração.

Sem desmerecer o valor de nenhum dos que tomaram parte da grande batalha da conquista do reconhecimento positivo da multimilenar ideia da existência e imortalidade do espírito, pois é grande o seu número, para fornecer uma pálida imagem do grandioso evento, mencionaremos aqui apenas os nomes dos ilustres senhores, Dr. John W. Edmonds, presidente da Suprema Corte do Distrito de New York; Aôred Russel Wallace, célebre naturalista inglês; Dr. Charles Richt, professor da Faculdade de Medicina de Paris e Diretor da Revue Scientifique; Ernesto Bozzano, sábio pensador de Gênova; Gabriel Delanne, eminente engenheiro francês; Victor Hugo, imortal escritor francês; Augustus de Morgan, presidente da Sociedade Real Astronômica; Dr. J. Ocho-rowicz, da Universidade de Lemberg; Professor James J. Mapes, médico, químico e lente da Academia Nacional; Camille Flammarion, genial astrônomo francês; John Tyndal, sábio mundialmente conhecido; Cesare Lombroso, famoso médico e criminalista italiano; Alexandre Aksakof, sábio de renome mundial; Dr. Ercole Chiaia, professor da Universidade de Nápoles; Leon Denis, preclaro filósofo e insigne escritor francês; Friedrich Zöllner, catedrático de física e astronomia da Universidade de Leipzig; Dr. Robert Chambers, alto dignatário da Universidade de Sidney; Robert Dale Owen, célebre escritor inglês e membro do Congresso Norte-Americano; Reverendo W. Stainton Moses, professor da University College School; Dr. Oliver Lodge, professor de física no Real Instituto Científico de Dublin; William Crookes, sábio inglês de reconhecida reputação.

Essas honradas e valorosas criaturas trabalharam denodadamente no campo da Espiritualidade e muito fizeram em prol da causa do espírito. Trabalho esse, que

exigiu que renunciassem a todo o interesse pessoal, pois sofreram muita crítica e tiveram que enfrentar a dura reação dos que alimentavam o preconceito religioso, dos conservadores das ideias herdadas e dos partidários do materialismo, que tudo faziam para desmoralizar e destruir os positivos resultados do sincero e honesto estudo feito sobre os fenômenos espirituais. Não obstante, os destemidos pioneiros do estudo de fenomenologia psíquica prosseguiram na sua jornada de labor, e assistidos pelo Plano Espiritual, foram vencendo a resistência das formalidades humanas.

Abnegados missionários, cujo dedicado trabalho forneceu à Humanidade importantes informações sobre a vida espiritual, a explicação do processo dos fenômenos psíquicos, e a comprovação da autenticidade das comunicações e manifestações dos espíritos.

Análise, exame e estudo dos fenômenos psíquicos que foram feitos em diversas partes do mundo, cujos idênticos resultados vieram comprovar a sua irretorquível e insofismável veracidade, e dar cunho científico ao seu reconhecimento e aceitação por a -f* b, pois que todos os que procuram a verdade dos fatos, chegaram à unânime conclusão de que realmente eles são produzidos por espíritos que, na sua maioria, já viveram em nosso meio material. Confirmando assim, que o que vem do Alto só tem uma explicação, e que em verdade não pode haver mais de uma forma de interpretação.

Depoimentos e testemunhos subscritos por um grande número de honestos, sinceros, conceituados e famosos cientistas, magistrados, catedráticos, engenheiros, escritores, que figuraram como sólidos pilares sustentadores do Espiritismo codificado por Léon Hippolyte Denizard Rivail, pois o que foi apurado no estudo dos fenômenos espirituais, feito por essas egrégias criaturas que o Plano Espiritual arregimentou, em nada difere do que é afirmado pela Doutrina Espírita, estando, portanto, todos em perfeita concordância doutrinária, filosófica e científica.

Dos que abordaram o estudo do metapsiquismo, muitos o fizeram durante longos anos. E tudo quanto foi observado sobre os fenômenos, tudo quanto foi colhido como esclarecimento e explicação a respeito da vida além túmulo, foi anotado cuidadosamente para, posteriormente, ser transmitido à Humanidade através de livros que cada um publicou.

Os que foram citados, e todos os demais que tomaram parte na nobre batalha do avanço evolutivo no campo espiritual, cujos nomes estão inscritos no frontispício da Espiritualidade, foram todos obreiros valorosos, que, com esforço e boa vontade, cada qual, cooperou com sua parcela de trabalho na construção do Templo da Verdade da Vida Eterna.

Allan Kardec, foi o pseudônimo adotado pelo valoroso e nobre missionário que o Alto designou para a extraordinária tarefa de receber as mensagens espirituais dos Espíritos da Verdade que o Pai Celestial enviou à seara humana.

Kardec, que não era incauto e nem visionário, também tinha suas dúvidas a respeito da existência do Mundo Espiritual, portanto nada aceitou como verídico, sem primeiro ter verificado que de fato o fenômeno psíquico, realmente, podia ser experimentalmente comprovado como autêntico.

Essa bem formada criatura que o Plano Superior elegeu para formular todas as perguntas aos Apóstolos Espirituais, depois de convencido de que as entidades comunicantes eram realmente habitantes de um mundo extrafísico, ainda desconhecido pela maioria dos seres humanos, e de ter compreendido a importância e profundidade de suas revelações, decididamente, iniciou a sua grandiosa tarefa.

Igualmente como todos os que receberam a incumbência de aplanar as veredas que conduzem às verdades da existência, Allan Kardec contou com a colaboração de médiuns eficientes, seguros e de toda confiança, através dos quais os Mensageiros do Alto transmitiram os conhecimentos que a Humanidade já necessitava receber.

Esses abnegados Seareiros do Mundo Espiritual, esclareceram aos seres humanos interessantes particularidades da vida espiritual, revelaram certas razões da existência, e retificaram as interpretações pessoais que inadequadamente estavam sendo feitas sobre alguns trechos do Evangelho do Cristo.

Assim, tudo quanto a Humanidade já necessitava saber sobre a sua vida real e o seu destino depois da morte, e sobre o porquê do sofrimento humano, o nosso honesto, sincero e competente Representante indagou aos Missionários Espirituais, cujas respostas tudo esclareceram e explicaram. Mensagens e revelações que figuraram a Terceira Revelação que a Humanidade recebeu do Alto.

Tudo quanto os Obreiros do Senhor transmitiram como ensinamentos e conceituações, Allan Kardec anotou, classificou e enfeixou em obras específicas, que passaram a representar o Código da Doutrina Espírita.

Essencial doutrina, que recebeu o nome de Espiritismo, cuja pureza de seus postulados, genuinamente espirituais, constitui um lampadário que o Senhor dos Mundos acendeu no seio da Humanidade para iluminar os passos de todos aqueles que, já emancipados das ideologias religiosas e das formalidades humanas, procuram a verdade de sua vida.

CAPITULO XXIV A LEI DA REENCARNAÇÃO

De tudo quanto tomamos conhecimento, pelos ensinamentos dos Espíritos da Verdade, sobre a vida do espírito, figura como mais importante a Lei da Reencarnação. A reencarnação do espírito é o princípio fundamental em que se assenta a verdadeira

Filosofia Espiritual. Pois é através deste essencial princípio que se explica a aparente injustiça que se verifica na desigualdade de meios de vida e de condições físicas e morais das criaturas humanas, e se esclarece tudo quanto é percebido com sentido dúbio no seio da vida e até mesmo em desarmonia com a Onisciência e a Indefectibilidade do Criador.

Assim, ficamos sabendo que o espírito não é criado quando o corpo vem à luz na existência, como pensam as religiões. Ele já existia anteriormente e muitas foram as vezes que nasceu (encarnou) em corpos físicos para depois morrer (desencarnar), encarnações que se repetirão até a consumação do ciclo correspondente à evolução neste plano.

Sabemos que ainda são relativamente poucos os que aceitam o princípio da reencarnação, pois os seres humanos que estão congregados às diversas religiões que subdividem o Cristianismo, que representam o grosso da Humanidade, ainda estão presos ao sentido literal das escrituras bíblicas. E por não encontrarem nelas nenhuma afirmação categórica de que o ser humano evoluiu através dos estágios dos mundos espiritual e terreno, que se cumpre por meio do processo da reencarnação, não adotam essa lei e até mesmo a combatem.

Desapercebidos estão esses nossos irmãos de ingênua boa fé de que se não está explicitamente declarado na Bíblia que o espírito não é criado por ocasião do nascimento do corpo, mas que está apenas reencarnando, e que isso se repetirá quantas vezes se fizerem necessárias à completação da evolução referente ao plano terreno, é porque os seres humanos daqueles tempos ainda não tinham condição de compreender essa profunda questão.

Uma prova disso temos na observação que Jesus fez a Nicodemos, por ter ele ficado perplexo ao ouvir as suas palavras que lhe declaravam que ele teria que nascer de novo para poder ver o reino dos Céus.

Com referência ao nascer de novo, os que pertencem às seitas evangélicas fazem uma interpretação toda pessoal. Baseados em que também Jesus falou a Nicodemos que se o homem não nascesse da água e do espírito não poderia entrar no reino de Deus, acrescentando que o que é nascido da carne é carne e o que é nascido do espírito é espírito, pensam que Jesus se referiu ao simbólico nascer de novo da conversão e pelo ato do batismo das águas e do Espírito Santo. Ora, se de fato o Mestre tivesse se referido ao batismo da conversão, quando falou a Nicodemos que lhe era necessário nascer de novo, não teria observado a sua ignorância a respeito, sendo ele um doutor da Lei e dos Profetas, já que se tratava de um novo sacramento que ainda não estava em prática. Portanto, não poderia ser por ele conhecido. Mas, a verdade é que Jesus falou do nascer de novo pela reencarnação do espírito. Daí a sua interrogação: "Pois és mestre em Israel e ignoras estas coisas?"

Se Nicodemos ignorava o fato da reencarnação, naturalmente é porque nas escrituras do Velho Testamento não há nenhuma afirmação a esse respeito. E se não há, é porque o povo da época em que foram escritos os livros que estão

enfeixados na Bíblia ainda não tinha alcançado a condição de compreender tal princípio. Pois foi pela mesma razão que Jesus não falou abertamente sobre a reencarnação, esclarecendo que esse conhecimento seria a base de toda a explicação dos porquês da vida. E também porque sabia perfeitamente que se dissesse isso, que, naturalmente, viria transformar radicalmente o velho Judaísmo, seria imediatamente acometido e linchado pela fúria, que se levantaria contra Ele, daquelas criaturas que ainda viviam obcecadas pelo fanatismo religioso.

Além da declaração formal que Jesus fez a Nicodemos sobre o nascer de novo pela reencarnação, Ele fez alusão à reencarnação de Elias como João Batista, quando disse: "E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. Quem tem ouvidos para ouvir que ouça" (Mateus — Cap. 11;14, 15).

O que os nossos estimados irmãos em Cristo, pertencentes às seitas evangélicas, não devem esquecer é que se o Mestre deixou de transmitir certos ensinamentos de profundidade espiritual, foi por achar que ainda não era o seu tempo. A esse respeito Ele falou aos seus apóstolos e discípulos, conforme está escrito no Evangelho de João (Cap. 16: 12,13). Entre as coisas que Jesus tinha para falar, de capital importância, certamente seria sobre a reencarnação dos espíritos.

Considerando a interpretação que Nicodemos fez a respeito do nascer de novo, que perguntou a Jesus como podia, sendo um homem já velho, voltar ao ventre de sua mãe, para nascer de novo, podemos fazer uma ideia de como seria compreendido esse ensinamento pelo povo, que tinha menos condição intelecto-conceptual que o rabino de Israel.

Podemos avaliar o estado de consciência das criaturas contemporâneas à época em que o Cristo veio à Terra, considerando que já se passaram quase dois mil anos, e hoje, embora essa questão já tenha sido revelada à Humanidade há mais de um século, a maioria dos seres humanos ainda não sabe ao certo se a Lei da Reencarnação é um fato real, ou se é simplesmente uma teoria estabelecida pelo Codificador do Espiritismo.

Os tempos são chegados e mister se faz que os religiosos sectários tomem conhecimento de que a Lei da Reencarnação é base fundamental de toda a Espiritualidade, por ser possível, através dela, explicar tudo quanto se apresenta no seio da vida como injustiça e irregularidades.

Observando certas desigualdades e certas discordâncias que são notadas nos meios da vida humana, concluímos que deve haver uma explicação para essas anomalias.

Não havendo explicação da razão dessas irregularidades que são verificadas na vida da Família Humana, seremos induzidos a responsabilizar Deus por tudo que nos parece errado e injusto.

Mas, como hoje Deus já é concebido como a Suprema Inteligência que tudo fez e tudo faz com impecável perfeição, temos a absoluta certeza de que o gênero

humano foi manifestado na seara da existência em igualdade de condições.

Assim, não podemos conceber que Deus tenha criado ao mesmo tempo espíritos de diversos graus de inteligência e em condições diferentes, porque isso seria injusto. Pois que, admitindo que os espíritos são criados no ato do nascimento do seu organismo físico, criar uns mais inteligentes do que outros; uns em corpos defeituosos, deficientes e enfermos e outros em corpos perfeitos e saudáveis; uns em condições de extrema miséria e outros em condições de farta riqueza, etc., seria conceder privilégios, sem merecimentos, a uns e castigar, sem culpa, outros, o que seria uma falta de equidade da parte do Criador.

Justificar essas diferenças verificadas no seio da vida humana, pelo conceito religioso ou alegando que Deus é absoluto, portanto, faz como quer e como entende, já se tomou contrário ao bom senso. E devem saber aqueles que ainda se esforçam para continuar pensando assim a respeito da Justiça Divina, que isso, no nosso atual estado de consciência, significa sofismar a própria razão.

Por termos alcançado a compreensão de que no Organismo da Vida tudo é harmonia e perfeição, é que entendemos que essas aparentes anomalias devem ser explicadas lógica e racionalmente.

Os que, religiosamente, ainda acreditam que os espíritos são criados por ocasião do nascimento do corpo material, devem considerar que se assim fosse, não somente ficariam sem explicação os casos e os problemas acima apresentados, como também a evolução verificada até nossos dias. Ora, se Deus cria os espíritos no ato em que o ser humano vem à luz na vida terrena, naturalmente deveria ser de forma invariável desde o seu princípio original. Nesse caso os espíritos seriam sempre do mesmo grau evolutivo, e não haveria o crescente desenvolvimento espiritual das novas gerações que se vem constatando desde os primórdios da vida humana.

Explicar a evolução do espírito, tendo por base que as experiências adquiridas pelos antecedentes são transmitidas aos seus descendentes por hereditariedade, é uma teoria, como já sabemos, que não pode ser admitida por haver muitos casos que a contrariam. Pois há pais de nível mental e espiritual relativamente baixos, com filhos que são inteligentes e apresentam características de elevada condição espiritual, e há pais inteligentes e espiritualizados, com filhos com deficiência mental e completamente destituídos de vocação espiritual, o que prova que os espíritos nascem (encarnam) cada qual, em seu estado evolutivo já alcançado.

Com referência ao processo evolutivo, temos que optar por uma das conceituações seguintes: ou bem Deus foi criando espíritos de acordo com o progresso material e espiritual que foi sendo alcançado pelos antecessores que se foram sucedendo no campo da vida, ou bem os espíritos foram criados todos iguais no mesmo estado de consciência e, através dos alternados e periódicos cursos das Escolas Espiritual e Terrena, que se processam pelo vaivém do Mundo Espiritual ao material e vice-versa, foram se tornando sempre mais adiantados e cada Tez mais evoluídos.

Crer que Deus foi criando os espíritos cada vez mais evoluídos, como que numa atualização do progresso que se foi verificando no seio da vida humana, é uma incoerência da falta de conhecimentos espirituais, que inverte os fatores de causa e efeito, isto é, que toma o efeito por causa.

Aquele que ainda crê que o espírito é criado no ato do nascimento do corpo, tem que concordar que Deus foi criando os espíritos sempre mais evoluídos em conformidade com o crescente desenvolvimento das organizações físicas e com o desabrochar do intelecto. O que é ao contrário; o aperfeiçoamento do corpo e o desenvolvimento das faculdades intelectuais foram se processando em função da evolução do espírito, que encarna sempre em condições melhoradas e cada vez mais elevado e inteligente. Admitir que Deus tenha criado os espíritos sempre mais evoluídos, enquadrando-os no progresso do meio ambiente, é um absurdo.

Os inúmeros casos de precocidade das crianças, alguns extraordinariamente anormais, demonstrando que a criatura já nasceu sabendo, e os não poucos casos de reminiscências do passado, em que pessoas, especialmente crianças, passam a recordar-se de coisas do passado que deixam atônitos e confusos os que tomam conhecimento de suas afirmações, são provas autênticas da reencarnação dos espíritos. Principalmente, quando são tomados a sério tais casos e, pela cuidadosa verificação feita a respeito, fica comprovado que realmente tudo quanto foi dito é verdadeiro.

Muitos são os casos de recordação de vidas pre-gressas, alguns deles de uma clareza tal que não deixa a menor dúvida de que de fato se trata de reais lembranças do espírito do que se passou em outra vida material.

Analisando séria e honestamente, sem nenhum pensamento preconcebido, o fato dos diversos graus de inteligência que possuem as criaturas humanas, os casos de inteligências precoces das crianças e os de autênticas reminiscências do passado, que revela que o espírito já viveu aqui na Terra em outras épocas; e, por outro lado, considerando, criteriosamente, a infantil condição evolutiva dos seres humanos das remotas eras do passado, e o já relativamente adulto estado de consciência da atual Humanidade, verificaremos que são fatos, casos e observações que evidenciam a reencarnação do espírito.

Enfim, conceber Deus, Onipresente, Onisciente e Onipotente, Soberanamente Justo e Todo Amor, em espírito e verdade, e voltar-se a Ele com todas as forças do coração e do entendimento, como recomendou o amado Mestre Jesus, em face da aparente falta de equidade que se verifica entre os seres humanos e de tudo quanto os fazem sofrer, sem que se perceba, na vida presente, uma razão justificável, somente é possível aos que já tomaram conhecimento de que a lei de causa e efeito, que é constatada em todos os setores do campo da existência, também tem a sua ação no sistema da vida humana, portanto, com os seus entendimentos já alicerçados na fundamental Lei da Reencarnação.

CAPITULO XXV O

CRISTIANISMO REDIVIVO

O Cristianismo nasceu essencialmente puro e foi lançado ao solo da vida humana como celestial semente de luz e amor. Mas, posteriormente, sofreu a ação do estado evolutivo da Humanidade, que influenciou, adaptando-o à sua condição espiritual.

É evidente que a maioria dos seres humanos contemporâneos ao Cristo, que observavam o "olho por olho e dente por dente", não estavam em condições de aceitar os princípios da sua renovadora doutrina de fraternidade e amor, pois a natureza não dá saltos. Porém, alguns, os espiritualmente mais maduros, que figuraram o sal da terra doutrinária e o fermento da massa humana, como falou Jesus, perceberam a grandeza dos ensinamentos evangélicos. Sem esses, a Doutrina Cristã não teria chegado até nós; teria desaparecido logo mais. Assim foi, porque assim estava planejado pela Divina Providência. O Evangelho do Messias enviado deveria permanecer conservado pela Humanidade, embora não observado na sua pureza original, para que, a seu devido tempo, quando os seres humanos tivessem alcançado um mais elevado nível evolutivo, fosse restaurado pelos Espíritos da Verdade conforme preveniu Jesus.

A história do Cristianismo nos relata como ele se foi transfigurando através do tempo. As modificações se foram processando pelos que, sem o devido preparo espiritual, foram ingressando nas fileiras dos seguidores do Cristo. Assim, a original doutrina que o Mestre Jesus legou à Humanidade, toda espiritual, foi sofrendo transformações de ordem material. E o poder do amor, que era a característica essencial da Doutrina Cristã, foi sendo substituído pelo amor ao poder temporal.

As formas materializadas foram deturpando a pureza espiritual da doutrina do Cristo. A introdução de imagens, de dogmas e rituais, de origem pagã, enxertou o Cristianismo primitivo, alterando-o consideravelmente.

De forma que, a doutrina do amado Mestre Jesus, toda baseada na humildade, na caridade e no amor, com o tempo, foi transformada numa poderosa organização político-religiosa, que foi crescendo nos domínios do poder temporal. Comunidade essa que, na condição de igreja de Cristo, predominou sobre grande parte da humanidade, mantendo-a como leiga a respeito das escrituras bíblicas, e impondo-lhe uma rigorosa submissão na observação dos princípios do seu corpo doutrinário, até o advento do Protestantismo, quando então surgiu um reformado modo de professar os ensinamentos bíblicos.

Essa nova seita cristã, procurou imitar a sua simplicidade primitiva, excluindo o culto de imagens, a hierarquia clerical, os rituais e seus paramentos. Porém, no que diz respeito à filosofia espiritual, permaneceu conforme o que fora anteriormente interpretado pelos seus antecessores, que deixaram de admitir toda e qualquer manifestação espiritual em seus meios por considerá-las como procedentes do diabo e dos demônios.

Não tardou muito, por questões de interpretação dos textos bíblicos essa seita protestante foi sofrendo cisões, nascendo, assim, outras novas seitas evangélicas com denominações diferentes. Dissensões que se foram repetindo continuamente até nossos dias, resultando com isso um grande número de seitas cristãs independentes, cada qual, seguindo os ensinamentos do Cristo de uma forma, baseada na interpretação pessoal de cada fundador.

Todas apregoam a salvação em Cristo, e concordam perfeitamente quanto aos preceitos da moral cristã, mas, com referência à sua interpretação filosófica quanto à vida espiritual, ao destino da criatura humana depois da morte, à forma de manifestação do Espírito Santo em seus meios, à guarda de dias, bem como a outras particularidades de fundo doutrinário, discordam entre si e estão divididas.

De sorte que são muitas as seitas evangélicas que congregam grande parte da Humanidade na profissão de diferentes cultos de doutrina cristã.

Como é natural, cada um dos seus fundadores estão convencidos de que a sua forma de interpretar as escrituras bíblicas é a mais certa, portanto, a que realmente salva a criatura e a leva a Deus. Estado de consciência esse que é transmitido aos crentes congregados, os quais passam a pensar também que a sua igreja é a única que tem condição de levá-los ao Céu.

Todas essas seitas evangélicas pregam os ensinamentos de Jesus e concebem a sua filosofia, segundo a letra, razão pela qual muitas ramificações surgiram e continuam surgindo do tronco original da reforma. Cada qual concebe o sentido dos textos bíblicos de acordo com a sua condição espiritual, e pensa que o que lhe foi dado entender foi por inspiração do Espírito Santo. Daí a convicção de que a sua interpretação lhe foi ditada pelo Alto, e a razão de achar que o seu modo de entender as escrituras bíblicas é o único que está certo. Portanto, a seu ver, todos os demais que pertencem a outras seitas cristãs, não interpretam devidamente a "palavra de Deus", e não seguem verdadeiramente as pisadas do Mestre Jesus.

Fenômeno psicológico que se verifica com todo aquele que, por discordar, em algum ponto, da forma de interpretar a letra das escrituras bíblicas da seita a que, então, pertence, entende de fundar uma nova, convencido de que foi Deus que lhe iluminou o entendimento para que pudesse conceber a verdadeira significação das escrituras sagradas. Em cada afastamento de um líder reformista da interpretação da letra bíblica, sempre há um certo número dos que apoiam o seu modo de pensar, o que facilita a fundação de uma nova seita. Então, pastor e prosélitos, compenetrados de que são os únicos depositários das verdades do Céu, passam a apregoar o novo sistema de seguir o Cristo e estar com Deus, atraindo assim a atenção de outros tantos, que, influenciados pelo que ouvem falar em nome de Deus alguns acabam por aceitar como verdadeiro aquilo que lhes é dito, enfileirando-se aos tais seguidores do Mestre Jesus.

E uma vez convertidos nos moldes interpretativos e conceptuais da nova seita,

incondicionalmente coesos com o que lhe foi administrado como palavras do Cristo e vontade de Deus, não dão ouvidos a nada mais que seja diferente do que aprenderam e aceitaram como Cristianismo. Pois cada pastor, servindo-se de versículos das epístolas apostólicas, que então advertiam os novos convertidos ao Cristo para se absterem das "vãs doutrinas" reinantes, que eram na sua maioria idólatras, e para não se deixarem iludir por palavras dos "falsos seguidores do Cristo", põe de sobreaviso os crentes de sua igreja a respeito do que é pregado pelas outras seitas cristãs. Prevenção essa que influi na consciência do crente de tal forma que, salvo exceções, o leva a cerrar as portas do entendimento, para rejeitar tudo o que ouve sobre outras religiões, sem nenhum exame, com a intenção de ser "fiel até à morte para ganhar a coroa da vida eterna", como também lhe foi ensinado.

O que se passa nos meios de uma seita evangélica, ocorre exatamente entre as outras. Os crentes são prevenidos pelos seus pastores contra as outras correntes do Cristianismo sectário. E cada qual entende que somente o seu grêmio está, verdadeiramente, com Jesus, e consegue agradar a Deus.

Diariamente, em todas as partes do mundo, criaturas de boa vontade, atraídas pela palavra evangélica que é pregada em nome de Deus, se convertem às seitas cristãs. São arregimentadas pelas igrejas, "Congregação Cristã", "Assembleia de Deus", "Presbiteriana", "Metodista", "Adventista", "Testemunhas de Jeová", "Casa de Oração", "O Brasil para Cristo", "Luteriana", "Mórmons", e por outras tantas que existem na face da Terra. Criaturas que, depois de convertidas e batizadas, não só procuram seguir piamente o que lhe foi administrado como corpo doutrinário, mas, defendem os princípios da ordem religiosa abraçada como exclusivos postulados da verdade. Desapercebidas tais criaturas de que as demais que foram levadas a outras seitas, também foram condicionadas a pensar assim, e que como foram levadas, por casualidade, a aceitar a crença que adotaram, poderiam ter sido atraídas por outra qualquer das que estão implantadas no mundo, cujos adeptos também passaram a alimentar o mesmo preconceito sectário.

Interessante processo psicológico de que ainda muitos seres humanos são passíveis, e não têm condição de perceber a ação sugestiva que os domina e os faz pensar de uma forma condicionada pela pretensiosa ideia de que Deus concede privilégios a alguém.

Não é preciso ser muito inteligente para compreender que a verdade é uma só. E não é preciso muita profundidade conceptual, para perceber que Deus, em se tratando da interpretação dos textos bíblicos, não iria inspirar suas criaturas de diferentes modos, fazendo com que cada uma pense que somente a ela Ele lhe revelou a verdade das "Suas palavras".

É evidente que a verdade dos fatos tem uma só explicação, e que, em hipótese alguma, a verdade admite mais de uma versão.

Com referência ao Cristianismo, o seu aprendizado é regido pela sua autêntica orientação, e a sua vivência se processa de uma única forma. A Doutrina Cristã é originalmente uma, portanto, as divisões que se foram verificando em torno dos Evangelhos e das Epístolas Apostólicas, é obra dos homens.

Essa tendência separa ti vis ta começou a se manifestar já no início do Cristianismo, como nos revela o apóstolo Paulo em sua primeira Epístola aos Coríntios (Cap. 3:4), quando cita que os crentes queriam se distinguir, dizendo uns que eram de Paulo, e outros que eram de Apoio, etc.

Além da propensão da formação de grupos separados, aquelas criaturas eram induzidas a seguir o Cristianismo juntamente com o Judaísmo, o que, principalmente o apóstolo Paulo, muito combateu, esclarecendo que isso era desnecessário, por quanto estavam vivendo "debaixo da graça e não debaixo da Lei", como nos testifica a sua Epístola aos Romanos.

Paulo, escrevendo aos Romanos, procurou explicar aos neófitos do Cristianismo que eles tinham abraçado uma nova doutrina que deveria ser seguida independentemente do Judaísmo, ressaltando, entretanto, o valor da Lei, isto é, esclareceu que a Lei deveria continuar sendo respeitada como mandamentos que foram úteis a seu tempo, mas que não precisava mais continuar observando-a, pois que os novos ensinamentos de Jesus, em sua essência, continham tudo o que de elevado tinha a Lei, com mais profundidade espiritual. Comprova isso o fato de Jesus ter resumido os Dez Mandamentos, traduzindo-os, sinteticamente, em duas partes essenciais: "Amarás a Deus sobre todas as coisas, e ao teu próximo como a ti mesmo."

Deixando nos arquivos da história os informes de como o Cristianismo se foi transformando, pela interferência humana, em uma religião de poder temporal, fatos que fazem parte do passado, voltemo-nos para o panorama cristão do presente, que é a perspectiva da vivência da Humanidade atual.

Observando o cenário da religiosidade cristã, ficaremos surpresos em verificar como é grande o número de seitas evangélicas existentes. Seitas que se vão sempre multiplicando pelo desentendimento de pontos de vista doutrinário-filosóficos.

As discrepâncias que se verificam entre as ordens do Protestantismo, são em alguns casos, de pouca importância filosófica, mas em outros, são de tal forma que chegam a assinalar contrastes fundamentais.

De um modo geral, as seitas cristãs observam as escrituras bíblicas como foi adotado pelo Reformador, entendendo que a Bíblia é um código divino todo-sagrado. E tomando ao pé da letra o que Jesus disse, que não tinha vindo para abrogar a Lei e os Profetas, mas a dar o seu cumprimento, pensam que tudo o que nela se contém deve ser observado sem se omitir um til.

Assim persuadidos, os congregados das igrejas evangélicas, na sua maioria, procuram seguir os ensinamentos do Cristo, conjugando-os ao Velho Testamento como um complemento da Lei e dos Profetas. Razão pela qual, muita coisa do velho

Judaísmo é observada nos meios do Cristianismo sectário. Alguns, os adventistas, são tão compenetrados em observar a Bíblia integralmente, que até guardam o sábado como se fossem judeus. Outros, as Testemunhas de Jeová, não menos presos à letra das escrituras bíblicas, por entenderem que tudo o que está escrito na Bíblia é a "palavra de Deus", que deve ser rigorosamente observada e fielmente cumprida, formularam a filosofia do seu corpo doutrinário, baseado quase que exclusivamente no Velho Testamento. E sob as luzes de uma interpretação toda pessoal, foram colhidos textos e versículos dos diversos livros do Judaísmo, resultando uma "filosofia cristã" diferente de todas as demais. Como sabemos, diferentes entre si todas as seitas o são, mas essas duas ramificações, a dos Adveçitistas e a das Testemunhas de Jeová, chegam a ser, praticamente, opostas.

Todas as seitas cristãs são unânimes em guardar o domingo, porque foi o dia em que Jesus ressuscitou, enquanto que os "sabatistas" entendem que devem guardar o sábado, conforme o mandamento do Decálogo. E quanto à existência do espírito, todas acreditam na sua sobrevivência após a morte do corpo, mas as Testemunhas' de Jeová, descobriram, através de um "inspirado exame" da "palavra de Deus", que a criatura humana quando morre, o seu espírito também deixa de existir, porque chegaram à conclusão de que o espírito não existe, mas sim a alma, e que essa não é senão o próprio sangue que anima o corpo humano. Para eles, o espírito será dado à criatura humana somente por ocasião da ressurreição do júízo final. Interpretação essa, considerada como absurda incoerência pelos próprios crentes que pertencem às demais seitas evangélicas.

E por incrível que pareça, a seita das "Testemunhas de Jeová" congrega muitos milhares de seres humanos em diversas partes do mundo, cujo número aumenta diariamente pelos que se vão "convertendo ao Cristo" pelas suas pregações.

Contemplando o amado Mestre na pregação de sua elevada doutrina de fraternidade e amor, e de sua iluminada filosofia espiritual, verificaremos que realmente a Humanidade contemporânea não compreendeu porque Ele disse que não tinha vindo para abrogar a Lei e os Profetas, mas a cumprir. Falou Jesus que não veio destruir o que estava sendo observado como mandamentos doutrinários, mas, no entanto, ao transmitir os seus ensinamentos, mencionava os que se relacionavam e eram observados pelo Judaísmo. A cada novo conceito administrado, Jesus citava o correspondente da Lei, dizendo: "Ouvistes o que foi dito aos antigos, eu, porém vos digo". Promovendo assim uma verdadeira transformação no Velho Judaísmo. Razão pela qual, revoltados os judeus, o perseguiram, tramaram uma forma para o condenar e levá-Lo à crucificação.

E continua a não ser compreendido pelos seus "discípulos atuais", que entendem que os seus ensinamentos se harmonizam perfeitamente com a "palavra de Deus", expressada na Lei e nos Profetas.

Com referência à salvação — a reforma da criatura humana — sabemos que ela não depende dos seus conhecimentos filosóficos a respeito da sua vida além túmulo, mas sim dos seus conhecimentos evangélicos e a sua prática na reforma do "homem velho". Mas, reforma sem os conhecimentos sobre a sua verdadeira individualidade espiritual e o seu

destino, é uma realização parcial. A criatura humana tem pela sua frente a estrada da evolução, e essa está condicionada à aquisição de conhecimentos gerais, que compreendem a moral, a filosofia e a ciência.

Quando Jesus falou aos seus apóstolos que tinha ainda muitas coisas para lhes dizer, mas que eles não podiam suportar na ocasião, anunciou-lhes que quando viesse o Espírito da Verdade que o Pai Celestial iria enviar, diria todas as coisas, e relembriaria as suas palavras. E os Mensageiros Espirituais vieram para assistir aos apóstolos e discípulos, conforme está relatado em Atos dos Apóstolos o dia do Pentecostes.

Passaram-se quase dezenove séculos do advento do Cristo de Deus, e do memorável dia do Pentecostes, que foi a chegada dos Espíritos de Deus, conforme foi visto em capítulo anterior, que tratou da atuação dos espíritos no Cristianismo primitivo, e o mundo da religiosidade cristã continua sem saber se os Espíritos da Verdade ditaram aos apóstolos e discípulos aquelas coisas que Jesus deixou de falar por achar que ainda não era o seu tempo. Pois nas epístolas apostólicas não encontramos nada que o Mestre deixou de dizer, e nenhuma extraordinária revelação filosófica a respeito de nossa vida extraterrena, ou qualquer novo esclarecimento que viesse explicar o que era espiritualmente desconhecido, mas tão somente informações a respeito da atuação do Espírito Santo, e sobre os acontecimentos que se desenrolaram na alvorada do Cristianismo.

Pelo que entendemos, quando Jesus disse aos apóstolos que o Espírito da Verdade viria revelar o que Ele deixou de falar, e lembrar os seus ensinamentos, não se referiu ao tempo em que estavam vivendo, mas a uma época futura, como sucedeu com outras coisas que Ele lhes disse, prevenindo-os de certos acontecimentos, dando a impressão de que se cumpririam em seus dias, mas que, na verdade, deveriam suceder em época futura da Humanidade. Mesmo porque, se não estavam em condições de receber certas revelações espirituais na ocasião em que o Mestre lhes falava, continuariam não tendo, logo depois, quando receberam o "dom do Espírito Santo". E também seria desnecessário a rememoração do que Jesus tinha dito aos seus apóstolos, pois que, com certeza, ainda retinham bem vivas em suas mentes as sábias palavras do amado Mestre.

Naturalmente, Jesus se referiu a uma época em que a Humanidade (uma parte) tivesse já alcançado um mais amadurecido estado evolutivo, portanto, em condições para receber do Alto revelações a respeito da verdade de sua vida espiritual. Quando então realmente se faria necessário lembrar as suas palavras — já alteradas pela interferência do pensamento dos homens, que passaram a interpretá-las de várias formas — fazendo-as reviver na sua pureza original com o seu único significado essencial.

E essa áurea época em que os Espíritos da Verdade vieram à Terra para falar aos homens de boa vontade, aquilo que o amado Mestre Jesus prometera que a seu devido tempo seria revelado, foi a que assinalou um pouco mais de dezoito séculos

depois que fora previsto, isto é, há mais de um século passado, como foi descrito em capítulo anterior.

Esses Obreiros Espirituais que o Pai Celestial enviou à seara humana, foram portadores de esclarecimentos sobre o Mundo Espiritual e explicações a respeito da vida além túmulo, que representaram a mais iluminada das revelações que a Humanidade já recebeu. Foi a mensagem da vida eterna.

E relembro as palavras do Mestre Jesus, os Espíritos da Verdade, naturalmente, restauraram o Cristianismo na sua forma primitiva.

Assim como o Cristo não veio para destruir a Lei e os Profetas, também eles não vieram para destruir nenhum dos sistemas religiosos que se formaram em tomo do seu Evangelho. Porém, com "aquelas coisas" que Jesus tinha para dizer, que chegaram até nós como revelações do "espírito que vivifica" para elucidar o sentido da "letra morta", erroneamente interpretada, promoveram, sem a intenção de nada derogar, transformações radicais nas formas pessoais de conceber os ensinamentos do Mestre Jesus, adotados pelas seitas evangélicas.

O que aconteceu a respeito dos novos ensinamentos do Cristo, com relação ao Judaísmo, que não foram aceitos pelos sacerdotes observadores da Lei e dos profetas contemporâneos, exatamente aconteceu com as revelações dos Espíritos da Verdade, pois que já se passou

mais de um século e ainda não foram reconhecidas e nem aceitas pelos pastores do Cristianismo sectário.

Naturalmente, essa reação é derivada de um condicionado estado de consciência dessas criaturas que ainda são propensas a esse comportamento.

A Humanidade, na sua maioria, nunca aceitou prontamente as inovações, as descobertas, as invenções, e, inicialmente, em todos os tempos, sempre resistiu ao que vinha modificar ou alterar o que tinha sido adotado como certo e aprovado.

Entre outros exemplos de capital importância, temos o da iluminada concepção que Copérnico teve sobre o sistema planetário, confirmada e apoiada, logo mais, por Galileu, que afirmava que a Terra era apenas um planeta e não o centro do Universo, como pensavam os seres humanos daquela época, e que o Sol era o centro do nosso sistema planetário. Mas, essa evidente e lógica concepção desses pioneiros do progresso, como sabemos, provocou uma enérgica e ameaçadora reação, principalmente por parte da religião, e não foi aceita senão depois de muito tempo, e mesmo assim de forma gradativa pelos que foram percebendo a sua verdade.

Isto é natural do estado evolutivo da Humanidade, portanto, é preciso dar tempo ao tempo, para que a verdade dos fatos chegue ao seu reconhecimento generalizado.

Assim, em consequência do lento processo de assimilação conceptual do estado evolutivo da Humanidade, as revelações do Mundo Espiritual a respeito da existência, imortalidade e destino do espírito, que chegaram até nós, também não

foram aceitas pela maioria dos seres humanos, que reagiram energicamente, encarando-as, alguns, os religiosos, como coisa do diabo e seus demônios, e outros, os céticos e materialistas, como coisas da ingênua credulidade, de visionários incautos, de trapaceiros, farsantes, embusteiros, etc., e somente uma minoria compreendeu a sua grande e profunda verdade.

Mas, observando o seu progresso desde a sua fase inicial até o presente, verificaremos que nesse tempo decorrido, o número de pessoas que passaram a aceitar as revelações espirituais como autênticas aumentou consideravelmente.

Como vimos em capítulo anterior, foi grande o número de pessoas pertencentes a todas as camadas sociais, principalmente à científica, que aderiram às fileiras dos Legionários do reconhecimento da verdade que veio comprovar a multimilenar ideia da existência do espírito imortal. E foi extraordinário o seu desenvolvimento no campo da pesquisa e do estudo, que, como também já vimos, culminou na codificação da Doutrina Espírita, elaborada pelo nobre missionário Allan Kardec.

Hoje, essa essencial Doutrina Cristã que o Alto instaurou na face da Terra é professada por todos os que, em busca da verdade de sua vida espiritual, se vão libertando das já arcaicas crenças do passado.

A Doutrina Espírita é uma trilogia assentada em justas e sólidas bases. Suas linhas ideológicas se encontram perfeitamente unidas, cujos preceitos de ética, princípios e preconceitos filosóficos, e teorias de resultados científicos, se harmonizam impecavelmente como um triângulo equilátero. Exata relação de princípios básicos e perfeita coerência interpretava dos seus postulados, que demonstra claramente não ser o Espiritismo uma doutrina de ordem humana, mas essencialmente espiritual.

Os seus ensinamentos e preceitos de moral são os mesmos que o amado Mestre Jesus ditou à Humanidade há dois mil anos, purificados da ganga de pensamentos humanos que se foram cristalizando através dos tempos. Os seus princípios filosóficos são originalmente revelações dos Espíritos de Deus, que, a seu tempo, vieram complementar a sua fulgurante filosofia com tudo quanto Ele, na ocasião, não pôde falar. E a sua parte científica é caracterizada pelas positivas comprovações dos fenômenos espirituais que resultaram dos trabalhos praticados no laboratório da própria vida humana.

Esta essencial Doutrina que com o tempo reunirá todas as religiões existentes na face da Terra num só corpo doutrinário-filosófico, é erroneamente interpretada pelo grosso da Humanidade. Ela é tomada por alguns, os indiferentes, como uma simples religião como outra qual-quer; por outros, os mal informados, como uma ciência

de ordem humana que se ocupa com as coisas do outro mundo para desvendar os seus mistérios; e por outros mais, os religiosos, como uma doutrina de demônios chefiada pelo diabo na operação do erro para ludibriarem os seres humanos. E mesmo os que dela já se aproximaram, geralmente levados pela dor, mas que a seguem parcialmente com a sua herdada religião, também ainda não perceberam a real grandeza da Doutrina Espírita, e não compreenderam o alto significado que ela encerra como Doutrina Renovadora.

Em suma, mister se faz que a Humanidade tome conhecimento de que o Espiritismo codificado por Allan Kardec não tem nada em comum com as demais doutrinas que congregam o mundo religioso. Ele não é de ordem humana, mas o resultado de tudo quanto os Mensageiros do Pai Celestial ditaram à Humanidade como elucidações do Evangelho do amado Mestre Jesus, como explicações da razão das provas da dor, e como revelações da vida e do Mundo Espiritual. Portanto, ensinamentos, explicações e revelações que os Espíritos da Verdade transmitiram aos seres humanos, que alicerçaram a estrutura de um sistema doutrinário puramente espiritual. Uma Doutrina que o Criador dos Mundos e das Vidas fez chegar à Terra para reformar as religiões dos homens, a fim de uni-los numa fundamentada e iluminada filosofia espiritual da Sua, presentemente, inconcebível Existência e da Vida Real, e irmaná-los com os laços de fraternidade como membros de uma só família, a Família da Morada Terrestre. Doutrina de Luz e Amor que, na sua essência, é o Cristianismo Redivivo.